



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Adriana Martins Ianino

AQUILO QUE RESSOA DO/NO OUTRO:
UM OLHAR COMPLEXO SOBRE A LALÍNGUA NO AUTISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Recife
2025

Adriana Martins Ianino

**AQUILO QUE RESSOA DO/NO OUTRO:
UM OLHAR COMPLEXO SOBRE A LÍNGUA NO AUTISMO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Escola de Educação e Humanidades, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor (ou Mestre) em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Vilar de Melo

Linha de Pesquisa: Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações.

**Universidade Católica de Pernambuco
2025**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J. (Reitor)
Prof. Dr. Pe. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne, S.J. (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Profa. Dr.^a Valdenice José Raimundo (Pró-Reitora)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Prof. Dr. Danilo Vaz Curado R. M. Costa (Diretor)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
Profa. Dr.^a Roberta Varginha Ramos Caiado (Coordenadora)
Profa. Dr.^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros (Vice-coordenadora)

Ficha Catalográfica

IIIa

Ianino, Adriana Martins.

Aquilo que ressoa do-no outro: um olhar complexo sobre a
língua no autismo / Adriana Martins Ianino, 2025.
149 f. : il.

Orientadora: Maria de Fátima Vilar de Melo.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
Doutorado em Ciências da Linguagem, 2025.

1. Linguística. 2. Aquisição da linguagem. 3. Psicolinguística
4. Crianças com transtorno do espectro autista.
5 Comunicação não-verbal. I. Título.

CDU 801

Pollyanna Alves - CRB/4-1002

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno (a):

ADRIANA MARTINS IANINO

Título da Tese: AQUILO QUE RESSOA DO/NO OUTRO: UM OLHAR COMPLEXO SOBRE A LALÍNGUA.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Doutora em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM. A presente tese foi defendida e aprovada em 03 DE OUTUBRO DE 2025, pela banca examinadora e constituída pelos professores:

Documento assinado digitalmente
 **MARIA DE FATIMA VILAR DE MELO**
Data: 09/02/2026 11:45:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ISABELA BARBOSA DO REGO BARROS**
Data: 03/02/2026 09:07:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 **NADIA PEREIRA DA SILVA GONCALVES DE AZEVE**
Data: 04/02/2026 08:01:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 **INES CATAO HENRIQUES FERREIRA**
Data: 07/02/2026 07:44:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo

Documento assinado digitalmente
 **MARIA CILIA DE CARVALHO RIBAS**
Data: 05/02/2026 12:34:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo

Recife
2025

A língua ressoa em mim, como em um efeito borboleta.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que oportunizaram a realização desta pesquisa:

Professora Glória Carvalho,

Professora Fátima Vilar,

Professoras Cícilia Ribas, Inês Catão, Isabela Barbosa e Nadia Azevedo,

Aos participantes: Jasmine, Saulo, e suas mães; terapeutas Gérsica Lopes, Luciene Santos e Raphaela

Wanderley,

A toda equipe da Fundação Perrone,

À minha família,

Aos amigos sinceros,

Meu coração está repleto de amor e gratidão por todos vocês.

IANINO, Adriana Martins. **Aquilo que ressoa do/no outro: um olhar complexo sobre a lalingua no autismo.** 2025. 149 folhas. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Escola de Educação e Humanidades, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa discute a presença de ressonâncias que testemunham a atividade de *lalingua* em crianças com diagnóstico de autismo, articulando-as à perspectiva da teoria da complexidade. As questões centrais que orientaram o estudo foram: seria possível identificar, em crianças autistas, indícios de *lalingua* que, embora escapem à lógica comunicativa convencional, revelem a relação do sujeito com o inconsciente e com o corpo? E, em diálogo com a teoria da complexidade, como escutá-los e acolhê-los em suas diferentes formas — no olhar, no silêncio, no gesto, na repetição — de modo a reconhecer neles a singularidade de existência que ultrapassa os limites da lógica binária clássica? Para responder a tais indagações, este trabalho tomou como referências a psicanálise lacaniana, em sua abordagem da imbricação corporeolinguagem; a linguística estrutural de Saussure e Jakobson; a perspectiva interacionista de aquisição da linguagem em Lemos; contribuições sobre o autismo e, ainda, a teoria da complexidade, especialmente a lógica do terceiro incluído. O percurso empírico apoiou-se na participação de crianças com diagnóstico de autismo e de suas mães, analisadas por meio de dois estudos de caso clínico em psicanálise. A coleta de dados incluiu observação de campo não participante, em sessões terapêuticas, e entrevistas semiestruturadas com as genitoras, considerando a relevância do discurso materno para a compreensão de que a criança é falada antes mesmo de ser concebida. O objetivo central consistiu em investigar indícios de *lalingua* na imbricação corporeolinguagem em sujeitos autistas, a partir de uma abordagem que reconheça a complexidade dos sistemas comunicativos e a dinâmica não linear das interações entre corpo, linguagem e sujeito. Os resultados evidenciam que, ao considerar a *lalingua* como um terceiro elemento que atravessa a imbricação corporeolinguagem, é possível vislumbrar modos singulares de subjetivação e abrir vias alternativas de mediação com o outro.

Palavras-chave: lalingua; autismo; teoria da complexidade.

IANINO, Adriana Martins. **That which resonates from/with the other: a complex look at language in autism.** 2025. 149 pages. Thesis (Doctorate in Language Sciences). School of Education and Humanities, Postgraduate Program in Language Sciences, Catholic University of Pernambuco. Recife, 2025.

SUMMARY

This research discusses the presence of resonances that testify to the activity of *lalangue* in children diagnosed with autism, articulating them with the perspective of complexity theory. The central questions guiding the study were: is it possible to identify, in autistic children, signs of *lalangue* that, although escaping conventional communicative logic, reveal the relation of the subject to the unconscious and to the body? And, in dialogue with complexity theory, how can such manifestations be listened to and welcomed in their different forms — in the gaze, in silence, in gesture, in repetition — in order to recognize in them a singularity of existence that goes beyond the limits of classical binary logic? To address these questions, this work draws on Lacanian psychoanalysis, particularly in its approach to the body–language intertwining; Saussurean and Jakobsonian structural linguistics; Lemos’s interactionist perspective on language acquisition; theoretical contributions on autism; and complexity theory, especially the logic of the included third. The empirical path relied on the participation of children diagnosed with autism and their mothers, analyzed through two psychoanalytic clinical case studies. Data collection included non-participant field observation during therapeutic sessions and semi-structured interviews with the mothers, considering the relevance of maternal discourse to the understanding that the child is spoken even before being conceived. The main objective was to investigate signs of *lalangue* in the intertwining of body and language in autistic subjects, within an approach that recognizes the complexity of communicative systems and the non-linear dynamics of interactions between body, language, and subject. The results show that, by considering *lalangue* as a third element that traverses the body–language intertwining, it is possible to glimpse singular modes of subjectivation and to open alternative pathways of mediation with the other.

Keywords: *lalangue*, autism, complexity theory.

IANINO, Adriana Martins. **Ce qui résonne de/avec l'autre : un regard complexe sur le langage dans l'autisme**. 2025. 149 pages. Thèse (Doctorat en Sciences du Langage). École d'éducation et de sciences humaines, Programme de troisième cycle en sciences du langage, Université catholique de Pernambuco. Recife, 2025.

RÉSUMÉ

Cette recherche discute la présence de résonances qui témoignent de l'activité de la *lalangue* chez des enfants diagnostiqués autistes, en les articulant à la perspective de la théorie de la complexité. Les questions centrales qui ont orienté l'étude furent : est-il possible d'identifier, chez des enfants autistes, des indices de *lalangue* qui, tout en échappant à la logique communicative conventionnelle, révèlent le rapport du sujet à l'inconscient et au corps ? Et, dans le dialogue avec la théorie de la complexité, comment les écouter et les accueillir dans leurs différentes formes — dans le regard, le silence, le geste, la répétition — afin d'y reconnaître une singularité d'existence qui dépasse les limites de la logique binaire classique ? Pour répondre à ces interrogations, ce travail s'appuie sur la psychanalyse lacanienne, notamment dans son approche de l'imbrication corps–langage ; sur la linguistique structurale de Saussure et Jakobson ; sur la perspective interactionniste de Lemos concernant l'acquisition du langage ; sur des apports théoriques relatifs à l'autisme ; et sur la théorie de la complexité, en particulier la logique du tiers inclus. Le parcours empirique s'est fondé sur la participation d'enfants diagnostiqués autistes et de leurs mères, analysés à partir de deux études de cas cliniques en psychanalyse. La collecte des données a inclus l'observation de terrain non participante lors de séances thérapeutiques, ainsi que des entretiens semi-structurés avec les mères, en considérant la pertinence du discours maternel pour comprendre que l'enfant est parlé avant même sa conception. L'objectif central consistait à investiguer les indices de *lalangue* dans l'imbrication corps–langage chez des sujets autistes, à partir d'une approche qui reconnaît la complexité des systèmes communicatifs et la dynamique non linéaire des interactions entre corps, langage et sujet. Les résultats montrent qu'en considérant la *lalangue* comme un troisième élément qui traverse l'imbrication corps–langage, il est possible d'entrevoir des modes singuliers de subjectivation et d'ouvrir des voies alternatives de médiation avec l'autre.

Mots-clés : lalangue, autisme, théorie de la complexité.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	
1.1	Um novo nível de realidade.....	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1	Dialogando com diferentes lógicas.....	22
2.1.1	Apontamentos em Linguística, Psicanálise e Teoria da Complexidade	22
2.2	A perspectiva de Freud sobre o inconsciente	28
2.2.1	O campo de fala para Freud	31
2.2.2	O conceito de pulsão freudiana	33
2.3	Lacan e o inconsciente: a estruturação pela linguagem	36
2.3.1	Breve introdução da perspectiva lacaniana	36
2.3.2	Entre o significante e o sujeito: Lacan e a linguística	37
2.3.3	A constituição do sujeito na ordem simbólica	38
2.3.4	<i>Grande Outro</i> : o lugar do significante	41
2.3.5	Falta vivida: a entrada na linguagem	43
2.3.6	Entre o corpo e a imagem: O estádio do espelho	46
2.3.7	A lógica lacaniana sobre alienação	
2.3.8	Entre o espelho e o significante: caminhos da identificação em Lacan	55
2.3.9	Sobre aquilo que retorna: repetição e ritmo em Lacan	57
2.4	Lalíngua: aquilo que escapa à língua	58
2.4.1	<i>A terceira</i> : a lógica em Lacan	63
2.4.2	Poderia ser, a lalíngua, um terceiro incluído?	67

2.5	O sujeito com diagnóstico de autismo: um olhar para quem e além	77
.....		
3	O CAMINHO METODOLÓGICO	87
	Tipo de pesquisa: Estudo de Caso	
3.1		88
	Instrumentos e critérios para a construção dos casos	
3.2		90
	A construção dos casos: Saulo e Jasmine	
3.3		91
	Saulo pelo espelhamento de sua mãe	
3.3.1		93
	Jasmine pelo espelhamento de sua mãe	
3.3.2		95
	Lócus da pesquisa	
3.4		99
	Procedimentos de análise dos casos	
3.5		100
	Aspectos éticos	
3.6		102
4	ANÁLISE E DISCUSSÕES	
	Aceitando incertezas: possíveis vias de acesso.....	103
4.1	O desconforto no olhar	
		104
4.1.1	De “ecolalia” a repetição	
		114
4.1.2	O ritmo de um coração afetado	
		119
4.1.3	Estilhaços da língua no corpo: a ressonância no autismo	
		124
4.2	Aquilo que ressoa do/no outro: um olhar complexo sobre a língua em Saulo e Jasmine	
		127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
5.1	Como em um efeito borboleta: aquilo que ressoou em nós.....	132

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

1.1. UM NOVO NÍVEL DE REALIDADE

Quem se dispõe a fazer uma trilha, percorre paisagens e lida com subidas e descidas. Percorre um caminho com a promessa de que encontrará um belo lugar ou uma bela vista. Observa a natureza de seus passos e ao seu redor.

E tem a chance de ouvir seus pensamentos em cada um deles. As subidas te fazem questionar se esse ou aquele objeto era mesmo necessário na mochila. Te fazem pensar por que não se dedicou tanto aos exercícios físicos em sua vida diária.

A subida te deixa sem ar e você percebe como você respira mal. Respirar dá grau?

Na mata, a paisagem é verde. Verde. Verde. Verde. Eu já vi tanto verde antes? Quando as flores aparecem suas cores tão mais intensas te prendem o olhar. Pisamos em solo batido. Terra já tantas vezes tentada por tantos outros seres. Pensamos em todos que por ali passaram? Na descida, o corpo agradece.

Sabe como é o ditado, né? Todo santo ajuda! E ajuda mesmo. Às vezes ajuda tanto que você embala e tropeça na escada. Depois de um tempo o corpo pode facilmente entrar no automático, você eventualmente esquece onde está e volta pro domínio da mente. Sobe. Desce. Continua. Atravessa. Você ainda está ali naquele cenário? Podemos nos questionar. Por que eu vim? Reclamar. Tô cansada. Mas sempre lembramos da promessa do lugar. E continuamos. Na vida é mais ou menos assim.

Nos propomos a caminhar. Às vezes, a trilha já está dada e mesmo assim o caminho nos apresenta dificuldades, altos e baixos. Uma série de desafios são colocados.

Continuamos diante de uma promessa.

Vai valer a pena. Lembramos da imagem. Contamos com a sensação. E quando a trilha não é dada? Cabe a você abrir espaço, bater o solo e percorrer um caminho nunca antes proposto. Você vai passar pelos mesmos desafios de uma trilha de solo batido. E um a mais: você não sabe qual paisagem vai encontrar.

(Trilhas da Vida - Lígia Tosetto do Prado)

Trajetória pessoal

Inspirada¹ na metáfora das *trilhas de Lígia Tosetto do Prado*, entendo hoje que esta Tese não é apenas um trabalho acadêmico: ela constitui um capítulo de minha própria história. Reflete um percurso de transformação atravessado por dúvidas, descobertas e, sobretudo, por encontros. Encontros com pessoas, ideias e afetos que se tornaram parte essencial deste trajeto. Nas palavras de Fátima Vilar (2025), “a tese é

¹ Solicito ao leitor a permissão para empregar a primeira pessoa neste trecho, em virtude da natureza pessoal da reflexão apresentada.

uma obra viva”².

A decisão de ingressar no doutorado foi consequência dos frutos colhidos na pesquisa de mestrado realizada na Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte, cujo tema foi: *Consciência corporal e práticas pedagógicas na educação infantil, sob o olhar da transdisciplinaridade*. Inspirada na metáfora do “Homem de Lata”, da obra de Baum (1939), a Dissertação propôs uma reflexão sobre as armaduras simbólicas com as quais nos revestimos para suportar as feridas da existência.

Ao longo deste percurso, emergiu uma questão que permanece ressoando: seria eu também um Homem de Lata, necessitando de um novo coração? Conforme argumentado em minha Dissertação (2018), é possível que todos sejamos, em certa medida, sujeitos em processo de desconstrução, constituídos por múltiplos níveis de realidade.

A transdisciplinaridade, ao incorporar a teoria da complexidade, ampliou minha percepção de mundo e abriu espaço para novas questões. Foi nesse contexto que encontrei a Psicanálise – ou, talvez, que a Psicanálise me encontrou – por meio da Professora Dra. Glória Carvalho, minha primeira orientadora neste doutorado. Com ela, emergiu um novo nível de realidade: aquele que escuta os sentidos não ditos, os silêncios, os equívocos da linguagem.

A aproximação com a psicanálise

Desde minha graduação em Fonoaudiologia, sentia-me intuitivamente próxima à Psicanálise. Lembro de como me marcou a leitura da obra de Maria Cláudia Cunha (*Fonoaudiologia e Psicanálise: a fronteira como território*, 1997), especialmente a imagem do “fonoaudiólogo de duas orelhas”: uma que escuta o corpo da palavra, a articulação dos sons que compõem, e outra que escuta o sentido, as entrelinhas do discurso.

Essa sensibilidade, que então era apenas intuída, amadureceu com o tempo e com a experiência clínica. Exemplifico através de um episódio marcante o qual compartilho com o leitor: *Há algum tempo atrás, trabalhei como fonoaudióloga escolar em uma grande escola em Recife (PE). Entre as atividades que faziam parte de minha atuação, realizava oficinas de prevenção sobre audição, voz e linguagem. Então, era do*

² Este registro oral, considerado relevante para a pesquisa, foi realizado pela professora Fátima Vilar de Melo, minha então orientadora, durante uma de nossas reuniões.

conhecimento de toda a equipe e das crianças que “devemos evitar gritar de forma constante, para não machucar as cordas vocais”. Certo dia, uma das professoras do Infantil I (crianças entre 4 e 5 anos de idade) chegou para mim e falou em tom de apelo: “Adriana, não aguento mais esse menino (referindo-se a um de seus alunos); ele só fala gritando, parece que tem “síndrome do Tarzan”!”. Disse a ela que iria falar com ele. Entrei na sala e, de forma intuitiva, agachei-me em frente a ele que estava sentado e disse: “Porque você só fala gritando?” E a resposta dele me impressiona até hoje: “Porque ninguém quer me ouvir”.

Quando relatei o fato para a professora, ela com uma expressão de incredulidade disse: “Adriana, caiu um véu agora do meu rosto. Ele tem duas mães, uma biológica e a que o criou, e as duas estão em luta judicial pela guarda dele”. E então, entendemos “porquê ninguém quer me ouvir”, ninguém procurava saber com quem ele gostaria de ficar. E ele precisava se fazer ouvir.

Essa frase, “porque ninguém quer me ouvir”, abriu uma fenda no olhar clínico: havia ali algo além do comportamento, algo que pedia escuta – não apenas auditiva, mas simbólica. Desse modo, a inquietação que atravessa esta pesquisa surgiu de experiências marcadas por expressões que, à primeira vista, não se apresentam como linguagem convencional e que me levaram aos seguintes questionamentos: como escutar aquilo que escapa ao código formal? Como reconhecer, na expressão sintomática, uma forma de dizer? Essas perguntas sustentam a direção da escuta que se propõe aqui, especialmente quando se trata de sujeitos cuja linguagem se desdobra em silêncios, tropeços, hesitações ou repetições.

Em 2019, no artigo *Disciplinaridade e Transdisciplinaridade: o homem de lata x o homem dilata*, a Professora Glória Carvalho identificou, em minha escrita, uma aproximação significativa entre os termos “de lata” e “dilata”. A leitura psicanalítica desse deslocamento metafórico e metonímico revelou uma chave interpretativa: o “homem dilata” como aquele que, diferentemente do sujeito rígido e automatizado, deixa-se afetar e expandir pela experiência da linguagem e da educação. Essa leitura lançou as bases conceituais e afetivas para a presente investigação, permitindo que a escrita e a escuta se entrelaçassem de forma singular. A aproximação homofônica entre “de lata” e “dilata” ressoou em mim, emergindo no percurso de construção de saberes. Essa experiência remete à concepção de Lemos (2015) sobre a transmissão como passagem do saber ao saber-fazer. O ponto de cruzamento entre o saber da língua, o saber do sujeito falante e o saber do pesquisador revela a irredutibilidade do sujeito à

linguagem formal. É nesse intervalo, entre os três saberes, que a linguagem encontra lugar, gerando efeitos que atravessam o sujeito e carregam a potência de lançar para além, de atravessar e de depositar marcas no corpo. Essa concepção dialoga diretamente com o conceito de **lalíngua** formulado por Lacan, quando o introduziu em seu seminário *O saber do psicanalista*, na aula de 21 de fevereiro de 1973.

Lacan (1998), ao introduzir o conceito de lalíngua, destaca uma dimensão da linguagem que não pode ser completamente capturada pelo sistema simbólico — isto é, pela linguagem organizada conforme regras gramaticais e significados de uma língua como é, tradicionalmente, estudada pela linguística. Essa dimensão escapa ao simbólico e se manifesta nos vestígios da fala, como tropeços, pausas, falhas, repetições e silêncios, evidenciando a presença do que não se enquadra na estrutura formal da linguagem. Nas palavras de Lacan (1998, p. 123), “lalíngua serve ao inconsciente. Serve-lhe para isso – gozar.” Nessa perspectiva, escutar aquilo que não parece linguagem é acolher a possibilidade de um dizer que não se organiza pelo sentido, mas pelo efeito que provoca.

Ao enxergar esse ponto de cruzamento, conectei a lalíngua a uma experiência já presente em mim: a compreensão da lógica do “terceiro incluído” e dos níveis inter-relacionados da realidade que, em meu olhar, dialogaram de modo imediato com a lalíngua. De forma análoga, lalíngua também opera em camadas, pois ressoa no corpo e continua viva mesmo após a formalização do código linguístico. Isto leva a refletir sobre a necessidade de uma abordagem transdisciplinar, em relação ao sujeito, que acolha corpo, som e afeto, reconhecendo aquilo que escapa, dilata-se, pulsa.

A construção da problemática

O crescente número de diagnósticos de autismo na contemporaneidade, muitas vezes fundamentado em critérios estritamente comportamentais, levanta questionamentos importantes. Como alerta Catão (Revista Crianças, 2024), é preciso cautela: “Nem tudo é autismo”. Ao reunir sob um mesmo rótulo clínico manifestações muito diversas, como destaca Vorcaro (2004), o autismo corre o risco de se tornar um campo excessivamente amplo e difuso que pode acabar por acolher qualquer diferença comportamental. Essa ampliação indiscriminada pode levar a uma padronização e medicalização da diversidade subjetiva das crianças, desconsiderando a singularidade que ultrapassa os critérios rígidos dos protocolos comportamentais. Tal fenômeno não apenas banaliza diagnóstico, mas também obscurece a compreensão profunda das

trajetórias de vida de cada sujeito, reduzindo-o a um conjunto de sintomas observáveis e mensuráveis.

Em contraposição, a psicanálise propõe um olhar que se afasta dessa lógica classificatória e estatística, priorizando a escuta do sujeito em sua singularidade e sua relação com a linguagem, o corpo e o laço social. Para a psicanálise, o diagnóstico não é um fim em si mesmo, mas um ponto de partida para entender como o sujeito se constitui, como se estrutura no campo do simbólico e como se vincula ao Outro. Por isso, nesta pesquisa, interessa-nos mais o caminho que leva ao diagnóstico do que o diagnóstico em si. Buscamos investigar o processo de estruturação do sujeito, especialmente no momento antes do sujeito se constituir plenamente no campo do simbólico, em uma fase inaugural marcada pela relação direta com a língua.

Norteados, então, pela visão psicanalítica sobre os sinais comportamentais que podem indicar, ou não, a presença de traços do espectro autista (como, por exemplo, pouco contato visual e/ou ecolalia), propomos a seguinte problemática: é possível identificar em crianças com diagnóstico de autismo, expressões singulares da língua, que escapam à comunicação tradicional, mas revelam a relação do sujeito com o inconsciente e o corpo? E, em caso afirmativo, como acessar e acolher esses efeitos na fala, corpo, silêncio e repetição, reconhecendo-os como modos legítimos de existência além do sentido lógico?

Para buscar responder a estas indagações, constituímos nosso objetivo geral, que consistiu em:

Investigar indícios de língua, na imbricação corporeolinguagem em sujeitos com diagnóstico de autismo, a partir de uma abordagem que considere a complexidade dos sistemas relacionais e a dinâmica não linear das interações entre corpo, linguagem e sujeito.

E como objetivos específicos, estabelecemos:

- Compreender, a partir dos relatos maternos, o modo como o movimento de falta se inscreve na história dos sujeitos, enquanto operador fundamental do simbólico na constituição subjetiva;
- Identificar e analisar possíveis indícios de língua, considerando aquilo que não é conhecido pelo sujeito pesquisado, como os silêncios, o olhar e vocalizações;

- Identificar a partir da lógica do terceiro incluído, possíveis vias que permitem identificar e acessar manifestações de *lalíngua* em crianças diagnosticadas como autistas.

Nosso percurso teórico

Para delimitar nossos achados, foram tomadas como referências principais: trabalhos de Freud e, sobretudo, de Lacan no campo da psicanálise, a linguística saussuriana e jacobsoniana, a teoria da aquisição da linguagem de Lemos, a teoria da complexidade, especialmente, a lógica do terceiro incluído e achados teóricos sobre o acometimento do autismo.

Inicialmente, abordamos a linguística de Saussure e Jakobson, para compreender as teorias psicanalíticas, especialmente a teoria lacaniana. Saussure contribui para pensar o inconsciente, destacando a língua como um sistema de diferenças entre entidades linguísticas cujas leis se impõem ao falante. Jakobson descreve os processos metafóricos e metonímicos, que Lacan associa à dinâmica dos significantes no inconsciente.

A contribuição de Lemos (2002) destaca a relação assimétrica entre a criança, a linguagem e o outro como instanciamento da língua e elemento central na aquisição da linguagem. Freud inaugura a psicanálise com a noção de sujeito do desejo e a distinção entre consciente e inconsciente. Lacan amplia essa teoria com os registros simbólico, imaginário e real, considerando o significante como antecedente do sujeito.

No estágio do espelho, a criança reconhece sua imagem no outro, organizando seu corpo fragmentado em uma totalidade ilusória, o que é fundamental para sua entrada na linguagem por meio da alienação. Essa alienação revela que o sujeito é designado pelo significante do outro de maneira sempre parcial e incompleta, produzindo uma falta estrutural e uma identidade marcada pela alteridade. É nesse ponto que a *lalíngua* se insere como um elemento que antecede à inscrição no simbólico: ela carrega marcas sonoras, afetivas e pulsionais que escapam à lógica do sentido e da significação. Assim, a *lalíngua* participa da constituição do sujeito ao deixar vestígios singulares no corpo e na linguagem, funcionando como um traço que antecipa e atravessa a entrada no campo simbólico.

Nossa filiação à Teoria da Complexidade foi fundamental para articular as diferentes teorias presentes nesta pesquisa, oferecendo um novo olhar sobre o sujeito com diagnóstico de autismo. A complexidade, ao reconhecer a interconexão e a

dinâmica entre corpo e linguagem, levou-nos a considerar a *lalíngua* como um terceiro elemento na relação corpolingüagem, em constante transformação e aberto a múltiplas interpretações. Nesse sentido, a lógica do terceiro incluído, proposta por Nicolescu (1999), que admite a coexistência de opostos — o “A e não-A” — e a emergência de novas realidades, fundamenta nossa hipótese de que a *lalíngua* está inscrita neste elemento complexo e inacabado.

Para justificar essa perspectiva, incorporamos também a lógica da não-toda de Lacan (2005) e o transitivismo de Bergès; Balbo (2002), conceitos que rompem com a rigidez da lógica clássica e permitem pensar exceções e possibilidades que ultrapassam a contradição tradicional. Assim, compreendemos que o sujeito autista e sua alienação podem ser vistos não como um estado fixo, mas como um processo dinâmico e multifacetado, atravessado por diferentes níveis de realidade e interação simbólica.

Atualmente, embora a etiologia do autismo seja majoritariamente atribuída a fatores genéticos e neurológicos, na psicanálise, autores como Maleval (2009) e Vorcaro (2004) destacam que o sujeito autista não apresenta uma falha, mas modos próprios de constituição e vínculo, frequentemente expressos por ecolalia, neologismos ou silêncio. A clínica psicanalítica, nesse sentido, busca acolher essas manifestações, sustentando a singularidade do sujeito em seu modo de estar no mundo.

A partir da contribuição de Vorcaro (2004), a *lalíngua* é compreendida como fundamental para entender o sujeito autista, por se manifestar como uma dimensão sonora e pulsional que articula corpo, linguagem e gozo, escapando ao código lingüístico convencional. Embora ainda pouco explorada na literatura, a *lalíngua* no autismo aparece em expressões vocais que marcam o corpo autístico com ritmos, prosódias e sons próprios.

Reconhecemos que abordar possíveis manifestações de *lalíngua* em sujeitos com diagnóstico de autismo, sobretudo, sob a luz da teoria da complexidade representou um desafio, devido à escassez de estudos e à sutileza do tema. No entanto, essa abordagem nos proporcionou um solo fértil para a formulação de hipóteses inovadoras, guiadas pela provocação de Lacan (1998), que enfatiza a necessidade de investigar “onde escutaram o que articulam” esses sujeitos, reconhecendo a multiplicidade de vozes e sentidos envolvidos.

Proposta metodológica

Esta Tese se inscreve no campo de pesquisa qualitativo, estruturando-se a partir da análise de dois estudos de caso clínico em psicanálise. A escolha por essa abordagem se fundamenta na concepção de sujeito adotada pela psicanálise lacaniana, que considera a subjetividade como efeito da linguagem e das marcas singulares inscritas no corpo por meio da *lalíngua*. A utilização de dois estudos de caso permite explorar, de forma aprofundada, os modos distintos de constituição subjetiva em crianças com diagnóstico de autismo, considerando não apenas suas manifestações clínicas, mas também a lógica própria que orienta suas produções de sentido.

Os sujeitos selecionados foram duas crianças entre dois e três anos, diagnosticadas com autismo por meio de laudo neuropediátrico, e suas respectivas genitoras. A escolha das crianças considerou a faixa etária em que os diagnósticos de autismo têm sido cada vez mais precoces, geralmente entre 12 e 24 meses, período crucial para o desenvolvimento da linguagem e da interação. O conceito psicanalítico que designa as vocalizações afetivas presentes na fala, fundamenta a análise das vocalizações das crianças, especialmente em sua interação com a terapeuta, para investigar as marcas simbólicas deixadas pela fala do outro.

Metodologicamente, a observação das crianças foi realizada após as sessões terapêuticas, para preservar o distanciamento em relação às intervenções e focar exclusivamente nas manifestações espontâneas dos sujeitos. Duas terapeutas da área da Psicologia atuaram restritivamente como observadoras participantes, evitando assim possíveis sobreposições entre práticas profissionais distintas, já que a pesquisadora é da área da Fonoaudiologia. A fala das mães, entendida como o primeiro discurso dirigido ao bebê, foi incluída para compreender o lugar em que a criança é colocada no discurso materno, reconhecendo que o bebê é projetado simbolicamente antes mesmo do nascimento.

Nesta pesquisa, como adotamos a perspectiva teórica da Psicanálise, cuja especificidade se constitui no contraponto ao método científico tradicional, sustentado no cogito cartesiano. Se, na lógica racionalista, o eu que pensa se afirma como consciente e senhor de si, a psicanálise introduz uma ruptura ao evidenciar que “lá onde penso, não sou” (Rosa; Domingues, 2010, p. 182).

A incorporação dos conceitos da lógica em Lacan, e do transativismo, visou revelar como as vocalizações de *infans* e o discurso materno se entrelaçam na constituição subjetiva, em especial no autismo, revelando uma dimensão da linguagem que é corporal, pulsional e resistente ao sentido convencional. A filiação da pesquisa à

Teoria da Complexidade nos convida a pensar o sujeito não como entidade fixa e recortável, mas como sistema aberto atravessado por linguagem, corpo e desejo. Este trabalho, portanto, é uma trilha aberta: um percurso investigativo e subjetivo que busca, em relação à criança com diagnóstico de autismo, como diz Lacan (1998), “ver onde escutaram o que articulam”.

Por fim, destacamos que esta pesquisa seguiu princípios éticos rigorosos, com respeito à dignidade e singularidade dos participantes, indo além das exigências institucionais vinculadas à realização de pesquisas com seres humanos, ao adotar uma postura humanista e acolhedora de suas experiências.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. DIALOGANDO COM DIFERENTES LÓGICAS

Dialogar com diferentes lógicas exige de nós um pensamento complexo. Para isso, é necessário fazer uma passagem do pensamento redutor para a expansão do pensamento, baseando-se em campos do conhecimento que irão estabelecer uma tecedura de seus elementos, a ponto de alcançarmos uma forma de enxergar radicalmente transformada. Esse desdobramento possibilita um diálogo produtivo entre linguística, ciência e filosofia, destacando-se, neste estudo, o entrecruzamento entre linguística, psicanálise e teoria da complexidade.

2.1.1. Apontamentos em Linguística, Psicanálise e Teoria da Complexidade

O estudo da linguagem constitui um campo amplamente explorado, voltado à compreensão das múltiplas formas de expressão e de seus processos de constituição. Neste trabalho, focalizamos os modos de emergência da linguagem a partir da estruturação simbólica, tomando como referência os fundamentos da psicanálise lacaniana — notadamente em sua articulação com a linguística, especialmente com os aportes de Saussure e Jakobson. Na teoria de Lacan, os processos da linguagem são pensados a partir da articulação dos significantes entre si, tendo a metáfora e a metonímia como operadores fundamentais da cadeia signifiante. Esses mecanismos não apenas organizam o discurso, mas também evidenciam a multiplicidade e a circulação dos significantes que escapam a qualquer fixação de sentido.

A partir dessa base, propomos um diálogo com a teoria da complexidade, que, segundo Morim (2002), compreende o ser humano como entrelaçado por múltiplas dimensões e possibilidades. De outra forma, utilizamos-nos das palavras de Goés, 2009, p. 107) para evidenciar nossa escolha: “[...] da história singular de cada sujeito, constituídos pela inscrição de traços advindos das primeiras experiências do sujeito – cadeias significantes – da constituição subjetiva de cada sujeito.”

Para introduzir os conceitos discutidos neste trabalho, partimos da relação entre signifiante e significado proposta por Saussure entre 1907 e 1911, no contexto de seus cursos em Genebra. Saussure reformula a noção de signo linguístico, compreendendo-o como uma unidade psíquica composta por duas faces inseparáveis: o signifiante (imagem acústica) e o significado (conceito). Essa concepção inaugura uma nova abordagem estrutural da

linguagem, rompendo com a tradição metafísica dos séculos XVII e XVIII que, segundo Novodvorski et (2016), se apoiava em duas orientações predominantes: a opção nocional, que concebia a linguagem como simples representação do mundo ou do pensamento, desconsiderando as variações linguísticas e reduzindo-a à relação som/sentido; e a opção filológica, de caráter normativo-prescritivo, voltada à preservação das formas clássicas da língua.

A partir do século XX, Saussure (2006) introduz uma nova concepção sobre o signo linguístico e apresenta quatro dicotomias fundamentais: (1) língua e fala (*langue* e *parole*), (2) sincronia e diacronia, (3) significante e significado, e (4) paradigma e sintagma. Essas oposições estruturam o campo da linguística, ao enfatizar que a língua é um sistema social e coletivo de signos, enquanto a fala é sua realização individual; que o estudo linguístico pode se dar tanto em um recorte temporal (sincrônico), quanto histórico (diacrônico); que o signo é uma relação entre imagem acústica e conceito; e que sintagma refere-se à combinação sequencial de signos na fala (por exemplo: "O menino correu"), obedecendo a regras gramaticais, e o paradigma diz respeito à seleção de um signo entre outros possíveis que ocupam o mesmo lugar em uma estrutura (por exemplo: em "O menino correu", as palavras "menino", "garoto", "criança" pertencem ao mesmo paradigma).

Para Saussure (2006), o signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, e sim um conceito e uma imagem acústica¹. A língua é “essencialmente um depósito uma coisa recebida de fora” (Saussure, 2006, p. 80). E para compreender tal papel, Saussure (2006), diz ser necessário sair do ato individual e abordar o fato social, como é possível observar na citação a seguir:

Entre todos os indivíduos unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão - não exatamente, mas sem dúvida, aproximadamente - os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. [...] A parte física pode ser posta de lado desde logo. Quando ouvimos falar de uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas, devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social. A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos de fala (*parole*). (Saussure, 2006, p. 21).

Dessa forma, para Saussure (2006), a sonoridade da palavra não é uma coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*)² psíquica desse som. É uma representação de

¹ Em Saussure (2006), o termo de imagem acústica parecerá estreito, pois ao lado da representação dos sons de uma palavra existe também a de sua articulação a imagem muscular do ato fonatório.

² Expressão em francês trazida por Saussure (2006).

nossos sentidos. “E se chegamos a chamá-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.” (Saussure, 2006, p. 80).

Considerando o aspecto paradoxal desta questão, Saussure (2006) afirma que, se, de um lado, o conceito nos parece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, por outro, este mesmo signo que une seus dois elementos, é também de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. Em outras palavras, o valor de qualquer termo será determinado por aquilo que o rodeia, ou seja, nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo. “Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e torná-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (Saussure, 2006, p. 16).

O estruturalismo de Saussure exerceu forte influência sobre os rumos da linguística e diversos autores deram continuidade aos pressupostos desse movimento. Entre eles, destaca-se Jakobson, que a partir de 1910, passou a investigar os distúrbios afásicos, reformulando os mecanismos de funcionamento da linguagem, propondo sua organização em dois eixos fundamentais: o metafórico e o metonímico.

Jakobson (1995) amplia a investigação sobre as manifestações da linguagem, ressaltando que diferentes abordagens, ainda que, por vezes, distintas ou até antagônicas, podem ser complementares. Sua contribuição fortalece a concepção da língua como um sistema dinâmico, em que a separação entre língua e fala não se sustenta de forma rígida. Para Jakobson (1995), ambas se articulam como dimensões inseparáveis da capacidade comunicativa do sujeito.

Essa autor (1995), ao investigar os distúrbios afásicos, propôs uma releitura dos eixos linguísticos identificados por Saussure — o eixo da seleção e o da combinação —, associando-os aos mecanismos retóricos da metáfora e da metonímia. A metáfora opera por similaridade entre significantes, substituindo um termo por outro com base em uma relação de semelhança. Já a metonímia se fundamenta na contiguidade entre os elementos. Esses dois polos estruturam não apenas o funcionamento da linguagem verbal, mas também os processos simbólicos inconscientes, como os sonhos e os sintomas, em consonância com as formulações freudianas de condensação e deslocamento.

Nesse sentido, falar, segundo Jakobson (1995), implica sempre uma operação de escolha (no eixo associativo) e de encadeamento (no eixo sintagmático), de modo que a produção linguística resulta da constante seleção de unidades léxicas e de sua combinação segundo as regras sintáticas de uma língua. Assim, diante de qualquer ruptura comunicativa, torna-se necessário compreender a lógica estrutural do discurso, investigando de que forma os processos de substituição e encadeamento foram comprometidos.

A proposta desse autor traz uma grande contribuição para a psicanálise, na medida em que marca um ponto de convergência entre a linguística estrutural e os processos inconscientes descritos por Freud. Ao associar os eixos linguísticos de seleção e combinação às figuras retóricas da metáfora e da metonímia, Jakobson (1995) oferece uma chave de leitura estrutural para os mecanismos do inconsciente — especialmente os sonhos, os sintomas e os atos falhos —, que Freud já havia identificado como marcados por processos de condensação e deslocamento. Essa articulação teórica será posteriormente retomada e aprofundada por Lacan, que inscreve o inconsciente no campo da linguagem e faz da metáfora e da metonímia operadores fundamentais do desejo e da formação do sujeito. (Lemaire, 1989).

A competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo o processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social. Eis por que, numa investigação da estrutura dos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as sequências temporais usadas se baseiam na contiguidade (“transferência” metonímica e “condensação” sinedóquica de Freud) ou na similaridade (“identificação” e “simbolismo” freudianos”). [...] Contudo, na maior parte dos casos, continua-se esquecendo o problema dos dois polos, a despeito de seu vasto alcance e importância para o estudo de todos os comportamentos simbólicos, particularmente do comportamento verbal e de seus distúrbios. (Jakobson, 1995, p. 61).

A articulação teórica proposta por Lacan envolve uma complexa rede conceitual, na qual se entrelaçam referências da linguística, da matemática, da topologia e da lógica, configurando uma abordagem que ultrapassa os modelos lineares de compreensão do sujeito. A teoria do *pensamento complexo* elaborada por Morim (2000), valoriza a articulação entre diferentes saberes e desafia a rigidez dos sistemas de pensamento, exigindo abertura à alteridade, à ambiguidade e à multiplicidade dos sentidos — aspectos fundamentais também para a escuta psicanalítica. Portanto, inspirada por essas perspectivas, esta pesquisa propõe um diálogo entre a psicanálise lacaniana, a teoria da complexidade de Morim (2000), visando romper com leituras binárias ou reducionistas da linguagem.

Compreender a teoria da complexidade significa em não recusar assumir uma abordagem pouco usual. Assim, como afirma Maffesoli (1998, p.31-32):

É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida. A abstração não entra em jogo quando o que prevalece é o fervilhar de um novo nascimento. É preciso, imediatamente, mobilizar todas as capacidades que estão em poder do intelecto humano, inclusive as da sensibilidade.

Para melhor compreensão desse conceito, julga-se importante assinalar a forma de pensamento anterior ao pensamento complexo. Segundo Trindade (2007), Augusto Comte (1798-1857), nos séculos XVIII e XIX, foi considerado o pai do Positivismo, corrente que surgiu como desenvolvimento sociológico das crises sociais e morais do fim da Idade Média e do nascimento da sociedade industrial. Esta teoria se opunha, radicalmente, à teologia e à metafísica, defendendo a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro.

Para Nicolescu (1999), na lógica matemática (Clássica/Iluminista), existe a necessidade de um consenso inicial para a construção ou aceitação de uma teoria, que será demonstrada e/ou provada através de um axioma. Para elucidar esta teoria, trazemos o pensamento de “terceiro excluído” revisto por Newton da Costa, através da Lógica Paraconsistente.

1 – Axioma da identidade: $A=A$;

2 – Axioma da não contradição: A não é não – A .

3 - Axioma do terceiro excluído: não existe um terceiro termo T que seja ao mesmo tempo A e não- A .

Como assinala Nicolescu (1999), o conceito de conhecimento, fundamentado exclusivamente na lógica matemática clássica, não consegue contemplar as multidimensões e as multirreferências. Conforme Santos et al. (2009), contrariamente à lógica Clássica, a lógica Quântica admite a interação entre os opostos através do Terceiro Termo Incluído. A existência de correlações não locais expande o campo da verdade, da realidade. A não separabilidade quântica nos diz que há, neste mundo, pelo menos num certo nível, uma coerência, uma unidade das leis que asseguram a evolução do conjunto dos sistemas naturais (Nicolescu, 1999).

É preciso dar uma dimensão ontológica à noção de Realidade, na medida em que a Natureza participa do ser do mundo. A Natureza é uma imensa e inesgotável fonte de desconhecido que justifica a própria existência da ciência. A Realidade não é apenas uma construção social o consenso de uma

coletividade, um acordo intersubjetivo. Ela também tem uma dimensão trans-subjetiva, na medida em que um simples fato experimental pode arruinar a mais bela teoria científica. Infelizmente, no mundo dos seres humanos, uma teoria sociológica, econômica ou política continua a existir apesar de múltiplos fatos que a contradizem (Nicolescu, 1999, p.18).

Segundo Paul (2011), “os diferentes níveis de realidade” são indissociáveis, ao menos sob essa denominação, da metodologia e da epistemologia transdisciplinares, das quais são um ponto essencial de ancoramento. Os diferentes níveis de realidade devem ser entendidos como diferentes níveis de complexidade, correspondentes a níveis de realidade diferentes, pois a complexificação concerne a níveis de organização cada vez mais complicados que introduzem a imprevisibilidade e desordem.

Em 1931, Kurt Gödel propôs que o *quantum* é composto simultaneamente de ondas e corpúsculos, contradizendo o dogma da lógica clássica. Este matemático demonstrou, através de seus teoremas da incompletude, que podem existir vários níveis de realidade e não apenas um, conforme preconiza a lógica matemática clássica.

Segundo Manzolli (2013), os teoremas da incompletude de Gödel consistem em dois teoremas da lógica matemática que estabelecem limitações inerentes a quase todos os sistemas axiomáticos e são importantes tanto para a lógica matemática quanto para a filosofia da matemática. O primeiro teorema da incompletude afirma que nenhum sistema consistente de axiomas é capaz de provar todas as verdades sobre as relações dos números naturais. O segundo teorema da incompletude mostra que tal sistema não pode demonstrar sua própria consistência.

Portanto, ainda conforme Nicolescu (1999, p. 29), a Lógica Quântica admite o aparecimento de um novo axioma, adotando a seguinte reformulação:

- 1- Axioma da identidade: $A=A$;
- 2- Axioma da não contradição: A não é não- A ;
- 3- Axioma do terceiro incluído: existe um terceiro termo T , que é ao mesmo tempo A e não- A .

De acordo com Santos (2009), na Lógica Quântica, há o “axioma do terceiro incluído”, isto é, concede o aparecimento de outros elementos, revelando-se um processo sem fim. Portanto, a teoria da complexidade se opõe à noção de *ordem* da concepção clássica determinista e mecânica do mundo. No entanto, é importante deixar claro que “o pensamento complexo, longe de substituir a ideia de desordem por aquela de ordem, visa colocar em dialógica a ordem, a desordem e a organização.” (Morim; Le Moigne, 2000, p. 199).

Assim, como também já mencionado, e conforme cita Nicolescu (1999), “a lógica do terceiro incluído” se refere à física quântica, que mostrou a coexistência entre pares de contraditórios mutuamente exclusivos entre o mundo quântico e o mundo macrofísico, entre onda e corpúsculo, entre continuidade e descontinuidade, entre reversibilidade ou invariância do tempo no nível microfísico.

Com base nessa constatação, procura-se compreender mais amplamente a realidade, superando o princípio de identidade e contradição pelo de complexidade, demonstrando que, em outro nível de realidade, verdades contrapostas podem se explicar ou conviver.

[...] tanto no ser humano quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade como um todo está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como em cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele. (Morim, 2002, p. 37, 38).

Assumir essa perspectiva implica uma disposição ética e existencial para habitar o "entre" — esse espaço instável onde as certezas se desfazem, as quase-verdades se relativizam e o sentido se multiplica. Trata-se de acolher a incompletude e o inusitado como constituintes do viver e do saber. A epistemologia da complexidade, conforme propõe Morim (2002), reconhece o conhecimento como processo em permanente construção, marcado por interações contínuas, instabilidades e incertezas — recusando, assim, a ilusão de completude.

É nesse terreno de incompletude e abertura ao imprevisível, que a psicanálise localiza o inconsciente. Trata-se de uma dimensão marcada pela falha, pela repetição e pelo equívoco — um saber que insiste, mas que nunca se apresenta por inteiro.

2.2. A perspectiva de Freud sobre o inconsciente

A compreensão da teoria psicanalítica exige um mergulho atento nas descobertas construídas por seus principais teóricos. Nesse sentido, optamos por destacar alguns recortes conceituais que se mostram fundamentais para sustentar esta pesquisa. Ainda que o foco esteja na teoria lacaniana, é imprescindível retomar as contribuições freudianas, pois não é possível adentrar o universo da psicanálise sem considerar as bases estabelecidas por seu fundador.

O pressuposto inicial da psicanálise, consiste em diferenciar os conceitos de consciente e inconsciente; é a partir desta compreensão que a psicanálise marca sua inserção

na ciência e nos processos psíquicos e patológicos da mente. Conforme Freud (2011), o estado de consciência é algo que passa com rapidez e possui uma fluidez de ideias que podem ir e vir, a depender das condições em que se produzem. Pode-se dizer que o estado de consciência reflete um estado em que o inconsciente está sempre na iminência de se tornar consciente. (Freud, 2011).

Segundo Roza (2009), o que é importante ressaltar sobre o inconsciente é que Freud desfaz a concepção tida anteriormente aos seus estudos, em que o inconsciente faz parte de uma subjetividade dominada pela razão, isto é, uma subjetividade “monolítica”³ (termo utilizado pelo autor, p. 169).

É essa subjetividade que, a partir do século XVII, René Descartes se propunha a investigar. A subjetividade é constituída e transformada em referencial central e, às vezes, exclusivo para o conhecimento e a verdade.

A verdade habita a consciência: é o que proclamam racionalistas e empiristas. Desde Descartes, a representação é o lugar de morada da verdade, sendo o problema central o de saber se chegamos a ela pela via da razão ou pela via da experiência. Racionalistas e empiristas diferem sobretudo quanto ao caminho a tomar, mas ambos já sabem onde querem ir: ao reino da verdade, da universalidade, da identidade (ROZA, 2009, p. 09).

Neste contexto, Roza (2009) afirma que o ideal do cartesianismo continua sendo da episteme platônica, isto é, reduzir a horizontalidade dos acontecimentos à verticalidade do conhecimento. Roza (2009) questiona então: onde situar a psicanálise em um lugar onde o saber ocidental não a acomoda? Onde situar uma nova concepção de subjetividade, que deixa de ser entendida como um todo unitário e se identifica como: o Inconsciente e o Consciente? O próprio autor (Roza, 2009, p. 22) responde:

A resposta pode ser: em nenhum lugar preexistente. A psicanálise teria, nesse caso, operado uma ruptura com o saber existente e produzido o seu próprio lugar. Epistemologicamente, ela não se encontra em continuidade com saber algum, apesar de arqueologicamente estar ligada a todo um conjunto de saberes sobre o homem, que se formou a partir do século XIX.

Para esse autor, o cogito freudiano revela um *lugar do ocultamento*. Este lugar de ocultamento em Freud não se trata de apontar uma nova dimensão da consciência, mas de apontar um novo objeto: o inconsciente.

³ Julgou-se importante, aqui, para melhor compreensão do texto, descrever o significado do termo “monolítica”, citado por Roza (2009). Monolítica é o feminino de monolítico; relativo a monólito (obra construída em uma só pedra); que consta de uma única pedra; [figurado] que se comporta como um conjunto rígido, indivisível: um partido monolítico. (Fonte: Dicionário online de português, 2009-2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/monolitica/> Acesso em: 20/07/2020).

De acordo com Roza (2009), se recuarmos até o Projeto de 1895 de Freud, verificaremos que o sujeito cartesiano é abandonado por Freud, que, ao assumir a ética do sujeito, o concebe como sujeito do desejo (inconsciente), dividido entre o inconsciente e o consciente. Esta nova dimensão da consciência proposta por Freud, se encontra longe da forma como era percebida na lógica cartesiana e, a partir desta concepção, a questão do sujeito passa por deslocamento radical, conforme a seguinte citação de Roza (2009, p. 96):

[...] enquanto Descartes pensava o eu como uma entidade original, Freud o pensa como engendrado; enquanto Descartes nos falava do sujeito da ciência, Freud nos fala do sujeito do desejo. Antes de Freud, o sujeito se identificava com a consciência; a partir de Freud, temos de nos perguntar por esse sujeito do inconsciente e por sua articulação com o sujeito consciente. Não podemos mais identificar a história do Eu com a história do Sujeito; sujeito e eu não são termos que se recobrem. Tampouco se recobrem o Eu, objeto da psicologia e identificado com a totalidade da pessoa, e o Ego, conceito psicanalítico.

Os primeiros estudos de Freud sobre o inconsciente, foram dedicados a compreender a estruturação do aparelho psíquico em sua extremidade sensorial. Em “Afásias” Freud (2011) descreve o “aparelho central da linguagem” como uma região específica do córtex cerebral, cujas funções operam de maneira complexa e articulada. Nessa formulação, destaca-se a influência dos estudos do neurologista inglês John Hughlings Jackson (desenvolvidos entre 1961 e 1909), cuja teoria das funções cerebrais hierarquizadas, contribuiu para que Freud pensasse a linguagem não apenas como um processo localizável neurologicamente, mas como uma função integrada a distintos níveis de organização do funcionamento mental. A palavra “aparelho” foi empregada por Freud para definir a organização psíquica – instâncias psíquicas – em sistemas com funções específicas e interligadas entre si. Estas instâncias, para Freud, ocupam um local determinado da mente, sendo então, formulada a primeira teoria tópica freudiana: a Teoria Topográfica. Mais tarde, Freud apresentou sua segunda teoria tópica, chamada de Teoria Estrutural (Freud, 2011).

Na proposta topográfica de Freud, o aparelho psíquico é constituído por três qualidades: inconsciente, pré-consciente e consciente. O consciente ocupa a periferia do aparelho psíquico e capta percepções externas e internas. O pré-consciente atua como filtro, permitindo que certos conteúdos se tornem conscientes. Já o inconsciente abriga conteúdos recalçados e pulsionais, inacessíveis à consciência, mas ativos na vida psíquica (Freud, 2011).

Não plenamente satisfeito com a primeira tópica, Freud desenvolveu a segunda tópica: a *Teoria Estrutural*. Freud reformulou sua teoria do aparelho psíquico ao propor o modelo

estrutural, composto por três instâncias: id, ego e superego. Cada uma possui funções específicas, mas interage dinamicamente com as demais (Freud, 2011). O id é a instância inconsciente do psiquismo, constituída por conteúdos pulsionais inatos e recalçados, funcionando como fonte da energia psíquica. Ele é regido pelo princípio do prazer, buscando satisfação imediata das pulsões, sem considerar as exigências da realidade. Do ponto de vista funcional e dinâmico, o id interage com o ego e o superego, representando o polo instintivo e biológico da personalidade, ligado às necessidades básicas e à descarga de tensões. (Freud, 2011).

O ego desenvolve-se a partir do id e atua como o mediador entre os impulsos do id, tentando satisfazer os desejos e pulsões de maneira socialmente aceitável. O desenvolvimento do ego acontece a partir da diferenciação das capacidades psíquicas em contato com a realidade exterior (princípio da realidade⁴). Dessa forma, o ego atua, em parte, consciente e, em parte, pré-consciente e inconsciente. (Freud, 2011). De outro modo, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente.

O superego, segundo Freud (2011), se desenvolve a partir do ego, em um período chamado latência, que se situa entre a infância e o início da adolescência. O superego é a parte moral da mente, que julga as ações do ego e pode impor sentimentos de culpa ou orgulho, atuando como um juiz em relação ao ego. Inicialmente, o superego é representado pela autoridade parental que molda o desenvolvimento infantil, alternando as provas de amor com as punições, geradoras de angústia.

Posteriormente, esta instância parental, que representa o momento em que a criança renuncia à satisfação edipiana, dá lugar às proibições externas, então, internalizadas e substituídas pela censura dos impulsos que a sociedade e a cultura proíbem ao id. Isto impede o indivíduo de satisfazer plenamente seus instintos e desejos e, particularmente, reprime o impulso sexual.

2.2.1. O campo de fala para Freud

No final do século XIX, Freud passou a dedicar atenção ao tema da linguagem, abordando-o em paralelo às suas investigações sobre o psiquismo. Como destaca Schneider

⁴ O princípio da realidade se manifesta a partir da adaptação sociocultural e da formação dos conceitos morais e éticos, quando o indivíduo passa a entender os direcionamentos da descarga pulsional, passando a respeitar os limites socialmente impostos, controlando a maneira como se comporta. (Freud, 2014).

(1993), em uma época em que os estudos sobre a linguagem tendiam a reduzi-la a explicações técnicas ou formalistas, muitas vezes enquadrando-a em categorias simplificadoras, Freud propôs uma concepção mais abrangente.

A partir dessa base, Freud (2014) amplia sua investigação para além da neurologia, considerando a linguagem também como manifestação da vida psíquica e cultural do sujeito. Propõe que a representação verbal envolve som, imagem mental, forma gráfica e imagem psíquica, e sublinha o papel da linguagem, de matriz sociocultural, como mediadora entre o inconsciente e o consciente. Posteriormente, em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud retoma essa perspectiva ao afirmar que é justamente na linguagem que o inconsciente encontra sua via de expressão privilegiada.

Freud (2014) descreve que os componentes da representação verbal seriam compostos pelo som, pelos elementos gráficos, pela imagem mental e pela imagem psíquica. Nesse estudo, Freud (2014) cita que a relação entre a palavra e o objeto no mundo empírico é de cunho cultural. Para ele, a linguagem emerge a partir da construção sociocultural dos fenômenos mentais e pela complexa passagem do nível inconsciente para o consciente.

Em seus estudos sobre histeria, há também um momento em que Freud (2014) aborda a linguagem, designando, por um lado, a linguagem como elemento produtor de uma ação, isto é, situa-se para além do lugar de origem da produção linguística. E, por outro lado, a linguagem concebida em si mesma, como um instrumento de ação, como, por exemplo, no caso de uma acusação ou confissão. Freud (2014) esclarece, no entanto, que não se deve pensar que seus pressupostos teóricos esgotam as explicações sobre a linguagem.

Na realidade, esse autor reconhece o caráter de incompletude e, inclusive, patológico da linguagem. Conforme Freud (2014), o tema das lembranças na infância é bastante significativo. Freud (2014) cita que estudos a este respeito mostram que algumas pessoas situam suas primeiras lembranças no sexto mês de vida, e outras apresentam um completo esquecimento até os seis ou oito anos de idade.

Segundo Freud (2014), a linguagem apresenta um fenômeno paradoxal: certas experiências podem buscar o esquecimento, operando um apagamento que se dá em nível inconsciente. Contudo, esse conteúdo recalcado retorna, ainda que transformado, por meio de formações do inconsciente, efeito de uma solução de compromisso que contorna a censura. Assim, aquilo que parecia esquecido ressurge de diferentes maneiras no campo do consciente, evidenciando a impossibilidade de um apagamento total.

Freud volta a dar atenção aos estudos sobre linguagem em sua obra “A Interpretação dos Sonhos”. Em seu entendimento, a linguagem é um espelho do psiquismo humano, e um grande exemplo disso são os sonhos. Conforme Freud (2014), os sonhos são catalisadores do conteúdo do inconsciente, e, através da análise dos sonhos, é possível visualizar algumas porções destes conteúdos. Portanto, é na linguagem que o inconsciente se apresenta, e é por meio dela que se espelha no nível consciente.

Freud (2014) afirma que, para algo se tornar consciente, é preciso que haja uma ligação com as representações verbais correspondentes. Essas representações verbais são vestígios de memória, que já foram percepções e, como todos os resíduos mnemônicos, podem voltar a ser conscientes. Conforme Freud (2014), a percepção interna traz sensações provenientes de várias camadas, certamente mais profundas, do aparelho psíquico. Estas sensações são pluriloculares (sentidas em várias cavidades), como as percepções externas, que podem vir simultaneamente de lugares diversos, e com isso ter qualidades diversas, também opostas.

A palavra é, em essência, o resíduo mnemônico da palavra ouvida. Estes resíduos verbais derivam, principalmente, de percepções acústicas, de forma que o sistema pré-consciente tem uma origem sensorial especial. No entanto, não devemos esquecer a importância dos resíduos mnemônicos visuais das coisas. Não se pode negar que, para muitas pessoas, os processos de pensamento se tornam conscientes através do retorno a esses resíduos visuais, que parecem ser particularmente privilegiados (Freud, 2014).

Estas manifestações do inconsciente podem reivindicar maior ou menor valor psíquico. Em casos graves de neuroses, podem perturbar a alimentação, as relações sexuais, o trabalho profissional e a vida social. Concluindo, então, Freud (2007) concebeu as formações do inconsciente como sintomas, que se constituem em mensagens do inconsciente a serem decifradas, que podem ser interpretadas e resolvidas. E estes sintomas são sempre uma expressão disfarçada de desejo, numa forma de substituir e satisfazer o que Freud chamou de pulsão.

2.2.2. O conceito de pulsão freudiana

O conceito de pulsão começa a ser delineado por Freud em *Três Ensaio sobre a Teoria Sexual* (2007) e sofre importantes reformulações ao longo de sua obra. Ainda em 1905, Freud introduz a noção de "apoio", destacando a origem somática da fonte pulsional e propondo um dualismo entre pulsões sexuais e de autoconservação.

Para Freud (2014), a pulsão é um tipo específico de estímulo distinto dos estímulos físicos externos. Trata-se de uma pressão interna constante que parte do corpo e incide sobre o psiquismo, exigindo um modo de satisfação. Diferentemente dos estímulos fisiológicos, que podem ser eliminados por uma ação motora (como fugir de uma luz intensa), a pulsão não cessa com a fuga: ela insiste. É essa força persistente — entre o somático e o psíquico — que move o sujeito em direção à satisfação de necessidades, tanto biológicas quanto psíquicas.

Freud (2014) propõe que uma maneira mais adequada de se referir ao estímulo pulsional seria considerá-lo uma “necessidade”, sendo sua suspensão obtida por meio da “satisfação”. Tal satisfação só pode ser alcançada com a modificação da fonte interna do estímulo. Os estímulos pulsionais, por serem originados no interior do organismo, não se dissipam simplesmente pela ação motora, como ocorre com os estímulos externos. Ao contrário, exigem uma resposta mais elaborada do sistema nervoso, que envolve atividades interligadas e adaptações ao mundo externo, a fim de oferecer alívio à excitação interna, sustentada por um fluxo contínuo de estímulos.

No mesmo trabalho, Freud (2014) propõe que uma das funções centrais do aparelho psíquico é manter a excitação em um nível tão baixo quanto possível. Esse funcionamento orienta-se pelo princípio de prazer, no qual o psiquismo tende a descarregar ou neutralizar os excessos de excitação para restaurar um estado de equilíbrio.

Até 1920, Freud compreendia o funcionamento psíquico a partir da oposição entre prazer e desprazer, vinculando essas experiências à maior ou menor quantidade de excitação presente no aparelho psíquico. Nesse contexto, o prazer era associado à diminuição da tensão, enquanto o desprazer indicava seu aumento (Freud, 2014).

Conforme Silva Neto e Vilanova (2014), a partir de 1920 Freud passa a considerar que a angústia presente nos quadros neuróticos guarda estreita relação com a sexualidade, sendo compreendida como efeito de uma tensão interna acumulada — ou seja, uma excitação sexual cuja descarga foi impedida. Essa tensão, de origem endógena e persistente, é nomeada por Freud como pulsão sexual, apontando para a complexidade dos mecanismos psíquicos que articulam corpo, prazer e sofrimento.

Neste excerto, Freud ressalta vários aspectos que o conceito de pulsão apresenta: o primeiro, de estar na fronteira entre o mental e o somático; o segundo, de ser representante de estímulos originados internamente ao organismo; o terceiro, da exigência de trabalho que resulta da ligação da mente com o corpo. Este último aspecto da pulsão evoca a ideia de que a ligação da mente com o corpo não é um dado imediato. Não se trata de um elemento inato e sim de algo que exige da mente trabalho e representação; um valioso alerta para não esquecer os fatores indispensáveis para a

articulação e compreensão deste conceito fundamental da psicanálise (Silva Neto; Vilanova, 2009, p. 22).

Roza (2009) ressalta ainda que Freud procura deixar bem clara a designação do termo "pulsão", que, ocasionalmente pode vir a ser confundido com outros conceitos, como no caso de remeter a pulsão a uma representação de elementos psíquicos da pulsão.

Para evitar confusões futuras, convém precisarmos a distinção que Freud estabelece entre a pulsão e seus representantes, principalmente a distinção entre *Vorstellung* e *Repräsentanz* ou *Repräsentant*. Já vimos que uma pulsão nunca se dá como tal, nem a nível consciente nem a nível inconsciente; ela só se dá pelos seus representantes: o representante ideativo (*Vorstellungrepräsentant*) e o afeto (*Affekt*). Ambos são os representantes psíquicos da pulsão (*Psychische Repräsentanz*). (Roza, 2009, p.116).

Para compreender melhor os diferentes termos usados por Freud em torno da noção de representação, é possível organizá-los da seguinte forma:

1. Representação (*Vorstellung*): opõe-se ao afeto e não corresponde apenas à imagem psíquica de um objeto, mas à sua inscrição nos sistemas de memória.
2. Representante psíquico (*Psychische Repräsentanz*): inclui tanto a representação ideativa (*Vorstellungrepräsentanz*) quanto o afeto (*Affekt*).
3. Representante pulsional (*Triebrepräsentanz*): Freud utiliza este termo ora como sinônimo do representante ideativo, ora do representante psíquico.
4. Representante ideativo (*Vorstellungrepräsentanz*): é o conteúdo propriamente inconsciente, pois o afeto, isoladamente, não pode ser constituído como inconsciente.

Há ainda um quinto representante da pulsão, fundamental para este estudo: o afeto (*Affekt*), entendido como a expressão quantitativa da energia pulsional. Segundo Roza (2009), os destinos do afeto diferem dos do representante ideativo, e não se pode falar estritamente em "afeto inconsciente" — no inconsciente, o afeto precisa estar vinculado a uma representação ideativa.

Conforme ressalta o autor, o que é importante de se registrar é que, a partir dessas definições, podemos compreender que para o afeto, não há exatamente um destino, mas sim uma transformação. “Não se trata nem dos destinos dos representantes psíquicos — o que incluiria o afeto — pois, se bem que o afeto sofre transformações decorrentes do recalçamento, ele não pode ser, enquanto afeto, recalçado” (Roza, 2009, p. 127).

Concluimos este tópico das formulações freudianas, ressaltando sua importância como base conceitual para introduzir as elaborações teóricas de Lacan e suas contribuições à psicanálise, centrais para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao examinar as articulações

entre representação, afeto e pulsão no pensamento de Freud, torna-se possível acompanhar os deslocamentos conceituais operados por Lacan — especialmente quando ele inscreve a linguagem como matriz do inconsciente e a pulsão como borda entre corpo e linguagem. Retomar Freud, portanto, é mais do que revisitar a origem: é sustentar o alicerce clínico e teórico desta proposta.

2.3. Lacan e o Inconsciente: a Estruturação pela Linguagem

A psicanálise lacaniana parte do pressuposto de que o sujeito do inconsciente é constituído pela linguagem. Lacan propõe que o sujeito não preexiste à linguagem, mas emerge a partir dela. É ao se inserir na ordem simbólica — o campo da linguagem — marcado por uma falta estrutural, que o sujeito se constitui. (Lacan, 1998). A linguagem, nesse sentido, não é apenas um meio de expressão, mas um operador fundamental na constituição subjetiva.

Para Lacan, a entrada no simbólico inaugura um modo de existência mediado pelo significante. O sujeito, portanto, é efeito da cadeia significante, marcado pela impossibilidade de um sentido pleno. O inconsciente, concebido como um saber que fala no sujeito, se manifesta justamente nos lapsos, atos falhos, sonhos e sintomas, que obedecem às leis do significante, como as da metáfora e da metonímia (Lacan, 1998). Assim, ao articular psicanálise e linguística estrutural, Lacan desloca a concepção do sujeito de um ponto psicológico para um ponto lógico-estrutural.

2.3.1. Breve introdução da perspectiva lacaniana

A obra de Lacan se constitui a partir do conjunto de seus 26 seminários, ministrados entre 1953 e 1979, cujas transcrições originaram textos fundamentais para sua teoria. Sua produção escrita se originou de conferências, entrevistas e intervenções em congressos. Esses materiais estão reunidos principalmente em dois volumes: *Escritos* (1966) e *Outros Escritos* (2001), que condensam aspectos centrais de seu ensino e marcam sua interlocução com a psicanálise, a linguística, a filosofia e a literatura. (Caselli, 2014)

O ensino de Lacan pode ser compreendido em dois grandes momentos. Na primeira etapa, ele se dedica à releitura dos textos de Freud, articulando-os com contribuições da linguística de Saussure e da antropologia estrutural de Lévi-Strauss. Já na segunda etapa, Lacan incorpora referências da matemática, da topologia e da lógica para aprofundar seus

conceitos, especialmente o do Real. Esse movimento marca uma transição entre a retomada da herança freudiana e a elaboração de um corpo teórico próprio e inovador. (Caselli, 2014)

2.3.2. Entre o Significante e o Sujeito: Lacan e a Linguística

A partir de 1953, Lacan torna explícitas as influências da linguística saussuriana em sua concepção de linguagem. Ele justifica a escolha do modelo estrutural por reconhecer nele uma base científica sólida para o estudo da linguagem, o que permitiu legitimá-la no campo das ciências humanas. “O significante é o suporte material do discurso: “a letra” ou os “sons”. Não é nem o sinal nem signo da coisa, menos ainda o significado.” (Lemaire, 1979, p. 79).

Lacan reconhece em Saussure o ponto de partida da linguística moderna ao destacar o algoritmo S/s, que expressa a separação entre significante e significado. Essa cisão evidencia que ambos pertencem a registros distintos, sendo o significante o vetor determinante na produção de sentido. (Lemaire, 1979)

Lacan retoma os termos *significante* e *significado* destacando a distinção entre a língua como sistema e a fala como sua realização. Inspirando-se na noção saussuriana de valor, Lacan afirma que essas duas ordens constituem redes distintas de relações que não se sobrepõem (Lemaire, 1979).

A rede do significante refere-se à estrutura diacrônica do material linguístico, na qual cada elemento se define por sua diferença em relação aos demais — dos fonemas às expressões compostas. Já a rede do significado (conjunto diacrônico) corresponde à historicidade dos discursos, reagindo à primeira, isto é, como a fala afeta a língua. Ainda assim, no movimento inverso, é o significante que organiza o significado, sendo definido por suas oposições internas dentro do código. (Lemaire, 1979)

Apesar de se apoiar na concepção saussuriana de signo, Lacan a considera insuficiente para abarcar os processos próprios da experiência analítica. Diferentemente da proposta de Saussure, que associa significação à correspondência direta entre significante (som) e significado (ideia), Lacan desloca a centralidade da significação para a cadeia significante — uma sequência em constante deslizamento (Vicenzi, 2009).

Nesse movimento, Lacan se apoia nos estudos de Jakobson (1995) sobre os dois eixos fundamentais da linguagem: a metáfora (substituição) e a metonímia (deslocamento). Para Jakobson (1995) esses dois processos estruturam a linguagem poética e cotidiana — e, para Lacan, também o inconsciente. Assim, o inconsciente se estrutura como uma linguagem,

regido pelos mesmos mecanismos que organizam o discurso, revelando-se através dos efeitos de sentido produzidos por metáforas e metonímias. (Vicenzi, 2009).

Lacan mostra, então, que o sentido de uma frase não se revela de forma progressiva, significante a significante, como sugeriria o modelo saussuriano. E mesmo se distanciando de Saussure, Lacan reconhece a importância da linguística estrutural como ferramenta para compreender os processos inconscientes. A partir da estrutura da linguagem, releu Freud repensando os sonhos, chistes, sintomas e os vários atos falhos como efeitos do significante. (Vicenzi, 2009).

Por fim, Lacan reformula os conceitos de sujeito e inconsciente fora da lógica da representação, distanciando-se da noção psicológica de subjetividade. O sujeito do inconsciente emerge de uma lógica significante e não de um conjunto de crenças ou valores conscientes. Assim, a influência do estruturalismo foi decisiva para a elaboração da teoria lacaniana dos anos 1950, especialmente na articulação entre linguagem e subjetivação (Lemaire, 1989).

2.3.3. A Constituição do Sujeito na Ordem simbólica

Em 1953, com a apresentação do texto *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise*, Lacan (2002) marca o início de seu ensino público, reconhecendo suas formulações anteriores sobre o imaginário como antecedentes preparatórios. Nesse texto, a centralidade da linguagem e da noção de estrutura é plenamente afirmada, consolidando princípios que viriam a orientar todo o seu percurso teórico, como a ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e a concepção do simbólico como a verdade do imaginário.

Lacan (2002) propõe que o acesso ao mundo é mediado por uma estrutura simbólica pré-existente ao sujeito, composta por lugares definidos que funcionam como uma malha simbólica justaposta ao real. É nesse campo que a experiência analítica⁵ se inscreve: como a possibilidade de tomar a palavra e, por meio dela, reescrever a própria história. Tal operação não se dá por uma lógica linear ou cronológica, mas por uma temporalidade retroativa, em que o passado é reconfigurado a partir do presente — mais do que rememorar, trata-se de

⁵ A expressão "experiência analítica", tal como empregada por Lacan, articula, segundo Miller (2011), os dois eixos fundamentais da psicanálise: o tratamento e a formação do analista. Essa formulação surge como uma resposta crítica à cisão estabelecida pela International Psychoanalytical Association (IPA) entre análise leiga e análise didática, distinção à qual Lacan se opôs veementemente ao afirmar a indissociabilidade entre os efeitos clínicos e formativos da experiência analítica.

reconstruir. Assim, o sujeito não precede a linguagem; ao contrário, é a partir da linguagem que o sujeito advém.

Lacan (1998) se utiliza, do termo freudiano *spaltung* (termo alemão que remete à ideia de cisão ou fenda) para designar a divisão constitutiva do sujeito. Essa divisão evidencia a separação entre o sujeito do inconsciente e o sujeito do discurso consciente, marcado pelo comportamento e pelas determinações culturais. Para Lacan (1998), essa cisão não é acidental, mas estrutural: resulta da entrada do sujeito na linguagem, que o aliena e o constitui ao mesmo tempo. A ordem simbólica, portanto, ao mediatizar a relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo, cria um desvio estrutural da verdade, pois o sujeito está sempre deslocado em relação a si — fendido entre o que se diz e o que escapa ao dizer. Como afirma Lacan, “o inconsciente do sujeito é o discurso do Outro” (Lacan, 1998, p. 266), ressaltando que o sujeito está sempre atravessado pela linguagem e por seus efeitos de equívoco.

Por definição, a ordem simbólica só pode sustentar-se por suas próprias articulações internas — ela não se ancora diretamente na experiência no mundo empírico, mas se constitui como uma dimensão autônoma, regida por leis próprias de funcionamento. (Lemaire, 1989). O próprio termo “ordem” (aspas da autora) indica esse campo específico, estruturado a partir das relações entre os elementos que o compõem. Nesse sentido, Lemaire (1989), retomando Waelhens, ressalta uma das propriedades fundamentais da linguagem: ela evoca o real não de forma direta, mas por meio de um substituto que se apresenta em lugar da coisa⁶. A palavra, portanto, simultaneamente torna presente e ausente as coisas — ela torna presente algo que não está, atualiza uma ausência. Como afirma Lemaire (1989, p. 96), a linguagem designa o objeto, mas o inscreve numa outra ordem de realidade, distinta da imediatez do real.

A substituição do real por um signo é, antes de tudo, uma operação de mediação que permite ao sujeito distanciar-se da experiência imediata e situar-se como distinto do que o cerca. (Lemaire, 1989). Um exemplo paradigmático é o jogo infantil relatado por Freud em *Além do Princípio do Prazer*, no qual a criança, diante da ausência da mãe, simboliza essa perda por meio de um carretel atirado para fora do berço e depois puxado de volta, acompanhando o movimento com os sons “ooh” (esboço do termo *fort* alemão, que quer dizer longe) e, ao retorno do carretel saudava alegremente, dizendo “da” (chegou!). Segundo

⁶ Em Lacan, a “coisa” (ou *das Ding*, Seminário 1956-1957) refere-se àquilo que é irrepresentável, o vazio que existe para além do objeto e do significante, sendo a origem da falta fundamental que não pode ser totalmente alcançada. Este conceito é central para entender como o sujeito lida com o desejo, sendo a “coisa” aquilo que, embora impossível de apreender, é sempre buscado através da criação de objetos que a representam, como na sublimação, onde um objeto é criado para cindir, presentificar e, simultaneamente, ausentar essa “coisa”. (Lacan, 1992).

Lemaire (1989), Waelhens interpreta esse gesto como o acesso da criança à função metaforizante da linguagem, demonstrando como o simbólico emerge para dar forma e lugar àquilo que falta — instaurando, assim, o sujeito no campo da linguagem.

Portanto, o jogo do carretel descrito por Freud simboliza a tentativa da criança de elaborar a ausência da mãe, transformando uma vivência dolorosa em experiência simbolizada. Ao lançar e puxar o carretel enquanto pronuncia os fonemas “Oooh” e “Da”, a criança desloca sua relação com o real — da mãe ao objeto, e deste à linguagem. Esse gesto marca o nascimento da linguagem como função autônoma, que permite ao sujeito distanciar-se da experiência imediata e significá-la. Conforme Lemaire (1989), trata-se de um momento inaugural do processo de simbolização, em que o sujeito emerge na articulação entre inconsciente e linguagem, instaurando os fundamentos da metáfora e do deslocamento simbólico.

A partir da noção de sistema trabalhada por Saussure, Lacan (2003) distingue duas funções da palavra: no eixo imaginário, ela atua como mediação entre eu e Outro⁷; no eixo simbólico, assume a função de revelação, fazendo emergir a linguagem como campo do outro.



Figura 1 O signo em Saussure (Saussure, 2006, p. 81).



Figura 2 Anagrama proposto por Lacan, 1998 (p. 502).

⁷ O Outro, enquanto campo simbólico do sujeito, é introduzido pela linguagem, inicialmente mediada por quem cuida do bebê — geralmente a mãe — que ocupa esse lugar do Outro ao interpretar seus gestos e demandas, como o choro, atribuindo-lhes sentido e possibilitando a entrada do infans na linguagem. Esse ponto será retomado mais adiante no texto. (Lacan, 1998).

Conforme Lacan (1998), a separação entre significante e significado, barrada no anagrama lacaniano, aponta para a impossibilidade de uma correspondência fixa entre esses dois termos. Essa desamarração indica não só a resistência à associação biunívoca, mas também o deslizamento entre os elementos — aquilo que Lacan nomeia como metonímia. Já presente na obra de Freud, essa lógica aparece na interpretação dos sonhos, dos sintomas e atos falhos, revelando a autonomia do significante no funcionamento do inconsciente.

Na medida em que o significante (S1) não se liga a um único significado (S2), ele só adquire valor em relação a outros significantes. Sua definição é diferencial e relacional — S1 se define em oposição a S2 — instaurando uma cadeia de deslocamentos e substituições que nunca se fecha (Lacan, 2003). Nesse movimento incessante, o desejo emerge como resto, como o que escapa à simbolização.

Portanto, a constituição do sujeito se dará no registro do simbólico. O sujeito do inconsciente, instaurado pela linguagem, é marcado pelo equívoco e pela falha. Como afirma Lacan (2003), nos atos falhos, nos sintomas e nas associações livres, algo do sujeito se diz apesar dele, revelando uma verdade que escapa ao controle consciente.

O simbólico representa a tarefa de canalizar e organizar, no nível que lhe é próprio, toda a diversidade das condições humanas da existência. No entanto, cada tipo de organização social só pode responder a essas necessidades vitais de uma maneira parcial, acentuando certos elementos da vida em detrimento de outros, impondo sempre certo recalque⁸, certa torção da existência (Lemaire, 1989).

A partir destas considerações, podemos compreender, então, que o acesso ao simbólico irá nos reconhecer na condição de sujeitos falantes, à medida que concerne a uma dimensão que nos marca, nos nomeia e nos reconhece. Em outras palavras, antes de adquirirmos a capacidade de manejo da língua e de seus efeitos de sentido, somos falados pelo *Outro*.

2.3.4. *Grande Outro* – O Lugar do Significante

Conforme visto anteriormente, Lacan (1998) determinou o campo do *Outro*, como dimensão simbólica que constitui o sujeito, é introduzido pela linguagem — inicialmente mediada por quem cuida do bebê, geralmente a mãe, que ocupa esse lugar do *Outro* ao

⁸ Recalque refere-se ao termo utilizado por Freud em psicanálise, para designar a introdução do sujeito no universo simbólico, acarretando a constituição do inconsciente. (Lemaire, 1979).

interpretar, por exemplo, o choro infantil e atribuir-lhe um sentido. Essa operação simbólica inaugura para a criança o ingresso na linguagem.

Mesmo antes do nascimento, a criança já é capturada pela cadeia significante do desejo materno, sendo nomeada e investida por fantasias. Após o nascimento, a oferta de novos significantes contribui para sua alienação simbólica, processo fundamental para a constituição do sujeito.

O sujeito se encontra alienado a esses significantes que são do Outro, como lugar do inconsciente. Na análise, o sujeito vai pouco a pouco descobrindo quais são esses significantes e se desalienando do Outro, abrindo a possibilidade de mais deslizamentos de sua experiência subjetiva. São “identidades” da ordem do semblante, um faz de conta. O inconsciente como discurso do Outro nos indica que não só ele é estruturado como uma linguagem, mas que o lugar do Outro equivale ao lugar do código pessoal dos significantes do sujeito. O grande Outro é o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais – eles sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias. Eis a alteridade descoberta por Freud, a qual arranca o sujeito do centro do psiquismo, na medida em que o sujeito não é autônomo e determinante, e sim determinado pelo que se desenrola no Outro do inconsciente, que se estabelece como uma “heteronomia⁹ radical” (Quinet, 2012, p. 12).

Portanto, para Lacan (1995), o Outro do discurso do inconsciente nunca estará ausente na relação do sujeito com o Outro, seu semelhante. “Sua presença”, diz Lacan, “só pode ser compreendida num grau secundário da alteridade, que já o situa a ele mesmo, numa posição de mediação em relação a meu próprio desdobramento de mim comigo mesmo como também com o semelhante” (Lacan, 1998, p. 528).

A partir disso, Lacan (1998) explana sua teoria sobre o *objeto a*. O objeto *a* é uma modalidade do Outro, considerada por Lacan como causa de desejo. Aquilo que lhe causa “vontade de olhar para ele, ouvir sua voz, pegá-lo, agarrá-lo, abraçá-lo, beijá-lo, comê-lo, pegar um pedacinho dele para guardar com você, entrar dentro dele, fazê-lo entrar dentro de você! E até mesmo despedaçá-lo!” (Quinet, 2012, p. 16).

Lacan (1998) nomeia o objeto com a letra *a*, por ser o objeto primeiro, que corresponde ao primeiro objeto de desejo. Trata-se de um objeto que afeta o sujeito, e que está sempre em alteridade para o sujeito do desejo, o pequeno outro. Na parte final de seu ensino,

⁹ Heteronomia para Freud (1990), caracteriza-se pelos processos identificatórios na produção de si mesmo. Esta se torna radical, quando o sujeito passa para a ordem de submissão ao desejo do Outro.

Lacan (1998) situa o objeto a na interseção dos três anéis do nó borromeano - o simbólico, o imaginário e o real -, destacando sua relação com esses três registros.

Este momento marca um ponto importante da teoria de Lacan, para compreensão da linguagem na psicanálise, visto que o sujeito se caracteriza por uma relação indissociável entre estes três registros. De acordo com Roza (2009), são nessas manifestações, nas quais o sujeito é perpassado por um Outro sujeito, que está em oposição a ele, que surgirão os fenômenos lacunares que são, indicadores de uma outra ordem, a ordem do inconsciente.

Nessa perspectiva, o que é indicado por essas formações lacunares é o lugar do Outro (com O maiúsculo) onde, segundo Lacan, se situa a cadeia do significante e onde o sujeito aparece. Esse Outro é a ordem inconsciente, ordem simbólica, que se distingue do outro (com o minúsculo) que é o semelhante, o outro sujeito. “É a partir do Outro entendido como um lugar simbólico, de certa maneira externo ao sujeito, que podemos entender a diferença entre o ego e o eu.” (Roza, 2009, p. 210).

Neles, o sujeito sente-se como que atropelado por um outro sujeito que ele desconhece, mas que se impõe à sua fala, produzindo trocas de nomes e esquecimentos cujo sentido lhe escapa. É essa perplexidade e esse sentimento de ultrapassagem que funcionarão como indicadores para o sujeito (sujeito do enunciado ou sujeito do significado), de um outro sujeito oculto e em oposição a ele (sujeito da enunciação ou sujeito do significante) (Roza, 2009, p. 171-172).

Conforme Roza (2009), em psicanálise, o desejo desliza numa série contígua e interminável na qual cada objeto funciona como significante para um significado que, ao ser alcançado, transforma-se em novo significante e assim sucessivamente. Dessa forma, toda satisfação obtida provoca uma falta que mantém o deslizamento constante do desejo.

2.3.5. *Falta Vivida: A Entrada na Linguagem*

A entrada do sujeito na linguagem se dá a partir de uma experiência de falta, vivida na relação com o Outro primordial. Nesse processo, a voz assume uma função estrutural, sendo o veículo através do qual o sujeito é convocado ao campo simbólico. O conceito de pulsão invocante, fundamental para este estudo, permite abordar como a voz do Outro inaugura a constituição subjetiva, operando como um chamado ao ser.

Para desenvolver esse conceito lacaniano, especialmente quanto à noção de voz como objeto a —, iremos nos debruçar nos comentários de Miller (2013), e nos aportes de Vivès (2009), em sua obra *Para introduzir a questão da pulsão invocante*, em que a voz é pensada

como um objeto pulsional com estatuto próprio, distinto da linguagem, mas que nela se articula e a ultrapassa.

A questão da pulsão invocante nos mostra o lugar que Lacan deu ao conceito de voz na psicanálise. Conforme Miller (2013), Lacan deu à voz o estatuto de objeto e inaugurou na psicanálise um novo ponto de vista estrutural: o de conceber o inconsciente a partir da estrutura da linguagem. E, além da voz, Lacan trouxe o objeto escópico – o olhar.

Roza (2009) afirma que, para Lacan, a pulsão se ancora na ausência do complemento anatômico, no entanto, esta falta comporta mais a ideia de estarmos sempre incompletos do que simplesmente um apelo erótico. Conforme esse pensamento, todos os objetos de desejo do sujeito sempre irão se remeter às primeiras experiências de prazer vivenciadas.

Dessa forma, a constituição subjetiva da criança não se dá apenas em resposta a necessidades orgânicas ou biológicas, mas se estrutura fundamentalmente no campo da linguagem, tal como proposto por Lacan (1998). O sujeito emerge como efeito das inscrições simbólicas que o precedem — ele é resultado da articulação entre os significantes do Outro, que o nomeia, o interpela e lhe dirige uma demanda.

Ancorada no corpo, a pulsão se manifesta nas bordas — zonas erógenas como boca, olhos, ouvido e ânus — que funcionam como interfaces entre o corpo e o simbólico. Essas bordas, ou orifícios do corpo, são descritas por Lacan (1998) como zonas em que se estabelece o circuito da pulsão, pontos de articulação entre o corpo e a linguagem. É nelas que se localiza a irrupção do gozo, entendido como aquilo que excede o sentido e insiste como resto da operação de linguagem (Silva Neto; Vilanova, 2009). A borda, nesse contexto, não é apenas um limite anatômico, mas um ponto de passagem onde o corpo é afetado pelo significante.

Como afirma Lacan (1998), a pulsão não visa um objeto, mas dá voltas em torno da borda, sustentando-se num circuito em que o sujeito se constitui em sua relação com o Outro. É ali, portanto, que o sujeito expressa algo de sua singularidade, de modo que a escuta psicanalítica se amplia para além da observação do comportamento, acolhendo as formas não codificadas de manifestação subjetiva.

Nesse sentido, a psicanálise destaca que não há pulsão sem demanda: o circuito pulsional emerge no ponto em que o grito do bebê é interpretado por quem ocupa a função materna. Ao responder ao choro, a mãe não apenas satisfaz uma necessidade, mas atribui sentido ao gesto, inscrevendo-o na linguagem. É essa interpretação inaugural que institui o campo do desejo, marcando o corpo com traços que antecedem a entrada plena no simbólico.

Como assinala Lacan (1998), é na interseção entre a necessidade e a demanda que o desejo se instala, estruturando-se a partir daquilo que escapa à significação. Assim, desde muito cedo, o corpo da criança já está atravessado pelas marcas do Outro — marcas que constituem os primeiros modos de laço, onde se joga a articulação entre demanda, linguagem e gozo.

Esse referencial é crucial, especialmente ao pensarmos o sujeito autista e sua relação com o corpo e a linguagem. Muitas vezes, o que se observa é uma recusa ao apelo do Outro ou um modo singular de relação com a borda do corpo — o que pode se manifestar na repetição de gestos, na hipersensibilidade sensorial ou na fixação a certos objetos ou ritmos.

Dessa forma, Miller (2013) compreende que o conceito de objeto vocal em Lacan em nada pertence ao registro sonoro, mas não está impedido de tecer considerações a partir do som, como nas modalidades de entonação¹⁰. O autor pondera que essa perspectiva se constitui inevitavelmente num paradoxo, mas no que diz respeito ao fato dos objetos ditos, estes só podem se afinar com o sujeito do significante se: “perderem toda substancialidade, se estiverem centrados por um vazio que é a castração¹¹.” (p. 4).

Conforme Vivès (2009), ao se conferir à invocação e à escópica – voz e olhar, respectivamente – como objetos no estatuto de pulsão, Lacan propõe uma nova dialética das pulsões. Acrescentando aos objetos concebidos por Freud - objeto oral e objeto anal -, que se encontram articulados à demanda do Outro, ele introduz o olhar e a voz que concernem ao desejo do Outro.

Vivès (2009) explica ainda que, para melhor compreensão da especificidade da posição invocante no sujeito do inconsciente, é preciso compreender a diferença essencial entre demanda e invocação. Na demanda, o sujeito se encontra em uma posição de dependência absoluta em relação ao Outro, pois ele lhe empresta o poder de atendê-lo ou não. Dessa forma, a demanda situa-se como uma exigência absoluta feita ao Outro de se manifestar no aqui e agora. Contrariamente, na invocação, o sujeito escapa dessa dependência, pois,

¹⁰ Essa observação de Lacan trazida por Miller (2013), tem grande relação com a *lalangue*, da qual discutiremos mais adiante neste texto.

¹¹ Conforme Roza (2009), a teoria da castração introduzida por Freud, está ligada à noção da lei primordial: interdição do incesto e à estrutura do Édipo, sendo um elemento de articulação essencial de toda evolução da sexualidade.

nesse caso, não se trata mais de uma demanda dirigida a um Outro, mas sim de uma invocação que supõe uma distinção de onde o sujeito possa vir a ser.

2.3.6. Entre o Corpo e a Imagem: O Estádio do Espelho

Lacan (1966) introduziu a concepção do Estádio do Espelho em 1953, retomando treze anos mais tarde, quando ressaltou a função do [eu] para a psicanálise. Lacan (1966) relembra a experiência da psicologia comparada, onde cita que “o filhote do homem, numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda assim algum tempo, é superado em inteligência instrumental por um chimpanzé, já reconhece, não obstante, como tal, sua imagem no espelho” (Lacan, 1966, p. 96).

O recurso teórico utilizado por Lacan (1966) para sustentar sua concepção sobre o Estádio do Espelho é organizado sobre os termos complexo e imago, aos quais, podemos estabelecer duas operações simultâneas, que ocorrem em um determinado intervalo de tempo, as operações simbólicas e a identificação.

As operações simbólicas decorrem de três complexos primordiais: o desmame, a intrusão e o complexo de Édipo. Estes permitem localizar as inscrições da posição subjetiva nas relações com o objeto. A descrição da identificação se opera na assunção da imago do corpo próprio (assunção jubilatória) e o reconhecimento do engodo referente ao [eu]. (Lacan, 1966).

Para Lacan (1966), na criança, o reconhecimento de sua imagem repercute em uma série de gestos que ela experiencia de forma lúdica e a relação destes movimentos é assumida pela imagem, com seu meio ao redor refletido.

Este acontecimento pode produzir-se, como sabemos desde Baldwin¹², a partir da idade de seis meses, e sua repetição muitas vezes deteve nossa meditação ante o espetáculo cativante de um bebê que, diante do espelho, ainda sem ter o controle de marcha ou sequer da postura ereta, mas totalmente estreitado por algum suporte humano ou artificial (o que chamamos na França, um *trotte-bebé* [um andador]), supera, numa azáfama jubilatória, os entraves deste apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem (Lacan, 1966, p. 94).

Segundo Lacan (1966), para compreender o Estádio do Espelho, basta visualizá-lo como uma transformação produzida no sujeito, que ocorre quando ele assume uma imagem

¹² Baldwin (1861-1934), foi um psicólogo norte americano com importantes teorias sobre o desenvolvimento de crianças, mais especificamente, sobre a Teoria da Evolução (Boni Junior, 2010).

especular. A este momento, Lacan (1966) chamou de assunção jubilatória. Na assunção jubilatória, o bebê ainda encontra na impotência motora e na dependência da amamentação. “O [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (Lacan, 1966, p. 97).

A forma primordial se situa na instância do [eu], antes da determinação do [eu] social, numa linha de ficção¹³, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado ou – melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade (Lacan, 1966, p. 95).

Segundo Lemaire (1989), o Estádio do Espelho desenrola-se num drama da relação dual entre o eu e a descoberta do Outro. “É o advento da subjetividade cinestésica, precedida pelo sentimento de espedaçamento do corpo próprio” (p. 126). Essa autora explica que o reconhecimento de si no espelho efetua-se em três etapas: 1. A criança, acompanhada por um adulto frente ao espelho, confunde o reflexo com a realidade. 2. A criança adquire a noção de imagem e compreende que o reflexo não é um ser real. 3. A criança não somente percebe que o reflexo é imagem, mas que esta imagem é a sua, diferente daquela do Outro.

O Estádio do Espelho é, então, a primeira articulação do "Eu", conforme Lemaire (1989) é o pré-formador do [eu] pela entrada do imaginário que precede o simbólico. A criança não tem imediatamente uma representação unificada de seu corpo que, ao contrário, é percebido, antes, como despedaçado. Nesse sentido, o Estádio do Espelho é o papel constituinte da identificação primeira a uma imagem do corpo próprio, o que já estrutura o ego na linha da alienação.

E assim, a criança alcança o reconhecimento de si através do espelho, acompanhado de intenso júbilo¹⁴. A criança passa a ter noção da totalidade de seu corpo numa imagem e progressivamente toma consciência de si como sujeito.

O Estádio do Espelho tem o interesse de manifestar o dinamismo afetivo pelo qual o sujeito se identifica primordialmente à Gestalt visual de seu

¹³ Para Lacan, a ficção aparece como aquilo que se instaura na ordem da palavra, como efeito de uma articulação significante; reconhecendo seu valor de verdade. (Neves, 2005).

¹⁴ O júbilo na qual se refere Lemaire (1989), se dá na experiência a partir de um imaginário que se sustenta pela da criança diante de sua imagem no espelho. Nesse júbilo, tudo irá se ordenar em torno do que antecipa, do que lhe permitirá coordenar motricidade e psiquismo. Esse contraste, só é pensável pela matriz simbólica, visto que a criança se encontra mergulhada na impotência motora e na dependência da amamentação, ou seja, “antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito”. (Lacan, *apud* Lemaire, 1989, p. 125).

próprio corpo: ela é, em relação à incoordenação ainda muito profunda de sua própria motricidade, unidade ideal, imagem salutar. É valorizada pela fraqueza original, ligada à discordância intra-orgânica e relacional “do pequeno homem...” (Lacan, *apud* Lemaire, 1989, p. 125).

Segundo Lemaire (1989) observam-se, neste período, algumas atitudes da criança, como imitações, agressividade quando na presença de outra criança, querer e/ou impor-se a ela. Sendo assim, a fase do espelho tem uma importância primordial para Lacan, pela sua função estruturante e por todo o drama da dialética entre a alienação e a subjetivação.

Em síntese, pois, o Estádio do Espelho é o advento da subjetividade cinestésica, precedida pelo sentimento de **despedaçamento** do corpo próprio. O reflexo do corpo é, pois, salutar pela sua unidade e sua localização espaço-temporal. Mas o Estádio do Espelho é, também, o estágio da identificação narcísica alienante (identificação primária): o sujeito é mais seu duplo que ele mesmo. Desenrola-se todo o drama da relação dual: a consciência se esmaga sobre seu duplo sem distância dele. Há oposição imediata da consciência a seu outro, onde cada termo passa de um para outro. (Lemaire, 1989, p. 126).

Segundo a teoria lacaniana, no Estádio do Espelho, a criança antecipa, por meio de uma imagem, o seu próprio eu — a imagem que posteriormente retornará em seu reconhecimento. No entanto, esse reconhecimento só se efetiva a partir do encontro entre essa imagem e o simbólico, motivo pelo qual Lacan utiliza o termo francês *moi* para designar o eu. Essa imagem, apreendida como *Gestalt*¹⁵, não é ainda um reconhecimento pleno, mas fornece ao sujeito uma primeira experiência de si mesmo. Trata-se de um momento que se refere a um eu anterior à linguagem, ainda não simbolizado, mas já captado em uma imagem. Essa imagem especular, que atua como mediadora entre o interno e o externo, se articula aos três registros fundamentais da teoria lacaniana: o real, o simbólico e o imaginário. (Lacan, 1998).

Assim, essa *Gestalt* simboliza dois aspectos de seu surgimento: “a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo em que prefigura sua destinação alienante” (Lacan, 1998, p. 95). Para que a criança perceba sua imagem especular e se reconheça nela, é necessário um complexo desdobramento e reconhecimento de que aquela imagem se refere a ela, porém, ao mesmo tempo, não é materialmente ela, configurando então a alienação.

A função do Estádio do Espelho revela-se, portanto, como a de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade. Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o *Estádio do Espelho* é um drama cujo impulso

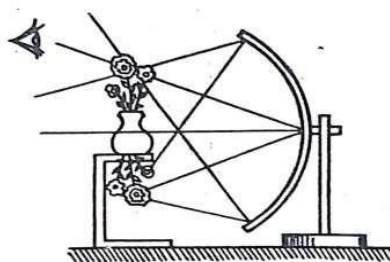
¹⁵ Lacan usa a metáfora para falar sobre o [eu] virtual, descrevendo a *Gestalt* (termo destacado pelo autor), para simbolizar a forma total do corpo refletido e alienado. (Imanishi, 2008).

interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1998, p. 97).

Conforme Lacan (1998) o momento da assunção da criança acontece quando o bebê percebe sua primeira captação de imagem no espelho, ao perceber que não há outro por trás da imagem, a não ser ela mesma. Esta ocasião desencadeia vários fenômenos subjetivos, em especial "sua autonomia como lugar imaginário de referência das sensações proprioceptivas". (Lacan, 1998, p. 187).

Dessa forma, o eu ganha consistência a partir da relação com o Outro que funciona como espelho, fazendo com que a criança se antecipe em sua organização motora, ao tentar espelhar os movimentos do Outro. O corpo, então despedaçado, encontra sua unidade nesta imagem antecipada.

Pode-se entender esta antecipação como uma imaginarização do real do corpo da criança, através do experimento do buquê invertido proposto por Lacan (1998). Nesse experimento, um buquê de flores é colocado embaixo de um vaso de plantas, posicionado diante de um espelho côncavo cuja superfície esférica reflete a imagem do buquê de forma invertida. E, dependendo do ângulo de onde se olha, o que aparece no espelho é a imagem de um buquê de flores dentro de um vaso de plantas, porém, isto é uma ilusão.



A experiência do buquê invertido

Figura 3 Esquema de Bouasse

O corpo do bebê é, desde o início, uma construção mediada pelo Outro. No “Seminário 2” *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954), Lacan (1998) recorre ao esquema do físico óptico Henri Bouasse — mais especificamente à experiência com o espelho côncavo — para ilustrar, de forma metafórica, a função da mãe como aquele

que antecipa uma imagem do *infans*. Nesse dispositivo óptico, o observador, ao se posicionar num ponto específico, pode ver refletido um buquê completo no interior de um vaso aparentemente vazio. Assim, ao ocupar o lugar do Outro primordial, a mãe se localiza nesse ponto de visão privilegiado: ela vê e antecipa a imagem do eu da criança, conferindo-lhe uma unidade que esta ainda não possui.

Segundo Lacan (1998), o corpo despedaçado aparece em nossos sonhos na forma de membros desconectados e órgãos representados em exoscopia, que criam asas e se armam para perseguições internas. O conceito do Estádio do Espelho aborda a experiência da criança ao se identificar com a forma visual de seu próprio corpo. Em outras palavras, a imagem de unidade e totalidade fornecida pelo espelho contrapõe-se à experiência do corpo despedaçado e ao desamparo original em que a criança se encontrava. Isso permite ao sujeito, ainda que de forma ilusória, sair da posição de desamparo e antecipar sua própria potência.

Retomamos, aqui, de forma sistemática, as vivências experimentadas pela criança durante o Estádio do Espelho (Lacan, 1998):

- Imagem fragmentada: antes de reconhecer sua imagem no espelho, a criança experimenta seu corpo como fragmentado e descoordenado. Esse estado é caracterizado por uma sensação de falta de unidade e coesão corporal.
- Unidade Ilusória: O reconhecimento da imagem no espelho fornece uma sensação de unidade e completude, que é, no entanto, ilusória; a imagem especular representa um “eu” idealizado que não corresponde completamente à realidade fragmentada da experiência corporal da criança.
- Despedaçamento: Lacan sugere que a identificação com a imagem no espelho também implica uma forma de despedaçamento ou alienação. A criança reconhece a si mesma como uma entidade separada e idealizada, mas essa identidade está sempre em tensão com a realidade fragmentada e imperfeita do corpo e da experiência vivida.
- Simbólico e Real: o despedaçamento também pode ser entendido em termos das diferentes ordens do simbólico, do imaginário e do real. A unidade imaginária proporcionada pela imagem no espelho está em tensão com a realidade desordenada do corpo (real) e as estruturas e normas da linguagem e da cultura (simbólico); conflito: a dualidade entre o “eu” real e o “eu” ideal leva a uma alienação contínua – que veremos adiante. O sujeito está constantemente em busca de uma unidade e completude que nunca pode ser plenamente alcançada. Este conflito interno pode ser visto como um tipo de despedaçamento psíquico.

Em resumo, o conceito de despedaçamento em Lacan (1998) está relacionado à ideia de que a formação do ego envolve tanto a construção de uma unidade ilusória e idealizada quanto à experiência contínua de alienação e fragmentação. O Estádio do Espelho é um momento crucial nesse processo, em que a criança começa a se perceber como um “eu” unificado, mas também começa a experimentar a divisão e a alienação inerentes a essa percepção.

2.3.7. A Lógica Lacaniana sobre Alienação

Em “O Seminário 11”, de 1964, Lacan traz *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e dedica um dos tópicos de seu capítulo, em que aborda o campo do Outro e a transferência, para trazer o conceito de *alienação*. Este termo é utilizado para nomear um conceito topológico indissociado da operação de separação, da qual iremos discorrer neste tópico.

Conforme Lacan (2008), a ambiguidade do signo decorre do fato de que ele representa algo para alguém. Esse “alguém” pode variar enormemente, podendo até mesmo abranger todo o universo, considerando que, há algum tempo, aprendemos que a informação circula por ele. Em outras palavras, qualquer ponto onde os signos se concentram e representam algo, pode ser interpretado por qualquer pessoa.

No entanto, é fundamental destacar que um significante é aquele que representa um sujeito para outro significante. Lacan (2008) diz que o significante, ao se manifestar no campo do Outro, gera o sujeito de sua significação. Ele atua como significante ao reduzir o sujeito a uma instância que não é mais do que um significante, congelando-o ao mesmo tempo em que o convoca a atuar e a se expressar como sujeito.



Figura 4 Vetor (Lacan, 2008).

Segundo Lacan (2008), o véu indicado na parte inferior do losango representa a operação inaugural em que se funda o sujeito: a alienação. Nesse momento, o sujeito se constitui a partir da relação com o significante do Outro. Contudo, ao ser representado por um significante, ele perde algo de si — não coincide consigo mesmo. Isso ocorre porque, para

existir como sujeito, ele precisa escolher entre ser representado (e, assim, se submeter à lógica da linguagem) ou permanecer fora da linguagem. Em ambas as possibilidades, há uma perda constitutiva. Ao tentar se afirmar como sujeito, ele se aliena no campo do Outro, adotando identificações que lhe são exteriores. Essa operação implica uma instabilidade estrutural: aquilo que o nomeia, que lhe dá lugar, vem sempre de fora — um significante que o antecede e nunca o representa por inteiro. (Lacan, 2008).

É essa condição que Lacan (2008) aponta como uma vacilação ontológica — ou seja, uma oscilação no próprio ser, marcada pela impossibilidade de coincidir plenamente com a imagem ou com o significante que o designa. O sujeito, assim, se funda não sobre uma essência, mas sobre uma falta, sustentada por uma fantasia que tenta tamponar esse furo.

A entrada no universo simbólico envolve uma profunda alteração na natureza do ser: "Para ser *pars* [parte], ele realmente sacrificaria grande parte de seus interesses." (Lacan, 2008, p. 857). É nesse ponto que se manifesta a outra face da alienação: a perda possui um valor tão operatório quanto o acréscimo de sentido.

Ilustremos isto pelo que nos interessa o ser do sujeito, aquele que está ali sob o sentido. Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso - escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente. Em outros termos, é da natureza desse sentido, tal como ele vem a emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte de seu campo, eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante. (Lacan, 2008, p. 200).

Conforme Lacan (2008) existe uma lógica de reunião na teoria dos conjuntos, onde o véu impõe a condição do ou, implicando que dois conjuntos se unam, sem que seus termos sejam inseridos em operação de adição. Portanto, a reunião dos dois conjuntos implica uma subtração - uma perda -, visto que os termos que se repetem em cada conjunto podem ser recontados.

Então, os termos que pertencem aos dois conjuntos são unidos por meio de uma subtração, de forma a restar apenas o termo que pertence a ambos. Assim, a divisão a que o sujeito é submetido impõe uma escolha forçada entre o ser e o sentido. Na junção do campo do sujeito ao campo do Outro, não há acréscimo, uma soma, mas sim uma perda: a separação ("o não-senso")¹⁶. (Lacan, 2008).

¹⁶ O não-senso ou "não-sentido" refere-se ao ponto além do qual o sujeito se depara com a falta, com a impossibilidade de um sentido completo e que, ao mesmo tempo, é a base para a construção do inconsciente e do desejo. (Lacan, 2008).

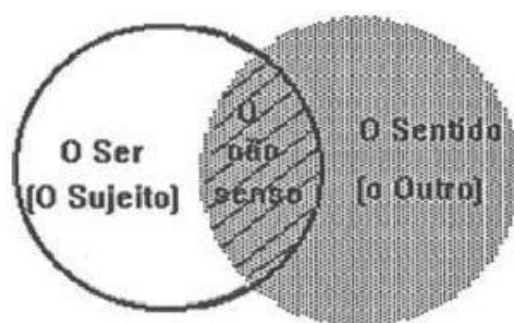


Figura 5 Separação em Lacan (2008).

Na teoria lacaniana, portanto, existe uma clara associação entre o campo do ser - como perdido e barrado - e a dimensão pulsional, cujo movimento busca preencher essa falta radical e insuperável presente na constituição da subjetividade. Ao considerar a alienação como uma das causas, percebe-se que se trata de uma operação na qual o sujeito é concebido como dividido, um efeito de seu acesso ao registro simbólico. (Lacan, 2008).

Em síntese, a alienação não implica apenas que o sujeito tenha sua existência definida pelo Outro simbólico, ela também implica que tais produções de sentido (S1-S2)³⁷ nunca recobrirão inteiramente toda a dimensão subjetiva, produzindo uma falta. A causa do sujeito, enquanto dividido, seria uma cisão provocada pelo acesso ao campo do sentido (S1-S2), indicando que, se, por um lado, o sujeito aparecia na inscrição significativa, por outro, desaparecia em sua perda de ser e falta constitutiva. Essa divisão é precisamente o que Lacan (1964/2008) descreve com os termos afânise e petrificação; sendo que a afânise faz referência à perda de ser e à verdade barrada do sujeito, e a petrificação refere-se ao S1-S2, ou seja, ao campo das representações do sujeito e das produções de sentido que o alienam (Zanola; Lustoza, 2019, p.126).

Lemaire (1989) cita que, no momento da alienação, há uma ultrapassagem da relação dual, propriamente imaginária, e, conseqüentemente, um processo de individualização do sujeito. Conforme essa autora (1989), o processo de alienação lacaniana constitui-se no fato de ceder uma parte de si mesmo a outro si, isto é, tornar-se estranho a si mesmo.

O alienado vive fora de si, prisioneiro do significativo, prisioneiro da imagem de seu ego ou da imagem do ideal. Vive do olhar do outro sobre si e o ignora. O desconhecimento é o acompanhante automático da vivência imaginária, que é paixão e obnubilação de uma imagem de si, do outro. A vivência imaginária não permite a distinção clara entre a imagem e sua significação; o sujeito a vive numa presença imediata e sem distância. (Lemaire, 1989, p. 229).

Conforme Pozzato; Vorcaro (2014, p. 14), “a alienação gera cortes que comandarão a orientação do sujeito rumo à operação de separação.” Assim, referido ao significativo que lhe é

conferido pelo Outro, por isso mesmo, no mesmo golpe, algo de seu ser é elidido, apagado, perdido. Instaura-se, então, a primeira operação da constituição do sujeito.

Portanto, como explicam essas autoras, nem todo sujeito está presente no Outro, pois sempre haverá um resto que está tanto no sujeito quanto no Outro. Nesse contexto, elas retomam Lacan ao afirmar que o sintoma da criança decorre diretamente da subjetividade da mãe, sendo a criança implicada como correlata de sua fantasia. (Lacan, 2003 apud Pozzato; Vorcaro, 2014).

Segundo Lemaire (1989), o sujeito começa a emergir a partir da inscrição no campo do Outro — o registro simbólico da linguagem. Mesmo antes de falar, ele já é falado, representado por significantes que o Outro lhe endereça. No entanto, essa entrada na linguagem tem um preço: o sujeito só pode surgir fixado por um significante, perdendo algo da experiência fluida e onipotente do ser. Essa operação marca a alienação do desejo, que passa da fantasia de ser o falo — objeto de completude do Outro — para a condição de ter um desejo regulado, limitado, que obedece às leis da linguagem. A partir daí, o sujeito busca objetos substitutivos cada vez mais distantes do objeto inicial de seu desejo, e o próprio desejo passa a se moldar às formas normativas e sociais que o Outro impõe.

O interdito do incesto sobrepõe o reino da cultura ao reino da natureza. Isto se realiza, qualquer que seja a forma local que tome a cultura, pelas restrições sexuais e pela criação de laços solidários. Somente o acesso à ordem simbólica da família - Aliança e Parentesco - permitirá a cada um saber quem é, qual é sua posição, quais são os limites de seus direitos em relação ao respeito que deve ao outro. (Lemaire, 1989, p. 130).

Lemaire (1989) ressalta que os termos da metáfora paterna, tal como formulada por Lacan, devem ser compreendidos como símbolos abstratos que servem à conceituação dos processos psíquicos vividos na infância. Trata-se, portanto, de uma construção teórica, uma “simbolização útil” para pensar a constituição subjetiva. (p. 134).

A partir dessa simbolização, o sujeito começa a se fixar em papéis sociais que, progressivamente, edificam o que Lacan chama de *ego* — uma instância que, longe de coincidir com o sujeito, corresponde antes à sua imagem objetivada. Segundo o próprio Lacan, o ego não é o sujeito, mas sua aparência: ele se situa no campo do imaginário, sustentado por identificações, ao passo que a subjetividade se constitui no registro simbólico. (Lemaire, 1989).

Na alienação, explica Lemaire, o sujeito acaba moldando-se às imagens e fantasias que o habitam, iludindo-se tanto sobre si mesmo quanto diante dos outros. Essa captura pelo

imaginário aparece em expressões cotidianas como: “Eu quero ser fulano” ou “Tenho o temperamento da minha mãe”, nas quais o sujeito busca afirmar uma identidade a partir de identificações parciais e fantasísticas (p. 118). Assim, nos diferentes modos de relação, o sujeito impõe ao outro uma imagem de si mesmo forjada pelas experiências que moldaram seu ego. Como resume Lemaire (1989), esse ego é uma construção imaginária, que condensa os papéis sociais e os enunciados identificatórios nos quais o sujeito se fixa — mas que não o esgotam enquanto sujeito do inconsciente.

2.3.8. Entre o espelho e o Significante: Caminhos da Identificação em Lacan

Vimos anteriormente que Lacan propõe o *Estádio do Espelho* como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, isto é, “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. (Lacan, 1997, p. 97).

Lacan (1997) trouxe uma nova perspectiva sobre o conceito de identificação, que anteriormente foi dito por Freud como representações inconscientes, sem a noção de presença determinante do Outro. No Estádio do Espelho, percebe-se a noção de um corpo fragmentado, no campo inconsciente, na qual a formação do [eu] se simboliza, oniricamente, através de uma identificação proveniente da confrontação com a própria imagem, seja ela especular ou não (no caso de agentes externos a ela, pessoas que estejam em sua rede de convivência). E estas pessoas lhe fornecem características necessárias a um ideal de unificação corporal. (Lacan, 1997).

Portanto, por via do processo de assimilação da noção de espaço, a criança dá o passo decisivo à entrada na dialética social, recebendo influência através reconhecimento do outro, especialmente pelo campo visual. E o Estádio do Espelho desempenha a importante função de “estabelecer uma relação do organismo com sua realidade” (Lacan, 1997, p. 199).

E assim, Lacan (2009) fez uso do termo *Gestalt* para representar o momento em que a criança, não tendo a total unificação corporal, entra no campo do reconhecimento do Outro mediante uma aparente ideia de totalidade corpórea. De outro modo, é por meio das observações e, mais propriamente, das figuras que somos moldados e constituímos a noção de [eu].

Lacan (2009) cita também que, se perceber como uma estrutura ainda não unificada, provoca um grande conflito mental na criança, que passa a agir com certa agressividade em relação ao Outro. “O homem se vê, se concebe como outro que não ele mesmo” (Lacan, 2009, p. 96).

Para Lacan (2009), os seres humanos são constituídos pelas identificações, provindas daqueles que os rodeiam, e pelo caráter de fornecer uma imagem ao observador, o que Lacan chamou de *espelho*. Nas palavras de Lacan: "O eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram" (Lacan, 2009, p. 226).

Assim, percebemos que a alienação é na verdade uma identificação com o externo, com a figura da alteridade e a tomada de seus atributos (do Outro) como seus. Para Lacan (2009), o conceito de alteridade é importante, por conceber a relação com o Outro e o significado de identificação e de constituição de si, contrastando com a visão cartesiana, que entendia a alteridade de forma oposta, predominantemente voltada ao eu consciente e à autonomia do sujeito.

Conforme Quinet (2012), Lacan apresenta cinco categorias que manifestam a alteridade. Destas cinco formas de explicar a alteridade, iremos nos concentrar em duas, que são citadas na obra *O Estádio do Espelho*. A primeira define a alteridade na instância do grande Outro, simbolizado pela letra A, e a segunda é representada pelo pequeno outro, simbolizado pela letra a.

Lacan diferencia os termos para explicar a alteridade em relação ao entendimento de "outro", escrito com letra minúscula. Quinet (2007, p. 10) diz: "quando não é objeto de desejo, é um estorvo, um inferno". Dessa forma, o pequeno outro é um ideal de eu, que aparece naquele que está presente no dia a dia, no colega de trabalho e até mesmo no vendedor de frutas. Quando presente em seu irmão consanguíneo, que pode acabar por se tornar um "intruso", pela idealização de este querer vir a ocupar o seu lugar de reconhecimento.

O sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua própria imagem, mas também do corpo de seu semelhante. É exatamente aí, nesse momento, que se isola, no ser humano, a consciência enquanto consciência de si. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. É na medida em que o seu desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo. (Lacan, 2009, p. 196).

Deste modo, é na identificação com o Outro que se vive toda a gama das reações de imponência e ostentação, cuja ambivalência estrutural, representada em condutas, revela com evidência, o "escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor" (Lacan, 1998, p. 116). Em suma, a identificação à imagem primordial será sempre exterior e, portanto, um outro de si mesmo e alienante.

2.3.9. Sobre Aquilo que Retorna: Repetição e Ritmo em Lacan

É importante neste trabalho, reunirmos os aspectos teóricos de Lacan, que estiveram presentes em nosso olhar para a análise dos casos clínicos. Portanto, trouxe também a noção de repetição e ritmo, que de acordo com Lacan (2005), estão intimamente ligados ao símbolo. E, justamente por existir no tempo, torna-se significativo e, portanto, simbólico. Este simbolismo tem um nome: repetição, que deve ser concebida “como ligada a um processo circular do intercâmbio da fala” (Lacan, 2005, p. 129).

O fenômeno da repetição já fora anteriormente exemplificado por Freud, ao referir-se ao brinquedo com o carretel, que a criança faz aparecer e desaparecer, de acordo com a chegada e a saída da mãe.

Essa repetição primitiva, essa escansão temporal, faz com que a identidade do objeto seja mantida na presença e na ausência. Temos com isso o alcance exato, a significação do símbolo na medida em que ele se refere ao objeto, isto é, ao que denominamos conceito (Lacan, 2005, p. 35).

Conforme Lacan (2005), tudo aquilo que se repete, varia e modula é alienação. O ritual que se manifesta nos primeiros movimentos da criança, mediante ao Outro, é que forma os significantes (processo do qual falaremos mais adiante). Isto é, se uma criança exige que seja contada sempre a mesma história, esta terá uma mesma narrativa textual, porém com significância variada.

Essa exigência de uma consistência distinta dos detalhes de sua narrativa significa que a realização do significante não poderá jamais ser bastante cuidadosa em sua memorização para chegar a designar a primazia da significância como tal. É então evasão, aparentemente, o fato de desenvolvê-la variando as significações. Esta variação faz esquecer a visada da significância ao transformar seu ato em brinquedo e lhe propiciando felizes descargas em relação ao princípio do prazer. (Lacan, 2005, p. 62).

Lacan (2005), a fim de explicar o conceito freudiano de repetição, busca a teoria aristotélica sobre as *causas acidentais das coisas*. Para tanto, revisa dois termos utilizados por Aristóteles, para estabelecer uma relação entre a rede de significantes – *automaton* – e o encontro do real – *tiquê*. A *tiquê* estaria representando o desejo faltoso, o movimento constante em busca de algo; e o *automaton* trata “do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer” (Lacan, 2005, p. 56).

Conforme Lacan (2005), a repetição está ligada ao *objeto a*, que por sua vez, é excluído da cadeia de significantes, levando ao movimento de repetição por contingências psíquicas do sujeito. Portanto, a lacuna na linguagem é o que se repete e faz mover os significantes dentro de uma cadeia associativa.

A repetição faz então funcionar o simbólico, dando ao desejo a força motora de se conectar e reconectar aos seus objetos originais. E a repetição acontece justamente pela impossibilidade de dar ao desejo um significante último. Ao ir em busca desta falta original, é que o sujeito ressignifica suas angústias existenciais, dando novas interpretações para suas vivências. (Lacan, 2005).

Conforme Lacan (2005), a angústia funciona sob a influência da compulsão à repetição, que seria uma falha do aparelho psíquico em dominar toda a excitação causada por uma situação traumática. Portanto, identificar o lugar da angústia é de grande importância para a psicanálise, pois, através dela, é possível intervir nos pontos marcantes do sujeito, observando seu próprio discurso.

2.4. La língua: *aquilo que escapa à língua*

O que seria *aquilo que escapa à língua*? Seria o que está para além das normas, que fazem o sistema, traz fragmentos de um passado perdido, de indefiníveis certezas? De uma zona da memória que é impossível de localizar, porém onde habitam uma tendência irresistível para alguns de bater com o pé no chão quando se ouve a canção “pisa na fulô, pisa na fulô...”

Para nós, nesta pesquisa, entender a parte da língua como “algo que não faz sentido” significa que há algo que *não faz sentido para um, porém faz sentido para outro*. Justamente este Outro que traz os significantes, que enche nossa “biblioteca de memórias” (Ciscato 2021), e que desperta o que está esquecido.

Para tudo que não coube na língua pública e nem na privada, mas apenas ficou como ressonância, ritmo, cor, Lacan inventa um nome, fazendo cantarolar sua *langue* com o termo *lalangue*¹⁷. Na nossa língua, um tanto dessa vibração se vai, mas que seja, digamos, em português *la língua*. É com ela que, em última essência, lida o psicanalista ao fazer os fragmentos de história fora da história de cada um falar (Ciscato, 2021).

¹⁷ *Lalangue* e *la língua* constituem-se em termos sinônimos. Nesta pesquisa optamos por utilizar o termo “*la língua*”, porém em determinados momentos, podem aparecer o termo *lalangue*”, quando em referência a fala de alguns autores.

O acontecimento que está na origem do termo *lalangue* tem sua relação fônica com *Lalande* e certamente nos trouxe maior compreensão acerca de seu próprio sentido. Alberti (2016) nos conta em seu artigo: *Onde está a verdadeira verdade de seu discurso?*

Provavelmente não é sem importância que o patronímico do filósofo se associa ao de um outro intelectual francês, este, astrônomo, de importância conhecida no meio científico. O nome deste intelectual, nascido em 1732, mais de um século antes de André Lalande, era bem longo: Joseph Jérôme Lefrançois de Lalande e, em função de ser tão longo, como era longo o nome original do Vocabulário técnico e crítico da filosofia de André Lalande, passou a ser conhecido como “De La Lande”, às vezes, como “Le Français de la Lande”. (Alberti, 2016, p. 190).

[...] Ao retomar a realização do Vocabulário de psicanálise por Laplanche e Pontalis, Lacan faz seu ato falho que o leva a propor um novo conceito para a psicanálise em 1971: *lalangue*. No lugar de dizer ‘Vocabulário de psicanálise’, diz: ‘Vocabulário de filosofia’. Este fora produzido por André Lalande e é conhecido pelo nome de seu realizador – o Vocabulário Lalande. (Alberti, 2016, p. 190).

Miller (2013) esclarece que, para Lacan, a abordagem sobre a voz busca definir o que seriam os significantes da entonação segundo os efeitos de sentido dos quais eles se encarregam. “O ponto crucial dessa voz é que a produção de uma cadeia significativa – eu lhes digo nos termos mesmos de Lacan – não está ligada a este ou aquele órgão dos sentidos, a este ou aquele registro sensorial.” (Miller, 2013, p. 08). Pode-se pensar, então, que o que Lacan chama de voz seja aparentado com a entonação e suas modalidades vocais.

A estas vocalizações infantis iniciais, Carvalho (2019) em seu artigo “Jogos sonoros na fala infantil e mudanças na interpretação do outro”, afirma que também são “chamadas de jogos sonoros, jogos de ressonância ou jogos vocálicos, destacando-se o lugar fundamental ocupado pelo Outro, a fim de que esses jogos se transformem propriamente em fala.” (Carvalho, 2019, p. 76). E essa transformação, conforme os escritos dessa autora, ocorre quando o prazer que a criança situa nos sons é transferido para a cadeia de significantes.

Carvalho (2000) ressalta ainda a sensibilidade do bebê a pistas suprasegmentais (como, por exemplo, as pausas), que correspondem a limites de unidades sintáticas, e constituem-se um fator importante para o processo de aquisição da linguagem.

Os aspectos suprasegmentais são, especialmente, recortados nas investigações que focalizam a fala dirigida à criança, a qual frequentemente exagera certas marcas, tais como contorno entonacional, pausa e duração. [...] A esse respeito, tem sido destacado o papel desempenhado, no processo de aquisição da linguagem, pela preferência que o bebê demonstra no tocante à fala a ele dirigida em vez da fala dirigida ao adulto. (Carvalho, 2000, p. 7).

Carvalho (2017), ao referir-se a Lacan, destaca sua afirmação de que “jogar com as palavras traz à tona sua dimensão homofônica” (p. 62), evidenciando como somos capturados pela literalidade sonora dos significantes e pelos jogos de escrita e de ressonâncias, que testemunham a atividade de *lalíngua* — uma experiência que nos afeta primeiramente por seus efeitos, que também são afetos (Carvalho, 2017).

Nesse mesmo sentido, Porge (2006) propõe que a introdução da noção de *lalíngua* se inscreve no movimento constante de Lacan em torno da ideia do inconsciente estruturado como linguagem, relacionando-a com o falar infantil, rico em sonoridades, desvios e equívocos que escapam ao sentido convencional.

Esse autor nos propõe que a qualidade destas interações sonoras entre o bebê e seus pais é determinante para seu desabrochar futuro. “Corpo, língua, afetos e representações tecem o corpo de *lalíngua*, ou melhor, fazem consistir *lalíngua* como corpo do simbólico.” (Porge, 2006, p. 121).

A essa fala *tecida pela afetividade*, Laznik (2011, p. 93) se refere em seus estudos sobre a linguagem do bebê de zero a três meses, afirmando que:

Um bebê feliz ama mostrar quanto ele, ou ela, é hábil e ama receber em resposta os elogios que lhe são dados. O prazer que ele sente, escreve Trevarthen (2004), quando ele consegue o que quer fazer, ou a vergonha e a tristeza quando ele não consegue, deve-se ao fato de que o bebê é impulsionado pelo desejo de compreender o mundo com as pessoas que ele conhece melhor.

Laznik (2011) explica que os gestos, as expressões faciais, o olhar do bebê constituem formas de comunicar intenções; que, combinados à comunicação não verbal, como vocalizações, com entonações marcadas, levam os adultos a compreenderem mais facilmente suas intenções e são carregadas de significado.

Considerando, então, o que foi discutido até aqui, sobre as manifestações do bebê, que estão tão intrinsecamente ligadas aos seus apelos e respostas corporais, abordaremos mais adiante as concepções de corpo em diferentes abordagens teóricas e tempos históricos, a fim de alcançarmos uma melhor compreensão do processo de alienação lacaniana como sendo aquele que lida com uma operação de falta (*falo*), e dá origem a um sujeito desejante marcado por esta relação com a falta.

Ressonância, ressonar. No dicionário da língua portuguesa, esta palavra tem alguns significados, como: propriedade de aumentar a duração ou a intensidade do som; modo de

transmissão das ondas sonoras por um corpo; ruído confuso resultante do prolongamento ou reflexão de um som (Dicio, 2009-2024). Para muitos autores psicanalistas, essa palavra traz um significado bastante subjetivo, e passou a tomar uma forma primordial para explicar que, a musicalidade da voz materna é transmitida ao bebê por meio de sua ressonância, transmitindo uma invocação que o fará se constituir como sujeito.

É este som que vem da mãe, que se prolonga, através de ondas sonoras, como um ruído confuso no corpo da criança (Dicio, 2009-2024), produzindo a marca do significante implicada na pulsão invocante - a *lalíngua* – (Lacan, (1997). E sobre esta propagação do som, recorremos a Wisnik (1999, p. 17):

Sabemos que o som é onda, que os corpos vibram, que essa vibração se transmite para a atmosfera sob a forma de uma propagação ondulatória, que o nosso ouvido é capaz de captá-la e que o cérebro a interpreta, dando-lhe configurações e sentidos.

Portanto, o ato de escutar é algo complexo, que implica em diversos fatores, como as modalizações da voz do Outro (Catão, 2009). Nesse jogo entre mamãe e bebê, a mãe é a intérprete da demanda que vem do bebê. E conforme Lacan (1997), o sujeito tenta expressar com seu corpo tudo que escuta do Outro, isto é, o bebê incorpora a voz que escuta, captando cada partícula fonêmica. Neste momento, o bebê goza de seu corpo com a ressonância de sua própria voz, ao articular com os órgãos fonoarticulatórios: os lábios, a língua, o palato, os dentes e bochechas.

Lacan (1997), destacou a ressonância da linguagem em seus seminários, após mais de uma década de ter trazido a noção de pulsão de invocante: "As pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer. Esse dizer, para que ressoe, (...), é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é." (Lacan, 2007, p. 18-19).

Autores psicanalistas como Quinet (2012), Vivès (2009) já trouxeram a discussão sobre como os instrumentos e as cordas vocais afetam o corpo, através das ondas sonoras, sem estarem necessariamente ligados à ordem do significado, mas sim do significante. Dessa forma, entendemos que a dimensão da ressonância está intimamente ligada ao conceito de *lalíngua*.

E em se tratando de um estudo, que tem como um de seus objetos, o sujeito com diagnóstico de autismo, destacamos a diferença entre eco e ressonância, visto que dentro do quadro de aspectos do autismo elencado pelos conselhos de medicina, a “ecolalia” é algo muito presente e analisado como uma fala isolada de sentido, que reflete apenas a repetição de palavras ou sons provindos do mundo externo. Ao buscarmos o significado da palavra eco em

sua origem, veremos que é definida como: “repetição de um som que se dá pela reflexão de uma onda sonora por uma superfície ou um objeto” ou “repetição de um som reenviado por um corpo duro”. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2024).

Em outras palavras, é um fenômeno físico que envolve a ida e retorno de uma propagação de onda sonora, em um intervalo de tempo repetitivo.

O DSM-5 define a ecolalia como uma repetição (eco) patológica, sem significado comunicativo aparente, classificando esta condição dentro de comportamentos autísticos restritos e repetitivos” (Santos et al., 2023).

Alguns pesquisadores consideraram a ecolalia como uma repetição sem significado e sem propósito aparente, como uma indicação da severidade da desordem, ou ainda, como uma fala indiferente ao outro e a qualquer interpretação. Sob esta perspectiva, o procedimento clínico adotado seria a tentativa de inibição da fala ecolálica (Saad; Godfield, 2009, p. 256).

Neste estudo, entendemos o que é chamado de ecolalia, como algo que ressoa do/no Outro. E a ressonância é provocada por uma complexa remodulação de frequências sonoras vibracionais recebidas. Ela amplia o som, repercutindo em outras oscilações sonoras e maiores frequências em relação ao som original.

Conforme o que foi dito até aqui, entendemos que a língua é transmitida pela voz e *seduz* (destaque nosso) por sua musicalidade. Conforme Lacan (1985), essas marcas confirmam que a ênfase da transmissão primordial é referente não exatamente no significado do que o Outro fala, mas no modo como é falado, em sua modulação e ressonância. Além disso, os vestígios sonoros provenientes do Outro podem se depositar no corpo como afetos, que poderão se revelar através das palavras (Lacan, 1985).

Quando a criança ainda não aprendeu a falar, mas já percebeu que a linguagem significa a voz da mãe, com suas melodias e seus toques, é pura música, ou é aquilo que depois continuaremos para sempre a ouvir na música: uma linguagem em que se percebe o horizonte de um sentido que, no entanto, não se discrimina em signos isolados, mas que só se intui como uma globalidade em perpétuo recuo, não verbal, intraduzível, mas, à sua maneira, transparente (Wisnik, 1999, p. 30).

Prosseguiremos então, nesta reflexão, trazendo neste ponto, alguns aspectos conceituais sobre o ritmo. Conforme Wisnik (1999), o ritmo é a base de todas as percepções, marcadas sempre por uma forma de entrada e saída, através de fluxos de carga e descarga. Ao crescer no útero da mãe, o bebê está envolvido por todas as sensações rítmicas de tensão, repouso, contração e distensão, que representam, antes de qualquer objeto, “o traço de inscrição das percepções” (Wisnik, 1999, p. 29).

Conforme Laznik (2009), em Lacan o ritmo não é tratado de forma isolada, mas pode ser entendido em vários contextos de sua obra, especialmente em relação à linguagem, ao inconsciente e à estrutura do discurso. Laznik (2009), em seu artigo “Ritmo, presença, voz, respiração - depoimento sobre o manejo da transferência em Lacan”, faz a seguinte citação:

Lacan não fala do ritmo; se lhe acontece de empregar esta palavra, não é a propósito do trabalho na sessão. Da respiração tampouco ele fala. Eu estava, pois, em uma situação delicada, tendo de dizer coisas sobre sua prática e não encontrando, numa primeira aproximação, nem em seus Escritos nem em seus Seminários, em quê sustentá-las (Laznik, 2009, p. 2).

E, retomando os conceitos já revisitados até aqui, podemos observar que Lacan considerava a linguagem falada como um sistema estruturado de significantes, onde o ritmo desempenha um papel fundamental. Portanto, o ritmo refere-se à cadência e à repetição dos significantes que estruturam a linguagem, organizando a forma como significantes e significado se relacionam.

Por fim, entendemos que a noção de ressonância em Lacan articula-se ao ritmo da fala e à lógica do significante que estrutura o inconsciente. Mais que transmitir significados, a linguagem opera por repetições, cortes e retornos que produzem efeitos corporais — uma musicalidade que dá corpo à língua.

O ritmo, portanto, toca a lógica lacaniana no ponto em que o saber falha: ele incide onde o significante se desfaz de seu encadeamento lógico e passa a operar como resto, como marca no corpo. É aí que a ressonância se liga ao gozo e aos efeitos da linguagem que não se reduzem à representação — efeitos que dizem mais da experiência do sujeito do que aquilo que ele enuncia como sentido.

2.4.1. *A Terceira*: a lógica em Lacan

Como parte do esforço de articulação que orienta esta pesquisa — ao estabelecer conexões entre a psicanálise, a linguística e a teoria da complexidade —, propomos aqui o tópico intitulado “A Terceira: Lógica em Lacan”, uma referência direta à última conferência de Lacan em Roma, proferida em 1º de novembro de 1974, por ocasião do VII Congresso da Escola Freudiana de Paris. (Campos, 2025).¹⁸

Nessa ocasião, Lacan apresentou a conferência conhecida como “A Terceira” (*La Troisième*), cujo título remete não a uma terceira vez cronológica, mas a uma posição de

¹⁸ Em meio a escassez de referências sobre o tema, encontramos o artigo “Das incursões de Lacan pela lógica” de Campos (2025), do qual ressaltamos grande contribuição para esse estudo.

abertura que se contrapõe a toda pretensão de fechamento totalizante. Quando afirma “A terceira – não-toda”, Lacan evoca o princípio de não totalidade que atravessa seu ensino, convidando a manter o campo da teoria sempre aberto à contingência e ao inacabado (Campos, 2025).

Na conferência — publicada por Miller (2003) no livro “A Terceira” — Lacan retoma seu trabalho sobre *lalíngua* e a celebração da figura do mestre¹⁹, ao mesmo tempo que sublinha que a linguagem, a lógica e o real se articulam em registros que jamais se sobrepõem completamente. Como destaca Miller (2003), a conferência opera como uma espécie de ponto de passagem entre a teoria do significante, desenvolvida por Lacan a partir de Saussure, e a formulação posterior da lógica do não-todo e da escrita dos nós borromeanos. (Campos, 2025).

Assim, “A Terceira” situa-se como um marco que não apenas revisita conceitos fundamentais — como a teoria de *lalíngua* —, mas também celebra a própria obra lacaniana, reafirmando sua dimensão inacabada e seu compromisso com uma lógica aberta ao imprevisível.

Em “A Terceira”, Lacan (1991) resgata o conceito de que há dependência do inconsciente à *lalíngua*, sugerindo que a *lalíngua* age como um receptáculo, por onde esta irá precipitar-se: “Não há letra sem *alíngua*²⁰, é mesmo esse o problema, como é que *alíngua* pode precipitar-se na letra?” (Lacan, 1991, p. 95). Para Lacan (1991) a língua suporta o real da *lalíngua* e esta última é entendida como não-toda é marcada pela falta. É esse não todo da língua que sustenta um ser dito falante, pois, amor e língua se enraízam na *lalíngua*, daquilo que excede à língua e marca sua presença no desejo do ser falante.

Sobre o que excede a língua, Lacan (1996) entende que na *lalíngua* há uma fratura, isto é, quando há um equívoco, pode-se dizer que houve a evocação da *lalíngua* que revela aquilo que do real escapa à língua. E são estas falhas que são estruturantes da língua e não podem ser vistas como problemas de interpretação, pois todo equívoco que incide na língua será para o sujeito a evidência daquilo que se sabe: *a lalíngua*.

¹⁹ Lacan problematiza o lugar do mestre no discurso (ligado ao *Discurso do Mestre* que Lacan formalizou em 1970). Essa “celebração” não é um elogio, mas uma análise crítica: Lacan mostra como os saberes, inclusive o saber psicanalítico, podem ser capturados pela lógica do mestre, que organiza hierarquias e dogmatismos. Ele contrapõe isso à ideia de abertura (*não-toda*), afirmando a importância de não fechar o saber em sistemas rígidos. (Campos, 2025).

²⁰ *Alíngua* é umas das traduções do termo *lalangue*, preferimos a forma cunhada por Campos, *lalíngua*, no entanto em citações literais conservaremos a tradução que traz a obra citada.

Conforme Lacan (2008), esse saber se refere a um lugar inconsistente, que não se pauta em uma identidade fechada, onde se percebe que a estrutura do Outro é dada pela lei do significante. E o que caracteriza este significante não é algo que esteja ligado a um sentido isolado, mas sim por todos os outros que são diferentes dele. Sua diferença reside nos outros. E isso inaugura uma classe, que numa palavra, Lacan chamou de *Um* (2008).

Este *Um*, para Lacan, é compreendido como uma tentativa de encerrar uma totalidade, isto é, a condição de *Uno*. Dessa forma, a função de fazer *Uno*, de fechar um entendimento coerente sobre o que supostamente foi dito, é dada pela estrutura diacrônica da fala. Então, aquilo que nos atravessa e que nos antecede, não é um fato evidente na análise, e precisa ser instituído a partir do significante, que comporta necessariamente uma antecipação (Lacan, 2008).

[...] o que acontece com a unidade da cadeia significante, na medida em que ela só encontra sua conclusão ali onde recorta a intenção, no futuro anterior que a determina. Quando uma coisa se instaura a partir daqui, que é, digamos, o querer dizer, o que se desenrola do discurso só vem a se concluir ao voltar a esse ponto, ou seja, só adquire seu alcance pleno da maneira aqui designada, isto é, retroativa (Lacan, 2008, p. 49-50).

Campos (2025) aponta que as incursões de Lacan pela lógica não foram meramente decorativas, mas uma tentativa de construir instrumentos conceituais capazes de dar conta do que escapa à linguagem ordinária. Para o autor, a lógica em Lacan opera como um meio de formalização que, longe de ser um fechamento, indica um ponto de incompletude estrutural, sobretudo ao se deparar com paradoxos que evidenciam o real. Essa dimensão é fundamental, pois revela a lógica não como um sistema fechado, mas como uma ferramenta para demonstrar a impossibilidade de totalização do sentido, condição que sustenta a estrutura do sujeito e do inconsciente. Assim, a lógica, em Lacan, é menos sobre rigor formal e mais sobre uma forma de pensar a partir da falta e da não-toda.

D'Agord (2004) em seu artigo “A negação lógica e a lógica do sujeito”, explora a articulação entre lógica e sujeito a partir da negação, destacando como Lacan se vale da lógica para formalizar operações fundamentais na constituição subjetiva. A autora demonstra que a lógica lacaniana não busca garantir certezas, mas operar com a divisão e com a negatividade constitutiva do sujeito. A negação, nessa perspectiva, não é apenas um recurso gramatical, mas uma função estrutural que evidencia o modo como o sujeito se inscreve no simbólico por meio da perda e da falta. Com isso, a lógica não fecha o campo da psicanálise; ao contrário, abre-o à dimensão do impossível, marca daquilo que escapa à representação.

Costa (2021), em “Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan”, aborda a lógica como eixo da transmissão do ensino de Lacan, enfatizando que as formalizações — como os matemas e os grafos — visavam transmitir algo da experiência analítica de modo menos dependente da interpretação pessoal. Para o autor, Lacan compreende que a formalização lógica não reduz a experiência, mas a condensa, tornando transmissível o que há de mais essencial: a estrutura. A lógica, nesse sentido, é um recurso de ensino, mas também um dispositivo clínico, pois sua função é sustentar a ética do “não-todo” e manter a psicanálise aberta ao real, preservando o que não pode ser capturado pelo sentido pleno.

Neste estudo, interessa-nos particularmente a dimensão da lógica como instrumento de transmissão no ensino de Lacan. A escolha por recorrer à lógica de transmissão, como aponta Campos (2025), inscreve-se na tentativa de formalizar o saber analítico por meio de matemas, fórmulas e estruturas que possibilitem sua transmissibilidade integral, reduzindo a equivocidade inerente à linguagem comum. A formalização não visa apenas rigor, mas também sustenta a ideia de que aquilo que se transmite na psicanálise não se reduz ao sentido, pois a estrutura lógica permite operar com o significante e não com o significado. É nesse contexto que Lacan mobiliza a lógica dos quantificadores — “todo”, “existe” — para introduzir a noção de não-todo, subvertendo a lógica clássica e apontando para a incompletude e para um gozo que escapa à função fálica. Essa elaboração revela que, embora a lógica aspire à univocidade, ela se confronta com os pontos de impasse em que o real insiste como resto não simbolizável, impossível de ser recoberto por completo. (Campos, 2025).

Assim, a lógica em Lacan cumpre um duplo papel: é máquina simbólica de transmissão e, ao mesmo tempo, dispositivo que denuncia sua própria insuficiência diante do real — ponto que a aproxima da epistemologia da complexidade, por reconhecer a instabilidade e a abertura do saber. A lógica lacaniana, portanto, não é apenas uma lógica formal, mas uma lógica que assume a incompletude como constitutiva, o que a torna uma lógica da transmissão: rigorosa, mas não totalizante. (Costa, 2021).

É nessa perspectiva que pensamos ser possível articular a lógica do não-todo à hipótese de pensar a língua como um “terceiro incluído”, hipótese formulada no decorrer de nosso percurso analítico e que, embora não seja aqui desenvolvida, julgamos relevante indicar, pois pode sustentar pesquisas futuras. Essa articulação dialoga com o princípio proposto por Nicolescu (2000), segundo o qual a lógica do terceiro incluído admite a emergência de um termo T, que é simultaneamente A e não-A, desafiando a binariedade clássica e abrindo espaço para realidades múltiplas, dinâmicas e não lineares. Do mesmo

modo, em Lacan (1998), a língua é concebida como não-toda, marcada pela falta e permeada pelo real da *lalíngua* — essa dimensão opaca, de equívoco e gozo, que sustenta a condição do ser falante. Como assinala Milner (1987), a *lalíngua* é aquilo que torna possível falar, pois amor e língua se enraízam nesse campo do impossível, onde a verdade e o real se inscrevem.

2.5. Poderia ser a *lalíngua*, um terceiro incluído?

A hipótese da *lalíngua* como um terceiro incluído surgiu ao longo do processo analítico e foi maturada no decorrer desta pesquisa. Embora não a exploremos de forma aprofundada neste estudo, consideramos relevante apresentá-la, pois emerge de um olhar atravessado pela teoria da complexidade, que orienta nossa proposta de articular saberes aparentemente heterogêneos. Nesse sentido, compreendemos a *lalíngua* como um operador que tensiona as lógicas clássicas de exclusão, situando-se no espaço do paradoxo, onde contradições podem coexistir sem serem anuladas. Essa perspectiva abre campo para investigações futuras, permitindo avançar na reflexão sobre as bordas entre linguagem, corpo e gozo, sob a ótica do terceiro incluído, enquanto dispositivo que rompe com binarismos e favorece a emergência do novo.

Para lançar esta hipótese, partimos da posição Interacionista de Lemos, (1998), que estuda a aquisição da linguagem pela criança, focando na relação entre o sujeito e a língua através da interação com outros falantes. Lemos (1998) advoga que a criança é "capturada" pela linguagem antes de começar a falar, e que o sujeito se constitui a partir dessa captura e da relação com o Outro. Essa abordagem valoriza a fala infantil como uma fala "não-analisada", que resiste a categorias preestabelecidas, e utiliza o diálogo como unidade de análise para a pesquisa em linguagem.

Inicialmente, a partir de uma releitura do texto de Jakobson (1969) *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio*, Lemos, (1992) passa a considerar que a fala inicial da criança revela aspectos do funcionamento próprio da língua, perceptíveis não como “erros”, mas como produtos do cruzamento e substituição entre cadeias (Lemos, 2002).

Lemos (2002) propõe que as transformações na fala inicial não representam etapas superadas, mas deslocamentos de posição em uma estrutura: (1) dominância da fala do outro, marcada pela repetição de enunciados do adulto; (2) dominância do funcionamento da língua, com cadeias abertas a deslocamentos e ressignificações; e (3) dominância da relação do sujeito com sua própria fala, evidenciada por pausas, reformulações e autocorreções.

Portanto, o percurso teórico de Lemos é motivado por uma visão estrutural de mudança — articulando a linguística estruturalista de base europeia e a psicanálise lacaniana. Tal articulação possibilita acompanhar o movimento de travessia da criança, isto é, o ir e vir entre a “trajetória da criança de *infans* a sujeito falante” (Lemos, 2002, p. 56).

Sobre estas mudanças, Lemos (2015) pontua que podemos compreender a linguagem como um acontecimento, na medida em que esse acontecimento é reconhecido como “habitação da língua”²¹ (Lemos, 2015, p. 44); e que desse/nesse acontecimento, depositou-se a etimologia de transmissão que “serve de resumo para esse trajeto: o verbo latino *transmittere* se decompõe em “enviar através”, “lançar através”, “lançar além” (Lemos, 2015, p. 43).

Para essa autora, a transmissão da psicanálise implica a passagem do saber para o saber-fazer. Convoquemos, então, a fala de Lemos em Lier-De Vitto; Carvalho (2008) no artigo *O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem*, em que se concebe um novo ponto de vista para a investigação linguística: o investigador é desafiado a “se sustentar num ponto de cruzamento entre o seu saber a língua (como sujeito falante), o seu saber sobre a língua (como sujeito/investigador) e o saber da língua.” (Lier-de Vitto; Carvalho, 2008, p. 140).

A estes três saberes, podemos acrescentar o que Lemos (2015) fala sobre o saber-fazer-com-a-lalíngua. “Só um saber-fazer-com-a-lalíngua dribla o sentido que se fixa e fecha-se em ambos os casos e coloca um psicanalista diante de janelas que se abrem para o inconsciente.” (p. 140) A exemplo da segunda conferência de Lacan sobre “Joyce, o sintoma”²², em 1975, conforme Lemos (2015), esse psicanalista expõe que seu saber-fazer-com-a-lalíngua exibe todos os recursos linguísticos que aparecem, seja no chiste, lapso ou nos artifícios de escrita de Joyce. E “nesses recursos e artifícios se reconhecem um *saber-fazer-com-a-lalíngua* de modo a produzir equívoco, a desfazer o instituído.” (Lemos, 2015, p. 45).

Sobre o equívoco, Lemos (2015) nos coloca que a referência da linguagem para o inconsciente escapa ao campo da semântica, da significação. Para Lacan, a lalíngua “serve para outras coisas que não a comunicação.” (Lacan, *apud* Lemos, 2015, p. 46).

²¹ Em referência ao termo já citado anteriormente, acontecimento é reconhecido como “habitação da língua” (Lemos, 2015, p. 44); e desse/nesse acontecimento, se depositou a etimologia de transmissão que “serve de resumo para esse trajeto: o verbo latino *transmittere* se decompõe em “enviar através”, “lançar através”, “lançar além” (Lemos, 2015, p. 43).

²² *Joyce, o sintoma* é um seminário que Lacan deu em 1975. Lacan conheceu Joyce com a idade de 17 anos. Joyce, refletia o nome de seu seminário porque a jovem sempre quis ser alguém cujo nome sobreviveria para sempre; queria encarnar o sintoma. Sendo a encarnação do sintoma, ele ficaria reduzido a uma estrutura e escaparia à morte.

Segundo Lacan (1998), os significantes armazenados na língua — esse depósito inconsciente de sons e sentidos — podem emergir inesperadamente na fala, revelando um dizer que escapa à intenção consciente do eu. Trata-se de uma expressão do desejo que se inscreve além das palavras. Nesse mesmo sentido, Lemos (1998) destaca que os traços singulares da fala infantil — como repetições e hesitações — indicam sua heterogeneidade e abrem espaço para articular linguística e psicanálise.

A relação com a linguagem, tal como apontada por Lemos (1998), implica um entrelaçamento entre dois tipos de saber: o saber da língua — aquele que o sujeito utiliza ao falar — e o saber sobre a língua — que abrange as regras, categorias e teorias que a organizam. Na investigação sobre a aquisição da linguagem, esse cruzamento evidencia a complexidade do fenômeno, especialmente quando a escuta se volta para a singularidade da fala em constituição.

Então, dentro da proposta do Interacionismo Linguístico, Lemos (1998) defende que a criança é marcada como corpo interpretado (pulsional) mesmo antes de adquirir linguagem formal, e que sua fala se constitui a partir de processos metafóricos e metonímicos — inicialmente propostos por Lemos (1998) como centrais para explicar as mudanças linguísticas na aquisição da linguagem.

Posteriormente, Lemos (2002) revisa essa ideia e propõe que tais processos devem ser pensados em articulação com o discurso do Outro. A autora sugere três posições discursivas que a criança pode ocupar no processo de subjetivação, mostrando que a constituição do sujeito falante não ocorre de forma linear, mas pela captura da criança pela linguagem do Outro.

E é justamente este pressuposto teórico, que coloca a relação criança-linguagem-outro como operador central da dinâmica de aquisição de linguagem, que foi uma das formas de nos guiarmos nesta pesquisa, em busca de compreender o que transita entre a passagem do infans a falante.

Lembramos que da noção de comunicação faz parte a necessidade de estabelecimento de “conhecimento mútuo”²³ — há que se “negociar pontos de vista”, portanto, para que se haja trânsito ou “trocas de informação” entre sujeitos. A ideia de interação, no sociointeracionismo, implica, como se vê, um movimento de simetrização entre os participantes. **A linguagem é instrumento da comunicação/** um veículo, suporte material de conteúdos internos, mentais. Nesse cenário reina o **sujeito psicológico**: aquele que tem

²³ Os grifos trazidos nesta citação: negrito e aspas, são reproduções da obra original das autoras Lier-de Vitto; Carvalho (2007).

“pontos de vista”, que quer “informar/expressar”, intenções e emoções e que pode “regular o outro”. (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 119).

Dessa forma, para embasar sua teoria, Lemos, (2002), recorre à noção de estrutura trazida por Saussure acerca da língua, na qual a noção de estrutura na formulação de um conceito de língua não advém do lugar empírico. Nas palavras de Maliska (2010, p. 34), é “[...] um lugar teórico, que não mantém relação, ao menos, imediata, com a realidade”. E em nossa interpretação pela teoria da complexidade, *não mantém relação com apenas um nível de realidade*²⁴.

Então, observamos que Lemos (2002) compartilha da mesma ideia de Saussure (2006) ao colocar a necessidade de considerar que, para se alcançar uma compreensão sistemática sobre a linguagem, se tornaria indispensável colocar-se, primeiramente, no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem pois não é possível normatizá-la, ao ponto de proporcionar a tradução exata das palavras de uma língua para outra. Isto é, o signo linguístico, só tem valor dentro de um sistema composto de relações e oposições.

O que nos remete mais uma vez à lógica da complexidade, quando nos referimos à ideia contrária da fórmula da lógica clássica, onde “não existe um x que diga não”, que conduziria à universal afirmativa “todos dizem sim”. Entretanto, em consonância com o pensamento complexo, o próprio Lacan nos descreve que não há um sim universal (Marcos, 2014, p.10).

Nesta perspectiva, entendemos que este deslocamento nos leva a desenvolver articulações com vistas metodológicas, assinalando que o Interacionismo Linguístico abre a possibilidade de discutir a reflexão sobre a aquisição da linguagem, até mesmo aquelas aquisições baseadas no cognitivismo piagetiano e vygotskyano vinculadas à Pragmática e à Psicologia do Desenvolvimento (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 121).

Tendo em vista a tradição da área, parece-nos apropriado dizer que o sociointeracionismo e o interacionismo, em que pese a diferença marcante entre eles, criaram, sem se dar conta, uma fratura no campo – e ficaram mais

²⁴ Conforme Nicolescu (1999), “a lógica do terceiro incluído” refere-se à física quântica, que mostrou a coexistência entre pares de contraditórios mutuamente exclusivos entre o mundo quântico e o mundo macrofísico, entre onda e corpúsculo, entre continuidade e descontinuidade, entre reversibilidade ou invariância do tempo no nível microfísico. Com base nessa constatação, procura-se compreender mais amplamente a realidade, superando o princípio de identidade e contradição pelo de complexidade; demonstrando que, em outro nível de realidade, verdades contrapostas podem se explicar ou conviver.

para o lado de fora. Este é um ponto que nos parece da maior importância, mesmo porque Cláudia de Lemos faz referência a sucessivos “fracassos” e “abandonos” da área de Aquisição da Linguagem, por sociointeracionistas. (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 123).

Pelo ponto de vista de Lemos, é possível verificar conexões e desconexões nas propostas sociointeracionistas de aquisição de linguagem e no Interacionismo Linguístico. Sobre o que pode ter sido considerado como *falhas* do sociointeracionismo, Lier-DeVitto; Carvalho (2007) abordam os sistemas: tema da aplicação e tema da inconsistência teórica.

O tema de aplicação refere-se a uma regularização da fala da criança e consequente homogeneização de dados, o que tem implicação em relação à inconsistência teórica. Lier-de Vitto; Carvalho (2007) esclarecem que existe uma tendência à “*higienização*” (2007, p.123) da fala da criança, como por exemplo: irregularidade, inconstância, hesitação, erros, equívocos e inconclusividade, são descartados pela teoria e tratados como erro e/ou elementos “irrelevantes” (2007, p.123), por não se encaixarem no modelo.

Para melhor compreender essa teorização do interacionismo, Lier-de Vitto; Carvalho (2007) buscam traçar uma trajetória da obra teórica de Lemos:

Recorremos, então, ao eixo que nos é fornecido pela autora, isto é, “o constante refazer do enigma na fala da criança”²⁵. Em outras palavras, trata-se da resistência que a fala da criança, como enigma – como diferença radical em relação à fala do adulto – opõe ao investigador que dela queira fazer uma simples empiria – um *corpus*. (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 127)

Ao longo do texto, as autoras trazem as marcas da teoria interacionista que são propostas por Lemos em seu *esforço de teorização*, destacando que o interacionismo se afasta do sociointeracionismo a partir do momento em que procura “desinstrumentalizar”²⁶ a fala da criança. De outro modo, para Lemos, “a fala da criança é indeterminada do ponto de vista categorial.” (Lier-de Vitto; Carvalho, p. 125), deixando visível seu compromisso com a fala da criança.

Nessa perspectiva, as modificações ocorridas na proposta apontam para a *captura* da criança pela (língua)gem e para explicar os efeitos de tal captura, Lemos (2002) lança mão da

²⁵ Os grifos trazidos nesta citação: negrito e aspas, são reproduções da obra original das autoras Lier-de Vitto; Carvalho (2007).

²⁶ Conforme Lier-de Vitto e Carvalho (2007), o interacionismo se *recusa* (grifo das autoras) em fazer da fala da criança um conjunto de dados ou acontecimentos conhecidos através da experiência sensitiva, e consequente projeção instrumental de descrição da linguagem.

proposta teórica de uma estrutura em que comparecem três polos: o outro, a língua e a fala da criança, na qual as mudanças que ocorrem na fala da criança são concebidas por meio de três posições: a primeira posição configura o chamado *espelhamento* recíproco, definido como presença na fala da criança de fragmentos da fala.

Prosseguindo com o percurso de construção teórica de Lemos, Lier-de Vitto; Carvalho (2007), explicam que, embora a conjugação teórica com a linguística tenha trazido respostas, a autora ainda sentia a necessidade de explicar o “sujeito falante”, sem recorrer, no entanto, ao recurso cognitivo do socio interacionismo.

Para tanto, as autoras afirmam que Lemos investe na psicanálise lacaniana, passando então a conceber a criança como *corpo pulsional*. Lemos (2002) explica que a diferença entre o corpo biológico, da urgência e o corpo pulsional se dá precisamente pelo fato de no lugar da criança referida a um corpo biológico que tem necessidades, encontra-se o corpo pulsional, qualificado como o “que demanda interpretação”, isto é, “corpo que, articulado na e pela linguagem, se acha no regime da demanda e do desejo”. (p. 64)

Dessa forma, *a ideia de aquisição cede lugar à concepção de uma “trajetória de constituição subjetiva a partir dos efeitos do funcionamento da língua: efeitos de captura”*. (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 137).

Para esclarecer esse novo posicionamento frente à fala da criança, as autoras afirmam que Lemos passa a remeter os processos metafóricos e metonímicos às *leis de composição interna da linguagem* de Jakobson (1995)²⁷, sendo os processos metafóricos, as operações de substituição e processos metonímicos, as operações de contiguidade, propondo, então, três posições estruturais:

Primeira posição: dominância da fala do outro (fragmentos incorporados constituem a fala da criança). Segunda posição: dominância do funcionamento da língua que faz emergir erros de diversos tipos e estruturas paralelísticas (como nos monólogos acima). A criança é impermeável à correção. Terceira posição: dominância da relação da criança com a sua própria fala. Aparecem as reformulações e autocorreções. (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 137, 138).

Lemos (2002) ressalta ainda que, embora os erros da fala da criança sejam imprevisíveis, estes não acontecem de forma aleatória. Estes acontecem ante o

²⁷ A Língua entendida por Jakobson enquanto um Sistema de sistemas – deve ser concebida através de sua dinâmica interna e hierárquica de relações estruturais entre as partes (subconjuntos) e o todo (conjunto). A função de cada subconjunto depende do lugar que ocupa no Sistema. Assim, os fonemas, por exemplo, são elementos de significação que só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem em sistemas fonológicos que, por sua vez, resultam do jogo de leis gerais da linguagem. (Jakobson, 1995).

reconhecimento da ordem própria da língua. E, a partir desta constatação, o Interacionismo em Lemos, **“dá reconhecimento a um “terceiro”**” (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 139).

Conclui-se, ante o reconhecimento da ordem própria da língua, que o Interacionismo (desde a sua formulação inicial) coloca de fato, um impedimento à naturalização do diálogo²⁸. Indicamos, com o termo “naturalização”, que essa unidade não foi recortada como uma evidência (como um dado reconhecido em si mesmo). Como vimos, *diálogo é proposição problemática*. O investigador fica teoricamente impedido de abordar o diálogo como alternância entre dois interlocutores que buscam adaptar-se ou adequar-se ao outro. Note-se que, segundo Cláudia Lemos, o outro é mais do que o interlocutor empírico – aquele que reconhece e atribui significados, intenções, expectativas – ele é *instância do funcionamento da língua ou instância do funcionamento linguístico-discursivo*. (Lier-de Vitto; Carvalho, 2007, p. 139).

Sobre este *reconhecimento a um terceiro*, fazemos a conexão da teoria de Lemos com a teoria de Bergès; Balbo (2002) que se refere ao transitivismo, e que nos remete também à lógica da complexidade, ao reconhecer um terceiro elemento, recusando a máxima do binômio ‘sim – não’, ‘verdadeiro – falso’; se abrindo a outras possibilidades, que se delineiam a partir do reconhecimento de um terceiro termo. Como afirmam Pereira; Vorcaro (2018), o agente do discurso sobre o *infans* ofertará condições para que se constitua como sujeito. Isto é, partir da função interpretativa do agente do Outro, sobre cada gesto, sons, expressões do bebê, que acontece a significação, inscrevendo o *infans* no mundo. Cada coisa que o bebê faz recebe uma significação. A essa transcrição, Bergès; Balbo chamaram de mãe transitiva (Pereira; Vorcaro, 2018).

Para Bergès; Balbo (2002), o agente materno sustenta os atos da criança através de uma afetação ordenada na linguagem. Sendo assim, o transitivismo apoia-se no afeto da mãe em relação ao *infans*, que deposita na criança suas experiências, como por exemplo, se o bebê cai e não exprime quaisquer sensações, a mãe supõe que a criança sentiu dor e comunica este afeto à criança, que realmente passa a sentir dor. E são estas hipóteses da mãe, em relação ao filho, que estabelecem a ternariedade do Outro.

Bergès; Balbo (2002) afirmam ainda que as antecipações discursivas do agente são bastante precoces, ocorrendo já no período de gestação da criança, quando a mãe deposita suas expectativas no filho, supondo suas demandas, que por sua vez se sustentam nas verbalizações da mãe. Esta verbalização dá sentido aos movimentos motores intrauterinos, experienciados em seu próprio corpo (Bergès; Balbo, 2002).

²⁸ Grifo das autoras.

A teoria do transitivismo tem sua origem na Neurologia, através do neurologista e psiquiatra alemão Wernicke (1894), como um conceito relativamente próximo à noção freudiana de projeção. Posteriormente, a transposição do conceito de transitivismo do campo da neurologia para o da psicologia foi sugerida por Wallon (1934) por entender que o sujeito se faz substituir por outro ao ponto de se instituir no lugar deste, devido à indivisão relativa ao tipo primitivo de relação entre o sujeito e o Outro. Dessa forma, Wallon aproxima o transitivismo a um mecanismo de defesa, embora não chegue a fazer menção a este termo, retirando do transitivismo o caráter patológico dado por Wernicke. (Barth; Silveira, 2004).

Lacan foi o primeiro autor a trazer para o pensamento psicanalítico importantes benefícios retirados de um diálogo com a psicologia walloniana. Para o autor, Lacan utiliza-se da noção de transitivismo "como o descritor principal da organização psíquica própria do Estádio do Espelho, uma categoria genérica que funciona sob a forma de *leitmotiv* essencial, como um tipo de organização nodal" (p. 47). Lacan recorre ao transitivismo tanto nos *Escritos* (1966/1998) e seminários, especialmente no *Seminário XI* (1964/1985), assim como no artigo "Os complexos familiares" (1984/1997) (Barth; Silveira, 2004, p. 254).

Além disso, Lacan estabelece uma relação entre o transitivismo e a filosofia ao destacar uma lógica baseada em relações como igual, maior que, menor que, anterior a e posterior a, indicando que, para a filosofia, essas relações possuem caráter transitivo. Dessa forma, o conceito psicanalítico de transitivismo, na obra de Bergès; Balbo (2002), implica um revezamento de posições que não se restringe a uma idade ou etapa da vida. E na cena mãe-bebê, o transitivismo remonta à viabilização de uma nova inscrição psíquica, até então não existente, oportunizada por uma alteridade que testemunha o sujeito que será marcado a partir de sua chegada, no início de sua vida.

Bergès; Balbo (2002) destacam que o acesso ao simbólico permitido pelo transitivismo concerne ao corpo. Em outras palavras, a criança se *identifica* no discurso materno, acedendo ao simbólico, para além do registro imaginário, por um corpo tecido de linguagem.

O transitivismo passa, então, por três hipóteses: a primeira, quando o bebê chora e sua mãe lhe pergunta o que deseja; a segunda, na qual a mãe cria a *hipótese* acerca do que o bebê quer; o que é caracterizado por Bergès; Balbo (2002) como a afetação, a partir da formulação de uma suposição que antecipa a necessidade do bebê, a partir de seu próprio saber. O terceiro tempo é nomeado por Bergès; Balbo (2002) de *ultrapassagem*. Neste movimento, o Outro abre espaço para que a criança se aproprie do que lhe foi emprestado, como por exemplo, após ter tomado a água de sua mamadeira, a criança se interessar por algum objeto que está ao

seu alcance; e a partir deste movimento, a mãe pode gerar hipóteses, ignorando o que a criança faz, e lhe dando mais água; pode não insistir com a água, nem se interessar pela nova ação da criança, ou ainda se envolver na brincadeira. E assim, a criança desvencilha-se do que a mãe supõe.

Dessa forma, o simbólico em jogo no transativismo pode ser atestado pelas hipóteses maternas, que a colocam no lugar do Outro, enquanto à criança cabe não estar satisfeita com tais hipóteses, a respeito de suas necessidades. Para Bergès; Balbo (2002), o transativismo é produto da função materna, que costuma exprimir afeto e demonstrá-lo de forma articulada em sua fala, a partir da hipótese de um saber sobre seu filho. Tal hipótese, na forma de um apelo, vai circular retornando em forma de demanda, dando o acesso ao simbólico.

E assim, a partir do momento em que lançamos um *olhar complexo*, que se estabelece diferentes hipóteses, que se sustentam em um saber, é que oportunizamos uma conexão entre as teorias de Lemos, e Bergès; Balbo. O que nos remete ao ponto de vista da investigação linguística, na qual o investigador é desafiado a se sustentar no ponto de cruzamento entre o seu *saber a língua*, o seu *saber sobre a língua*, e o *saber da língua*.

Compreende-se, então, que expor o bebê a porções de língua, como por exemplo, colocá-lo ao lado de um aparelho que emita dados de língua, não seria suficiente para que uma criança viesse a falar. Segundo Leite; Souza Jr. (2021), ter alguém que dirija sua própria fala a fala da criança, colocando-a nesse lugar de falante, ter alguém que, ao mesmo tempo, vislumbre e construa esse lugar de interlocutor será crucial para tornar este *filhote humano*, (nas palavras dos autores), capaz de, futuramente, tomar a palavra e de fazê-la sua e endereçá-la a um outro.

O que vem do outro é responsável pela instauração daquilo que, em nós, há de mais fundamental, estruturante e organizador, cumpre notar que não é de uma maneira qualquer que isso nos chegou um dia, e que essa estimulação tampouco ocorreu de uma forma que se poderia acreditar como tendo sido trivial. (Leite; Souza, 2021, p. 41).

Neste contexto, retomamos o conceito de *lalíngua*, nas palavras de Quinet (2015), quando afirma que o corpo é sede de *lalíngua*, e somente através da *lalíngua* é possível existir a linguagem que faz falar um corpo que goza. De outro modo, daquilo da língua materna que se deposita no corpo como gotas de gozo (“chuva de letras de *lalíngua* no corpo”²⁹), deixam marcas – sintomas - que se corporificam como um acontecimento do corpo. E é dessa forma,

²⁹ Da metáfora de Quinet (2015, p. 80).

que se constitui o sujeito, quando atravessado na/pela linguagem.

A lógica em Lacan não se restringe à formalização matemática: ela é, sobretudo, um modo de pensar a estrutura do sujeito e as operações que o constituem. Ao longo de seu ensino, Lacan recorreu à lógica para formalizar conceitos e mostrar que, assim como na linguagem, a verdade nunca se dá de forma toda. Portanto, em *A Terceira*, Lacan indica que o pensamento lógico, ao invés de buscar uma completude, revela furos e paradoxos que permitem vislumbrar algo do real.

Lacan, em diferentes momentos de seu ensino, recorreu à lógica como instrumento para pensar a estrutura do inconsciente e a transmissão do saber analítico, seja pela lógica proposicional, inspirada em Frege e Russell, pelo uso dos quantificadores nas fórmulas da sexuação, pela lógica dos paradoxos e da teoria dos conjuntos, ou ainda pelas construções topológicas e matemáticas. Nesse contexto, a noção de não-todo introduzida por Lacan subverte a lógica clássica, deslocando a exclusão do terceiro para um campo onde há lugar para o que escapa à binariedade. É nesse ponto que propomos a articulação entre *lalíngua* e a lógica do terceiro incluído, própria do pensamento complexo (Morim, 2000). Essa hipótese foi pensada no decorrer de nosso processo analítico e, embora não seja aprofundada neste estudo, julgamos relevante apresentá-la, pois abre caminhos para investigações futuras que integrem psicanálise, linguagem e complexidade.

Assim, como Morim (2000), a lógica clássica — fundada na exclusão do terceiro — é insuficiente para dar conta da complexidade da realidade. Surge, então, a necessidade de uma lógica que inclua a contradição sem anulá-la, preservando a coexistência do uno e do múltiplo, da ordem e do caos. Essa lógica do “terceiro incluído” permite pensar zonas intermediárias, heterogêneas e paradoxais, que não se reduzem ao “ou isto ou aquilo”, mas que operam na lógica do “e também”.

Nesse sentido, propomos compreender *lalíngua* como esse terceiro incluído entre linguagem e corpo, entre o simbólico e o real: ela não é nem uma língua estruturada como sistema (à maneira saussuriana), nem um puro som sem sentido, mas um tecido heterogêneo de traços sonoros, restos pulsionais e equívocos que escapam à lógica binária. Como aponta Lacan (1998), *lalíngua* é aquilo que fala em nós, ressoando no corpo antes de toda significação, afetando-o por meio de suas homofonias, ritmos e cortes.

Tal concepção encontra afinidade com a lógica da complexidade, que reconhece a instabilidade, a ambiguidade e a auto-organização como características fundamentais dos sistemas vivos. Assim como na teoria do caos, onde pequenas variações geram efeitos

imprevisíveis, a língua opera por desvios, lapsos e tropeços que instauram novas possibilidades de sentido. Não se trata de um erro, mas de uma condição constitutiva: é por meio desses equívocos que o inconsciente se escreve, evidenciando a primazia do significante sobre qualquer tentativa de sentido fixo.

Portanto, pensar a língua como terceiro incluído significa concebê-la como o ponto onde a lógica binária falha, abrindo espaço para um funcionamento regido pela equivocidade e pelo não-todo. Essa posição permite articular três dimensões centrais para este trabalho. Assim, a lógica lacaniana e a lógica do pensamento complexo se encontram no ponto em que ambas rejeitam a ilusão de totalidade. *Lalíngua, como terceiro incluído*, não é um mero intermediário entre corpo e linguagem, mas o próprio espaço onde se joga a constituição do sujeito: lugar de ressonância, de gozo e de invenção.

2.6. O sujeito com diagnóstico de autismo: um olhar para alguém e além³⁰

[...] foi estabelecido o transtorno do espectro autístico, que é um transtorno que cabem todas as patologias; todas as desarmonias de desenvolvimento que acontecem com todos nós. Então, eles, ao nomear transtorno do espectro autista, estabeleceram graus, mais graves, menos graves, e esses graus passaram a incluir todo quadro de psicopatologia da criança. Então qualquer criança que reaja, que tenha um comportamento de alguma maneira opositivo ou resistente, é localizado como no autismo; vai de leve até gravíssimo, né... Então, o grande problema é que a partir daí, as crianças passaram a ser diagnosticadas todas dentro do espectro. E cabendo ali, nós podemos dizer que todos nós caberíamos nesse espectro [...] nós estamos num eterno conflito entre fazer o laço social e querer realizar nossas próprias vontades [...] esse nome autismo, é um nome muito atual, pra dizer do modo como nós tentamos viver, numa relação imediata com as coisas [...] uma criança que fala, jamais poderia ser chamada de autista [...] para a psicanálise³¹.

Partimos, nesta pesquisa, de uma posição ética diante do sujeito com diagnóstico de autismo, deixando claro que nosso olhar não se fixa na descrição de sintomas, mas se volta à escuta do que se apresenta como enigma. A inquietação que sustenta este trabalho não se restringe à nomeação diagnóstica, mas interroga o que está em jogo por trás dos sinais clínicos observáveis. Buscamos, assim, fundamentação teórica que nos permita aprofundar a concepção de sujeito implicada nesse diagnóstico, com o intuito de articular, em um segundo

³⁰ Em referência à fala de Carvalho (2023).

³¹ Iniciamos este tópico com um excerto do que disse Ângela Vorcaro, em uma entrevista realizada do Programa “Psicanálise em Foco”; exibida no Canal “TV Maceió Agora”. Acesso em 20/12/2020. Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=WczWtAMsArw&feature=emb_logo.

momento, essa leitura à noção de alienação, conforme proposta por Lacan, e aos modos singulares de linguagem que emergem na clínica com essas crianças.

Embora o foco desta pesquisa não seja aprofundar a conceituação ou a etiologia do autismo, consideramos relevante apresentar algumas noções sobre o diagnóstico e as características frequentemente atribuídas a esses sujeitos — como dificuldades nas interações sociais, na comunicação, presença de comportamentos repetitivos, interesses restritos e verbalizações ecológicas.

Para isso, iniciamos com uma breve revisão teórica sobre os principais marcos relacionados aos transtornos psiquiátricos infantis, abordando aspectos genéticos, neurológicos, somáticos e psíquicos, assim como influências socioculturais envolvidas na constituição subjetiva da criança. Além disso, incluímos contribuições de diferentes correntes psicanalíticas, destacando, inicialmente, o texto de Ferreira; Vorcaro (2019), que discute a origem e os impasses em torno do termo "autismo".

Ferreira; Vorcaro (2019) afirmam que, entre 1857 e 1939, o psiquiatra suíço Eugen Bleuler baseou-se na concepção freudiana de “autoerotismo” para criar o termo “autismo” (p.35, aspas das autoras).

Nesse movimento, Bleuler isolou o que considerava como o problema fundamental desses pacientes: a dissociação psíquica - que se manifestava no desaparecimento do poder regulador do eu e da consciência sobre o curso do pensamento, uma invasão difusa dos processos primários nos processos secundários do eu, resultando em um estado subjetivo semelhante à associação livre e ao sonho. A essa predominância da esfera psíquica sobre a síntese pessoal e a percepção da realidade, Bleuler designou “autismo”. Esse novo termo foi formulado extirpando-se a partícula central “eros” do autoerotismo freudiano (Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 37).

Conforme expõem essas autoras, o psiquiatra austríaco Kanner, nos seus estudos das psicoses infantis, publicou os distúrbios autísticos de contato afetivo. Kanner apresentou “o autismo infantil precoce” (p. 36), sendo descrito como desvinculado da esquizofrenia com a qual era considerado ligado anteriormente.

Ferreira; Vorcaro (2019) salientam que Kanner “chama a atenção para o fato de várias crianças terem sido apresentadas a ele como “idiotas ou imbecis” [...] consideradas retardadas, “fracas de espírito” - como eram conhecidas na época” (p. 36).

Kanner, então, desde o surgimento dos registros sobre a “síndrome autística”, passou a se dedicar incansavelmente em seus estudos, para diferenciar essas crianças do contexto de outros distúrbios mentais. Conforme explicam Ferreira e Vorcaro (2019), para Kanner, o distúrbio fundamental mais surpreendente é “a incapacidade dessas crianças de estabelecer

relações de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas.” (Kanner, 1943-1997, p. 156, apud Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 37).

Com relação à etiologia, essas autoras colocam que a hipótese de Kanner sobre o autismo é decorrente de “fatores constitucionais” (p.50), sustentando a tese de que as crianças com diagnóstico de autismo chegaram ao mundo com uma “incapacidade inata de estabelecer contato afetivo habitual com as pessoas, biologicamente previsto, exatamente como as outras crianças que vêm ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais.” (Kanner, 1943-1997, p. 170 apud Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 50).

No entanto, paradoxalmente, a esse discurso, as autoras chamam a atenção para o fato de que,

embora o “fechamento autístico” extremo dessas crianças desde o início de sua existência torne difícil atribuir “todo esse quadro exclusivamente ao tipo de relações parentais precoces”, não encontrou pais “calorosos”, deixando entrever que o estado dos filhos teria alguma relação com as características dos pais descritos por ele como “intelectualizados”, obsessivos, pessoas preocupadas com coisas abstratas, sejam elas de natureza científica, literária ou artística”, estabelecendo entre si “relações frias e formais.” (Kanner, [1943] 1997, p. 170) apud Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 510).

Remetemo-nos, então, ao pensamento de Maleval (2009), ao mencionar que a noção de espectro do autismo ainda permanece vaga. Segundo esse autor, há uma grande variedade de manifestações de casos clínicos.

Implica, além disso, uma tese às vezes desconhecida, a saber: a de que a grande maioria dos casos de evolução do autismo faz-se não rumo à psicose, mas rumo ao autismo, da síndrome de Kanner para a de Asperger - até mesmo rumo a formas ainda mais discretas, às vezes qualificadas como «personalidades dependentes». Certamente se faz menção a certas passagens do autismo à esquizofrenia, mas nada é mais difícil de diferenciar de um esquizofrênico do que um autista ao qual não foi dada a possibilidade de construir sua borda. (Maleval, 2009, p. 28).

Conforme nos trazem Moraes; Carvalho (2021), há autores que partem do viés de que sujeitos com diagnóstico de autismo estão fora do mundo da linguagem, isto é, seus enunciados são marcados pelo vazio subjetivo e pela imobilidade linguística; “nessa direção, podemos citar metáforas que são usadas para se referir ao autista como, por exemplo, “papagaios” ou, em psicanálise, “fortalezas vazias”. (Moraes; Carvalho, 2021, p. 11).

Gonçalves et al. (2017) realizaram um estudo que contemplou, em sua discussão, as possíveis origens desses transtornos a partir de uma perspectiva psicanalítica. Dentre as publicações analisadas, eles colocam que a causa do autismo corresponde a fatores psicogênicos e relacionais.

Conforme esses autores, a relação entre psicanálise e autismo teve seu primeiro registro a partir de Melanie Klein, com a publicação do caso Dick em 1930. Naquela época, o autismo ainda não havia sido definido como uma entidade nosológica e, portanto, Dick, um menino de quatro anos, que apresentava ausência da fala, falta de reciprocidade afetiva, desinteresse por brinquedos e “ensimesmamento”, recebeu o diagnóstico psiquiátrico de “demência precoce”. (Gonçalves et al., 2017, p. 154).

De acordo com Gonçalves et al. (2017) em 1944, Bettelheim relacionou o autismo a um problema na matriz relacional da família, culpabilizando a mãe, denominando-a “mãe-geladeira” (p. 155). “Seguindo as causas prováveis já divulgadas por Kanner e as dificuldades de interação e trocas afetivas entre a família, concluiu que uma mãe frígida, um pai ausente e a ineficiência nos cuidados com a criança resultariam nos comportamentos autísticos (Bettelheim, 1987 apud Gonçalves et al., 2017, p.155).”

Na década de 50, uma das principais pesquisadoras psicanalistas desta época, Margareth Mahler, estudou as psicoses precoces e desenvolveu um modelo explicativo para o desenvolvimento da criança, que conforme Gonçalves et al. (2017) descrevia os estádios “autístico” e “simbiótico” (p. 155), “destacando o conceito de “autismo normal” – período do nascimento até o segundo mês de vida – quando o bebê ainda não seria capaz de tomar consciência sobre instintos e desejos, pois tal capacidade só se efetivaria a partir da “organização intrapsíquica”. (Mahler, 1989 apud Gonçalves et al., 2017, p. 155).

Os autores mencionam que de 1981 a 1984, o francês Tustin discutiu a pausa do desenvolvimento psicológico no indivíduo autista, criando uma nova perspectiva:

Destacou que os bebês com desenvolvimento típico não percebem claramente a existência do mundo para além de si, pois tudo ao seu redor é sentido como uma extensão de si mesmos. Ao experimentar a quebra de um forte vínculo com a mãe, como no caso do fim da amamentação, o bebê vivencia a perda de elementos concretos (o seio, o contato) e também simbólicos (o laço afetivo, o momento daquele ritual). Quando essa separação ocorre após a criança ter atingido uma determinada fase de desenvolvimento psicológico, sua capacidade de diferenciar objeto e self se mantém preservada. Mas no caso das crianças autistas, a separação ocorreria prematuramente e provavelmente a experiência para o bebê significaria não apenas a perda de um objeto, mas a perda de uma parte de si, levando-o a um encapsulamento global a fim de proteger-se. (Gonçalves et al., 2017, p.156).

No século XX, precisamente entre a década de 1980 e 1990, Gonçalves et al. (2017) assinalam que a estudiosa Laznik-Penot, a partir dos paradigmas lacanianos, afirmou que os comportamentos autísticos são resultantes de uma dificuldade da criança na constituição da

sua imagem corporal e que isso resultaria em uma falha significativa no processo de instauração da relação simbiótica entre mãe e filho.

De forma mais recente, Pires (2007) refere a existência de vários autismos, dada a singularidade dos sujeitos e a subjetividade do diagnóstico “que comporta uma série de outros diagnósticos virtuais.” (p. 16). Ainda de acordo com essa autora, é nos “primeiríssimos” contatos entre mãe e bebê que algo falha e a falha nesse diálogo pode se dar seja por fatores ambientais ou orgânico-ambientais (Pires, 2007, p. 17).

Jerusalinsky (2011, *apud* Ferreira; Vorcaro, 2019) distingue três tipos de autismo: essencial, secundário e derivado de déficits sensoriais, neurológicos ou por abandono da criança. E, partindo dessa categorização, Ferreira; Vorcaro (2019) realizam uma releitura sobre o diagnóstico e etiologia do autismo e levantam uma questão sobre as categorizações de sintomas que muitas vezes são indissociáveis de outros transtornos, tornando, dessa forma, a síndrome autística questionável do ponto de vista clínico.

Outro aspecto relevante sobre os diagnósticos, que aparece com muito vigor nas entrevistas com os psicanalistas pesquisados, é a polêmica em torno dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) e, neles, a inscrição do que hoje circula como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), oficializando com o DSM 5, intensificando as imprecisões e as variadas confusões no campo psiquiátrico e afins e respingando no que se pensa sobre a abordagem psicanalítica dos autismos. (Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 69)

As reflexões sobre o diagnóstico do autismo nos inquietam em buscar compreender sobre o seu *acontecimento*. Dessa forma, a partir da concepção que temos sobre a aquisição de linguagem, buscaremos adiante, através dos teóricos citados, abordar a questão da alienação em sujeitos diagnosticados como autistas.

Maleval (2020) diz que o homem é um animal afetado. E é a partir desta premissa que compreendemos a alienação, conforme vimos em Lemaire (1989), de que a alienação é o fato de ceder uma parte de si mesmo a outro/Outro, em outras palavras, tornar-se estranho a si mesmo.

Ferreira; Vorcaro (2019) trazem a leitura de Laznik (1997) que acredita haver, no autismo, uma retirada intensa e maciça do mundo ao redor – *elisão*³² - levando ao cessamento da percepção de um objeto, “como se nunca tivesse existido ou nunca tivesse sido inscrito.” (Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 73). A partir disso, o corpo da criança ficaria à deriva, sem a

³² Termo utilizado por Laznik (1997).

passagem do real ao imaginário – com a construção da imagem corporal – e ao simbólico – com as marcas significantes. Diante dessa condição, a criança organizaria defesas vigorosamente maciças. (Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 73).

Segundo as autoras, muitos psicanalistas ainda enfrentam dificuldades ao abordar a operação de alienação na constituição do sujeito, considerando, em certos casos, que o sujeito autista estaria completamente excluído da relação com o Outro. No entanto, Vorcaro (2003) propõe que a criança autista entra na alienação significativa, mas recusa-se a seguir adiante nesse processo, não alcançando o assujeitamento à linguagem nem a distinção entre as faltas do ser e do Outro — condição necessária para que se opere a separação.

Pozzato; Vorcaro (2014), para tornarem melhor a compreensão deste pensamento, recorrem a Maleval (2012), que afirma não estar o sujeito com diagnóstico de autismo aquém da alienação, por haver sido afetado pela linguagem.

O psicanalista encontra uma evidência disso na descrição do “buraco negro”, mencionado por autistas como Williams, que diz: “Sempre tive o sentimento de um buraco negro entre mim e o mundo”. [...] Explicitando a primeira subtração do gozo como relativa à operação de alienação, o autor esclarece que “Tal buraco angustiante, bem diferente de uma falta dinâmica, é produzido pela primeira subtração do gozo, o que evidencia um traumatismo decorrente da intervenção da linguagem” (Maleval, 2012, p. 49 *apud* Pozzato; Vorcaro, 2014, p. 143, 144).

Sobre o sintoma de angústia, Maleval (2020) enfatiza que Lacan fez valer, na psicanálise, o registro do afeto, que deve ser considerado como relativo ao sujeito e ao significante. Afeto quer dizer que o sujeito é afetado em sua relação com o Outro. Por isso, “o homem é um animal afetado” (p. 13). Porém, “há um afeto que o animal não conhece, o mais fundamental de todos, aquele que não engana, posto que é assujeitado a sua causa e não se liga a nenhuma representação, a angústia.” (p. 13).

Nessa perspectiva, coloca o autor:

Segundo Lacan, ela é indissociável da entrada em jogo do significante: A angústia é esse corte – esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável; é esse corte a se abrir, e deixando aparecer o que vocês entenderão melhor agora: o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem exprimido pelo termo “pressentimento”, que não deve ser simplesmente entendido como pressentimento de algo, mas também como o pré-sentimento, o que existe antes do nascimento de um sentimento. A angústia é um afeto que não é cifrado pelo significante: ela surge do corte, daquilo que faz buraco no Outro. (Lacan, 2005 *apud* Maleval, 2020, p. 13).

Para Maleval (2020), não há dúvida de que o autista experimenta angústia. Esse autor aponta que a fuga do olhar observada em 50% dos autistas, desde o segundo mês de vida, poderia ser considerada uma manifestação precoce de angústia, visto que nada explicaria tal resposta a um contexto social comprometido com o bem-estar do bebê.

Além disso, conforme esse psicanalista, outra forma de se proteger dessa angústia seria por meio de retenção de sua voz. Isto é, os raros momentos em que o autista emprega sua voz enunciativa “mostram que ele resiste à alienação ao Outro por meio da retenção de sua voz e, também, que no autismo não se trata de uma falha cognitiva, mas de uma escolha do sujeito para proteger-se da angústia”. (Maleval, 2020, p. 148).

Sobre essa retenção da voz, remetemo-nos às palavras de Maleval (2020), quando afirma que pesquisadores indicam a ausência da lalação na criança autista. Sendo assim, para o autista não haveria lalíngua. Porém, o autor salienta que essa suposição não se confirma, considerando dados de pesquisas atuais, bastante precisas, que constataam “não há ausência da lalação e das vocalizações do bebê autista, mas sua pobreza, significativa em termos estatísticos, associada a uma busca menos importante de trocas interativas.” (p. 10).

Dessa forma, poderíamos compreender que a pobreza de vocalizações estaria refletindo a defesa sobre a angústia.

Conforme vimos em tópico anterior, para que o sujeito se torne invocante, é necessária uma cessão do objeto voz. Desse modo, Maleval (2020) salienta que o significante da resposta do Outro deve ser previamente ouvido para que o grito se apague, isto é, desde o momento da lalação, a alienação ao discurso do Outro deveria ser perceptível. E “é exatamente isto que afirmam os linguistas contemporâneos quando não reduzem mais a lalação a vocalizações insensatas.” (Maleval, 2020, p. 10).

Sendo assim,

O dom de um olhar sorridente, que expressa a satisfação de uma dependência aceita, demonstra o retorno do circuito da pulsão escópica. Ao contrário, o autista que foge do olhar não sente prazer em se fazer ver. Ele não propõe nada ao desejo do Outro. Ficar sem resposta face ao desejo do Outro constitui, segundo Lacan (2005), o que caracteriza a angústia. Desde então, o autista se dedica à tentativa de controle solitário de suas pulsões e de seu contexto. (Lacan, 2005 apud Maleval, 2020, p. 14).

Vorcaro; Rahme (2011) afirmam que, no autismo, pode não acontecer a substituição do ser pelo sentido. Em outras palavras, a criança permaneceria como apenas um organismo

ou pura máquina significante³³. Sobre isso, afirmam Pozzato; Vorcaro (2014): “na maquinação significante em que se faz ventríloca, nada diz respeito ao funcionamento do corpo tomado pelo significante e, em suas funções orgânicas, nada diz respeito ao funcionamento significante.” (p. 143).

Porém, na impossibilidade de se alienar completamente na linguagem, de acordo com essas autoras, o autista criaria várias estratégias para contorná-la:

Uma delas seria a preservação de uma voz centrífuga, situação na qual preferiria ouvir seus próprios ruídos àqueles do Outro. Efetivamente, a criança pode assumir um funcionamento que a mantém alienada, sem interrogar ou distinguir a incompletude do Outro, no mesmo movimento em que tampona sua falta. Assumindo o lugar dessa falta, a criança preenche o intervalo entre os significantes, funcionando como objeto do Outro. (Pozzato; Vorcaro, 2014, p. 144).

A esse respeito, Pozzato; Vorcaro (2014) citam Soler (2007), ao afirmar que os autistas não realizam a inversão da mensagem recebida do Outro, “pois não entram na alienação significante por conta própria, sendo capturados na alienação significante apenas no nível da fala e dos significantes do Outro.” (Pozzato; Vorcaro, 2014, p. 147).

Conforme as autoras, isso faz com que o autista seja um sujeito, mas não um enunciador. Sua relação com o Outro se restringe a poucas demandas estereotipadas e repetitivas, evitando a dialética da fala. Isto é, “não há enunciação.” (p. 147). Sobre enunciado e enunciação, Lacan diz que “é na enunciação que o sujeito advém pela linguagem, embora nela se perca.” (Lacan, 1998 apud Pozzato; Vorcaro, 2014, p. 147).

A enunciação fugaz é um dos fenômenos considerados mais estranhos na fala dos autistas. Trata-se do surgimento de uma enunciação que irrompe em autistas mudos, como, por exemplo, “Devolve a minha bola”, no caso de o objeto autístico ser tomado da criança. Esse tipo de enunciação ocorre nos momentos de contrariedade ou de urgência, em que o autista abandona sua recusa de apelar ao Outro e de empregar a voz na fala. (p. 148)

Moraes; Carvalho (2020) complementam esse pensamento, quando destacam a noção de traço em Lacan (2017) para embasar seus estudos sobre a repetição (ecolalia). “Segundo o autor, trata-se da dupla volta, daquilo que retorna sobre o que se repete, isto é, sobre a

³³ Poderia ser, então, o traço unário a desnaturalização do sujeito? Sobre isto retomamos a concepção de Maleval (2020, pág. 15), quando diz: A linguagem introduz o ser humano em uma experiência de outra ordem, diversa da do vivente. Em consequência, o falasser perde esse saber programado que chamamos de instinto. A linguagem desnaturaliza. (Maleval, 2020, p. 15. Grifo nosso)

operação primeira que deu origem à repetição.” (Lacan 1966, apud Moraes; Carvalho, 2020, p. 6).

“Ao excluirmos os sujeitos autistas do mundo da linguagem, estamos nos fechando diante de suas produções sonoras, de suas manifestações singulares e da marca que cada sujeito opera diante da linguagem.” (Moraes; Carvalho, 2020, p. 14).

Pelo que foi posto, destaca-se a complexidade da alienação no autismo, na medida em que não podemos negá-la no caso da criança com esse diagnóstico. Todavia, não podemos afirmá-la, ou melhor, não podemos dizer que essa criança se aliena aos significantes do Outro da mesma maneira que a criança que não possui esse diagnóstico.

Elia (2016) reafirma os efeitos da língua no corpo autístico, mostrando que, apesar de não verbalizarem, no sentido do uso do código instituído, crianças autistas “falam” – articulam sons fora desse código e começam a introduzir a prosódia em suas enunciações – “desde que os que dela tratam tomem sua língua em conta na clínica” (p. 224).

Estudos como os de Maleval (2018) ressaltam que, em crianças autistas, o balbucio encontra-se presente, embora com pouca incidência. Outros autores, como Elia (2016), Vorcaro; Navegantes (2004), Vivès; também realizaram estudos em que comprovam a presença da falação (balbucio) no autismo.

Em 1943, Kanner utilizou uma metáfora em que comparava a fala repetitiva – *ecolalia* – de onze crianças analisadas às reproduções sonoras dos pássaros da espécie papagaio. Estas falas foram descritas como inflexíveis e desprovidas de qualquer sentido. No entanto, entendemos que os estudos de Kanner já não devem ser referidos como fidedignos, visto que atualmente, outros autores já mostraram e mostram estudos que revelam significância nos enunciados, verbalizações e sonorizações emitidas por sujeitos que receberam diagnóstico de autismo (Carvalho; Ianino; Silva, 2023).

E, como vimos anteriormente, as dimensões de ritmo e melodia na escuta e na fala da criança com diagnóstico de autismo, o caráter de alternância e continuidade, e extensões sonoras estabelecem uma sincronia entre gestos e sons.

Vale notar que, na perspectiva teórica aqui assumida, a concepção de fala é ampliada, na medida em que se estende além dos limites da língua estabelecidos na formulação saussuriana. Em outras palavras, propõe-se que, no autista, há fala a qual não se restringe à realização, pelo falante, da língua constituída, ou melhor, não se restringe à produção de significantes associados a significados pré-estabelecidos. (Carvalho; Ianino; Silva, 2023).

Dessa forma, fomos em busca de estudiosos que assumem a proposta lacaniana de entender esta manifestação no sujeito com diagnóstico de autismo. E, durante nossas pesquisas teóricas e através de nossas análises dos dados, trouxemos a mesma proposta de Carvalho; Ianino; Silva (2023), de encontrar respostas sobre uma possível “via de acesso” (2023, p. 6), propondo que a *lalíngua* poderia funcionar como uma passagem para sua entrada na língua.

O que para nós estabeleceu mais uma justificativa sobre a investigação da linguagem do sujeito com diagnóstico de autismo, quando se concebe que há algo que nela persiste. Como nas palavras de Lacan: “Trata-se de saber por que há alguma coisa no autista, ou naquele que se denomina esquizofrênico, que se congela, se se pode dizer isso”. (Lacan, 2017, p.17).

3. O CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos nossa proposta metodológica e buscamos justificar as escolhas. Por se tratar de pesquisa com viés psicanalítico, o enfoque recai sobre a dimensão metodológica específica a esse campo.

Conforme Freud (1990), a psicanálise se constitui simultaneamente como um corpo teórico sobre os processos psíquicos inconscientes e como um método de investigação do psiquismo humano, fundamentado na prática clínica. A pesquisa psicanalítica caracteriza-se, assim, pelo diálogo constante com a clínica, que fornece a matéria-prima para a construção de conceitos e teorias. Queiroz (2005) enfatiza que, nesse processo, escreve-se a clínica, promovendo a metaforização da experiência psicanalítica e gerando novos saberes metapsicológicos que considerem a singularidade de cada sujeito.

Ainda que este estudo não se caracterize como uma pesquisa em psicanálise, a valorização do singular, central nessa abordagem, mostra-se de grande interesse, na medida em que se distingue das generalizações que orientam grande parte das demais ciências. Como observa Safra (1993), a pesquisa psicanalítica integra o singular, o particular e o geral, reconhecendo que não existe um saber aplicável a todos os indivíduos. Cada análise exige que o pesquisador se despoje do conhecimento prévio para apreender o novo e o original, considerando, de um lado, os aspectos singulares ligados à história e às características psicodinâmicas de cada paciente, e, de outro, os aspectos passíveis de generalizações, referentes a características comuns de determinado fenômeno.

Valorizar a singularidade, característica central da psicanálise, contrapõe-se às generalizações típicas de outras abordagens científicas e remete ao estilo de Freud ao criar e consolidar seu método. Assim, a pesquisa psicanalítica estuda o particular com o objetivo de desenvolver modelos teóricos abrangentes do psiquismo. Nesse contexto, Vorcaro (2010) aponta que, embora Freud tenha definido balizas técnicas, seu método não se limita a elas, uma vez que este autor não o explicitou. Assim sendo, conseguiu transmiti-lo por meio de suas monografias clínicas, preservando a singularidade das manifestações do inconsciente. (Vorcaro, 2010).

A escassez de recomendações técnicas impede que a psicanálise se reduza a uma mera técnica, evitando a universalização que apagaria o singular (Vorcaro, 2010). Por sua vez, Queiroz (1999) sugere que a psicanálise se desenvolveu mais como prática

clínica e transmissão de formação de psicanalistas do que como campo de pesquisa formal, em parte devido à vulnerabilidade ligada ao estudo do singular. Nas palavras de Elia (1999), o objeto da psicanálise, o inconsciente, é sutil e só pode ser apreendido por seus efeitos, destacando a necessidade de considerar o sujeito na produção de conhecimento.

Lacan (1998) reforça que o sujeito do inconsciente se manifesta na linguagem e nos significantes, permitindo interpretar os fenômenos inconscientes e seus efeitos de significação. A verdade do sujeito, tal como se apresenta na falha de um saber, desafia a ordem esperada pela ciência, tornando-se central no estudo psicanalítico (Lacan, 1998). Já Rosa (2004), complementa que o inconsciente atua como determinante nas manifestações humanas, culturais e sociais, e o sujeito do inconsciente está presente em toda enunciação, transcendente a qualquer discurso.

Em síntese, a pesquisa psicanalítica surge da apropriação de um método singular pelo pesquisador, que problematiza e analisa aspectos do campo de interesse com base em sua experiência, referenciais teóricos e relação transferencial com o trabalho. As conclusões são, então, submetidas à apreciação crítica de pares, garantindo a continuidade da elaboração metapsicológica e a produção de conhecimento no campo da psicanálise.

Para atender a tais propósitos, descrevemos a seguir as categorias metodológicas que sustentaram a pesquisa, abordando o tipo de investigação realizada, a construção dos casos, os instrumentos e critérios de seleção, a apresentação e análise dos casos, a constituição do corpus, bem como os aspectos éticos implicados no processo.

1. Tipo de pesquisa: Estudo de Caso

A escolha de um tipo de metodologia compatível com uma pesquisa que se fundamenta na perspectiva psicanalítica justifica-se por ocupar um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrínsecas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes. (Rosa; Domingues, 2010).

Recorremos ao Estudo de Caso como método de investigação, pois este possibilita um conhecimento aprofundado de um fenômeno em seu contexto, permitindo reunir dados múltiplos e detalhados sem perder a visão de totalidade (Goode; Hatt, 1973). Pode abranger desde histórias de vida e processos terapêuticos até comunidades

ou situações específicas, sempre orientado por um referencial teórico que garanta a análise crítica e a possibilidade de fundamentar intervenções (Triviños, 1987).

No Estudo de Caso, busca-se compreender “como” e “por que” determinados eventos ocorrem, a partir da integração de múltiplas fontes de construção de indicadores do caso, como entrevistas, observações e registros documentais.

Embora criticado por sua aparente falta de rigor, subjetividade do pesquisador e dificuldade de generalização, Yin (2005) destaca que, se conduzido com critérios metodológicos claros, o Estudo de Caso alcança elevada robustez, pois trabalha com inúmeras variáveis de interesse em vez de dados isolados. Nesse sentido, sua finalidade não é generalizar para populações, mas expandir e aprofundar teorias.

Assim, o Estudo de Caso se apresenta como um recurso de investigação privilegiado para compreender a complexidade dos fenômenos, preservando sua singularidade e articulando dimensões individuais, contextuais e teóricas.

Sobre a utilização de estudos de caso, destacamos a afirmação de Machado (2021), quando afirma que o uso de estudos de caso é tão antiga quanto à própria existência de registros históricos, porém, seu emprego enquanto método científico é atribuído a um período mais recente.

Essa metodologia permite e explicitar processos e a singularidade de cada história, buscando trazer à luz indícios da língua que os atravessam. Nesse percurso, a inclusão do relato das mães mostrou-se de suma importância pois, a partir de seus relatos, tivemos acesso a dados que têm a ver com o lugar da criança nas suas famílias. Esses dados não emergiriam diretamente nas sessões. Seus relatos funcionam, portanto, como um recurso complementar para ampliar a compreensão da relação das crianças com a (língua)gem e língua,

Em consonância com a teoria da complexidade (Morim, 2014), entendemos que a realidade não é única nem linear, mas constituída por múltiplas camadas e formas de percepção. A abordagem do estudo de caso, nesse sentido, favorece o pensamento relacional e não-reducionista, abrindo espaço para uma leitura mais aprofundada dos contextos humanos. Segundo George; Bennett (2005), essa modalidade é especialmente útil para lidar com causalidades múltiplas e não-lineares — condição essencial quando o foco está nos sujeitos e nos efeitos da linguagem sobre eles.

Esta pesquisa é constituída por dois casos clínicos concernentes ao atendimento psicoterápico de duas crianças com diagnóstico de autismo, realizados

por psicólogas filiadas à abordagem Cognitivo-Comportamental (TCC). No entanto, a análise empreendida neste estudo é ancorada na perspectiva psicanalítica Freud-lacaniana, o que constitui uma especificidade importante. Ao adotar um olhar psicanalítico sobre materiais provenientes de uma prática comportamental, buscamos destacar que, ainda que a TCC seja amplamente utilizada por profissionais e, frequentemente indicada por médicos como primeira opção terapêutica, não alcança a complexidade subjetiva cada criança. A leitura da psicanálise lacaniana, neste estudo, oportunizou que, ao analisar casos atendidos sob uma lógica comportamental, a partir de referenciais lacanianos, evidenciamos que cada criança responde de forma distinta, seja qual for a abordagem, o que para nós reafirma a importância de incluir, sempre, aquilo que escapa ao comportamento observável.

A escuta das formações do inconsciente — como sonhos, atos falhos, lapsos e sintomas (Freud, 2007) — possibilita acessar aquilo que escapa ao saber consciente, revelando verdades parciais do sujeito. Nesse sentido, o estudo de caso funciona como um dispositivo para ler e formalizar o sujeito na linguagem, respeitando suas opacidades, lacunas e enunciações. No trabalho com crianças, essa abordagem demanda atenção especial, uma vez que o simbólico ainda está em processo de constituição. Assim, a escuta deve acolher não apenas a fala, mas também suas bordas — olhares, silêncios, vocalizações, entonações e repetições —, ou seja, manifestações que vão além da dimensão comunicativa e permitem investigar indícios da lalíngua em sujeitos com autismo (Lacan, 1998).

2. Instrumentos e critérios para a construção dos casos

Para melhor compreensão da construção dos casos, retomamos aqui, os objetivos desta pesquisa. Como objetivo geral, propomos:

Investigar indícios de lalíngua, na imbricação corpolinguagem em sujeitos com diagnóstico de autismo, a partir de uma abordagem que considere a complexidade dos sistemas relacionais e a dinâmica não linear das interações entre corpo, linguagem e sujeito.

E como objetivos específicos, estabelecemos:

- Compreender, a partir dos relatos maternos, o modo como o movimento de falta se inscreve na história dos sujeitos, enquanto operador fundamental do simbólico na constituição subjetiva;

- Identificar e analisar possíveis indícios de lalíngua, considerando aquilo que não é conhecido pelo sujeito pesquisado, como os silêncios, o olhar e vocalizações;
- Identificar a partir da lógica do terceiro incluído, possíveis vias que permitem identificar e acessar manifestações de lalíngua em crianças diagnosticadas como autistas.

Com base nesses objetivos, a construção dos casos da pesquisa utilizou um conjunto de materiais composto por vídeos, áudios e transcrições de entrevistas. Optou-se pela observação natural das crianças em contexto terapêutico, registradas em vídeo, posteriormente transcritas e analisadas, mantendo o foco exclusivo nas crianças e respeitando as intervenções do terapeuta responsável.

No ponto de vista psicanalítico, o estudo de caso não busca comprovar hipóteses universais, mas situar a singularidade do sujeito na relação com o inconsciente e com o Outro. Como destaca Castro (2010), trata-se de um testemunho da posição do sujeito frente ao desejo e ao gozo, e não de uma narrativa fechada ou conclusiva.

Dessa forma, complementarmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as genitoras, abordando desde a gestação até o cotidiano atual das crianças, com o intuito de aprofundar a compreensão dos primeiros vínculos e das manifestações de linguagem sob a perspectiva da teoria psicanalítica.

Etapas da coleta

Antes da coleta, todos os participantes (mães, terapeutas e responsáveis pela instituição) foram devidamente informados e assinaram os termos de consentimento. Os registros ocorreram semanalmente, durante três meses, com sessões de até 20 minutos, respeitando a rotina institucional.

As etapas da coleta incluíram: aprovação do projeto pelo Comitê de Ética; assinatura dos termos; explicação detalhada do procedimento às mães e terapeutas; realização das entrevistas em ambiente reservado e acolhedor; organização logística das gravações com apoio das terapeutas, que utilizaram o celular da pesquisadora para registrar as sessões; e, por fim, observações complementares realizadas pela pesquisadora, sempre que necessário, sobre aspectos como o estado emocional das crianças. Após a análise dos dados, os resultados foram compartilhados com os participantes da pesquisa.

3. A construção dos casos: Saulo e Jasmine¹

A construção do corpus da pesquisa baseou-se em dados empíricos obtidos principalmente por meio da observação e, complementarmente, de entrevistas. A caracterização das crianças participantes, a partir da perspectiva de suas genitoras, constitui parte fundamental deste trabalho, uma vez que foram elas que compartilharam suas experiências e possibilitaram o avanço das reflexões propostas. A seleção ocorreu por abordagem direta, mediante consentimento livre e esclarecido, respeitando os critérios éticos aplicáveis à pesquisa científica. O estudo contou com a participação de duas crianças, entre dois e três anos de idade, ambas com diagnóstico médico de autismo, acompanhadas por suas respectivas genitoras, sem recorte de gênero.

A escolha dessa faixa etária considerou a crescente antecipação dos diagnósticos de autismo, especialmente entre 12 e 24 meses, período no qual, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2018), já é possível observar diferenças significativas em gestos comunicativos e resposta ao nome. Além disso, foi levado em conta o papel decisivo da língua nos primeiros meses de vida, especialmente na relação entre mãe e bebê. Conforme Laznik (2011), as vocalizações maternas — como o *manhês* — e os elementos multimodais da comunicação precoce (voz, gestos, toque) desempenham papel essencial na constituição subjetiva da criança e em seu desenvolvimento cognitivo.

Dessa forma, a pesquisa se apoia na importância das vocalizações infantis como indícios de expressão da língua, especialmente nos momentos em que o corpo da criança se mostra atravessado pela linguagem do Outro/outro. Nesse contexto, focaliza-se o corpo da criança como primeiro instrumento de linguagem, especialmente durante o estágio do espelho (Lacan, 1998), em que o *infans* começa a reconhecer sua imagem, mediado pela presença do Outro e pela estrutura simbólica.

Além disso, foram realizadas entrevistas com as mães, com o objetivo de recolher histórias e discursos que antecedem a experiência da criança, incluindo as hipóteses maternas sobre suas vivências. Esse procedimento se articula ao “axioma do terceiro incluído” (Nicolescu, 1999), que admite verdades relativas e até contraditórias (Santos, 2009). A participação das mães é, portanto, fundamental, uma vez que o bebê se constitui no discurso materno, encontrando aí sua entrada no simbólico e

¹ Os nomes reais foram preservados, para manter a privacidade dos participantes.

manifestando-se como corpo significante. Nesse percurso, a *lalíngua* — entendida como fala atravessada de afeto e ressonância de gozo — é tomada como esse “terceiro incluído”, orientando a análise ao articular as observações clínicas da criança com os relatos maternos, desde a gestação até o pós-diagnóstico.

Ressalta-se que as falas transcritas neste tópico foram posteriormente analisadas e discutidas a partir de um diálogo entre as teorias da psicanálise, da linguística e da teoria da complexidade. Tal abordagem possibilitou considerar não apenas o conteúdo manifesto das enunciações, mas também os efeitos de sentido que emergem nas entrelinhas, revelando aspectos implícitos da relação sujeito-linguagem. Dessa forma, a análise buscou articular os indícios de *lalíngua*, constituídos por repetições de sons, porém diferidas, (nas quais a criança introduz variações no som produzido pelo outro, resultando em jogos sonoros incipientes), olhares para o outro, movimentos corporais, dentre outros — com os relatos maternos, procurando compreender de que forma o movimento de falta se inscreve na história dos sujeitos, atuando como operador fundamental do simbólico na constituição subjetiva. As manifestações maternas foram consideradas elementos essenciais para apreender os modos singulares de produção da linguagem e da subjetivação presentes no material empírico.

Sobre as entrevistas realizadas com as mães, partimos de um roteiro previamente elaborado, mas que se manteve aberto à escuta e à singularidade de cada narrativa. A flexibilidade metodológica permitiu que novas perguntas surgissem a partir das próprias associações das entrevistadas, respeitando o fluxo espontâneo da fala e possibilitando o acesso a aspectos subjetivos e afetivos que não poderiam ser previstos de antemão. O encontro com essas mães revelou-se um momento de escuta sensível, na qual o discurso sobre a criança se entrelaçava às experiências pessoais, familiares e transgeracionais. Assim, as entrevistas configuraram-se como um recurso essencial para a coleta de dados, permitindo compreender aspectos da relação mãe-filhos.

3.1. *Saulo pelo espelhamento de sua mãe*

O relato da mãe de Saulo revela uma gravidez não planejada, mas desejada pela família. Seus primeiros meses foram marcados por cuidados variados, até que a mãe assumiu totalmente essa responsabilidade. A ausência do pai tornou a maternidade um fardo pesado para ela, devido à sobrecarga. Também foram investigadas as primeiras interações mãe-bebê, especialmente sobre a percepção materna das necessidades fisiológicas e do impacto emocional na criança.

Recorte 1/Entrevista com a genitora de Saulo:

E- Eu queria que você falasse um pouquinho em relação aos primeiros momentos de quando S. nasceu.

M - Saulo nasceu, eu consegui ficar um mês em casa. [...] aí com um mês eu voltei, como eu tava pagando, eu acho que eu tava pagando uma disciplina só, alguma coisa, que era só na quarta-feira [...] aí a minha sogra ficava só na quarta-feira, só que no período depois, eu tive os estágios, aí não tinha nem como minha sogra, nem como minha mãe ficar todos os dias, né, aí foi quando ele ficou com a vizinha. [...] “C” só ia uma vez por semana, ele morava aqui e eu morava lá.

Recorte 2/Entrevista com a genitora de Saulo:

E – Como você via as necessidades dele sendo atendidas? As necessidades fisiológicas, que são de sono, de fome... e as necessidades de afeto, como é que você percebia isso?

M - **Eu passei a ficar muito tempo com ele em casa, só que com aquele problema, eu nunca fui muito de observar... a questão do choro, da irritabilidade, a gente vai oferecendo: não é fralda suja, é fome, é braço...**

S. gostava muito de ficar no braço, isso eu sei. Era sempre o braço ou eu sempre fazia alguma coisa assim, se eu fosse fazer alguma atividade doméstica, aí eu procurava alguma coisa pra deixar ele perto de mim.

E – Esse momento que você sentia que ele queria muito o seu braço, o seu colo, como era o seu sentimento em relação a isso?

M - Às vezes era bom, porque, às vezes a gente quer realmente dar colo, a gente para tudo, mas, às vezes tem alguma coisa pra fazer, é que se não fizer... “aí quando S. for dormir que é o plano, quando ele dormir, eu vou dormir também”. Mas eu não ia dormir, porque tinha que fazer o que tava faltando. **Eu ficava estressada como eu disse pra você, né? O negócio que eu balancei o carrinho. Porque eu tava muito cansada e eu não queria, eu queria que ele dormisse, pra eu ficar né? Eu não me recordo que eu queria fazer isso. [...]** Ele tava chorando, porque ele dormia no braço e quando botava no carrinho ou na cama, ou qualquer outro lugar ele acordava e ficava chorando; aí daqui que ele parasse de chorar, e eu tava cansada também **[...] eu gritei, balancei o carrinho: “cala a boocaa!” [...]** às vezes, eu grito com S. porque, como eu digo, eu não to julgando a minha mãe, foi a criação dela. Mas como ela trabalhava o dia todo fora, ela chegava sempre estressada, batia, essas coisas.

Que até eu digo assim “eu apanhava porque eu merecia”, mas tem isso, né? Da conversa, eu quero tentar fazer

diferente com S., mas é tão assim cultural, a gente foi criada desse jeito, a gente repete a criação da gente.

Nos recortes a seguir, delineia-se uma trilha de acontecimentos que evidenciam a transmissão entre gerações. Na fala da mãe (grifada), percebe-se que ela reconhece certo ciclo de repetições de acontecimentos, no entanto, ela permanece atribuindo o diagnóstico de autismo de seu filho, à genética. Porém, de forma inconsciente deixa escapar os rastros – atos falhos - de ações que se perpetuam a partir das relações pregressas, que a envolvem enquanto sujeito.

Recorte 3/Entrevista com a genitora de Saulo:

E – [...] uma formulação sua, mesmo. O que pode acontecer pra que a criança desenvolva esse diagnóstico de autismo? O quê que pode acontecer de causas?

M - **Eu acho que é mais o genético**, eu queria muito conseguir fazer com algum geneticista, essas coisas, pra saber... e até essa semana, eu até conversando, né, com Erivaldo, **“eu acho que “C” tem alguma coisa”**, que é meu esposo. “C” às vezes é tão devagar, tão sei lá, sem maldade nas pessoas. [...] **César tem o acomodamento de comandos, “C” tem que fazer isso”, César, tem que fazer aquilo”!** E até o patrão de “César” mesmo falando, “a maldade que ele não vê nos outros”, sei lá, Erivaldo tava falando essa semana. Eu até fiquei rindo: “é não, é que “César” é demente mesmo. ” [...] mas eu acredito que seja genético, sobre a gravidez, foi tudo tão tranquilo, assim...

E – Tem alguém na sua família pregressa né, antes de S., ou na família do teu esposo, que tenha recebido diagnóstico de autismo?

M - Tem um primo meu, **que não é nem meu primo**, é sobrinho do meu pai, mas eu não tenho contato com ele, ele mora lá em São Paulo.

Recorte 4/entrevista com a genitora de Saulo:

E – Se você pudesse hoje, essa é uma pergunta que não está no *script*; mas se você pudesse hoje voltar no tempo, de quando você era criança, e que você tivesse o poder de mudar alguma coisa que marcou a sua infância, e que você não queria que tivesse sido dessa forma. Tem alguma coisa? “Ah, eu queria não ter passado por isso!”

M – Hoje em dia como eu vivo com “S”, e sempre participo de tudo na escola dele. Uma coisa que eu fico me lembrando assim é dia das mães, festinha, coisa que **minha mãe não comparecia porque trabalhava. Eu me lembro que no ensino médio eu ainda chorava por causa disso.**

Porque eu participava das apresentações, “e eu vou apresentar pra quem?” [...] eu não me recordo de mainha ir.

Por fim, a mãe foi questionada sobre sua relação com a criança no pós-diagnóstico de autismo.

Recorte 4/Entrevista com a genitora de Saulo:

E – Se você pudesse hoje, essa é uma pergunta que não está no script; mas se você pudesse hoje voltar no tempo, de quando você era criança, e que você tivesse o poder de mudar alguma coisa que marcou a sua infância, e que você não queria que tivesse sido dessa forma. Tem alguma coisa? “Ah, eu queria não ter passado por isso!”

M – Hoje em dia como eu vivo com Saulo, e sempre participo de tudo na escola dele. Uma coisa que eu fico me lembrando assim é Dia das Mães, festinha, coisa que minha mãe não comparecia porque trabalhava. Eu me lembro que no ensino médio eu ainda chorava por causa disso.

Como pudemos observar, a mãe de Saulo resgata experiências significativas de sua própria infância, que repercutem na maneira como se relaciona com o filho. Esses aspectos serão retomados adiante, na análise do discurso da mãe de Jasmine.

3.2. *Jasmine pelo espelhamento de sua mãe*

Segundo relato da mãe de Jasmine, sua filha foi fruto de uma gravidez não planejada e inicialmente indesejada. Antes mesmo do nascimento, a mãe já cogitava o divórcio do companheiro, que viria a ser o pai da criança. Ao ser informado da gestação, o pai chegou a sugerir que a mãe realizasse um aborto, como evidencia o recorte a seguir:

Recorte 5/Entrevista com a genitora de Jasmine:

Em julho eu descobri que eu estava grávida. [...] eu fui para o Português. Quando eu cheguei lá, eu nunca tinha ido lá. [...] e veio uma junta médica, têm uns três médicos. E veio perto de mim e falou assim, você não é daqui. Você não é daqui, você é do outro setor, lá atrás. Você vai ser mamãe. E eu fiquei chorando. Meu Deus do céu! Uma mulher estava perto de mim e falou: “ah, meu Deus, eu queria ser mãe, não sou”. E eu fiquei chorando, porque eu não estava planejando. Eu estava querendo terminar a faculdade no mesmo ano, [...] minha meta era o meu vestido. Eu ia ter o meu vestido dos sonhos para poder me formar. E aí eu só pensava no meu vestido. Aí quando foi, ela me deu o resultado. No primeiro momento, o meu marido falou assim, não vou mentir não, doutora. Vou ser bem sincera. De noite, quando a gente conversou, ele disse, tira. Porque a gente

já estava maduro, 35 anos, já estava com 35. Ele também, ele tem mais um pouquinho. E assim, a gente não tinha aquele planejamento, agora vamos ter filho ou não. [...] Ele disse para mim: “por que você não toma uma garrafada que vende no centro da cidade?” Eu falei, você é louco, eu mato você aqui agora. O filho é meu e eu vou ter. Então, eu nunca pensei que um filho sendo dele, ele fosse rejeitado.

A mãe de Jasmine traz, ainda, uma percepção intrigante sobre a primeira vez em que viu sua filha, da qual refere grande semelhança com a avó paterna.

Recorte 6/Entrevista com a genitora de Jasmine:

Ela tem o corpo igual da avó, o rosto igual da avó. [...] eu guardava uma criança branquinha, não vou mentir, não tenho preconceito. Mas eu guardava uma criança branquinha assim, mas ela nasceu com o rosto já muito igual da avó. Então me assustei. [...] Porque quando eu levei ela para casa, além de ela parecer com a minha sogra, ela me **berrava**. Doutora, ela chorava o dia inteiro. Não tinha peito, não tinha leiteinho, não tinha colo, não tinha nada que fizesse ela parar. Ela ficava um pouco mais calma quando eu botava ela deitada sozinha. Mas, se eu estivesse perto, ela não queria, eu não queria outra pessoa. Ela não gostava de gente. Eu falava, isso é a encarnação da minha sogra, isso é a encarnação dela.

Assim como Saulo, Jasmine também passou por uma cuidadora, até que a mãe deixasse de trabalhar para cuidar da filha.

Recorte 4/Entrevista com a genitora de Jasmine:

Aí ela ficou com uma pessoa, só que ela continuava chorando. Um ano e seis meses. É, um ano e dois meses. Eu não percebia, porque eu só pegava ela, assim, na hora de dormir, ou de manhã, e já ia trabalhar. Eu não convivia muito, depois que ela cresceu. [...] assim, eu sabia que ela aperreava todo dia, mas eu não tinha noção. A menina disse pra mim, eu não vou ficar mais com o J. Desse pontapé aí foi que me iniciou, me despertou. Naquele tempo, um ano e meio atrás, eu já pagava 500 reais, sabe? E ela ficava só o horário que eu trabalhava. Eu já trabalhava seis horas. Aí, eu pedi pra sair. No outro dia, eu coloquei a mão na cabeça, eu falei, que m[...] eu fiz? E agora? Foi quando eu descobri que ela era autista. Eu levei ela pro pediatra [...] aí me deu e eu não sabia nem o que era. Eu passei quatro meses com ela, 24 horas. Então assim, eu já não penteava mais o cabelo, eu já não comia direito, eu desmaiei à noite porque eu não comia. E nem dormia direito.

Ao ser questionada sobre como percebia as necessidades do bebê, a mãe relatou

dificuldades em compreender o que Jasmine expressava. Também compartilhou o impacto emocional que sofreu ao receber o diagnóstico de autismo da filha e como as renúncias exigidas naquele momento abalaram significativamente sua vida, culminando, segundo ela, em um episódio de agressividade provocado pelo estresse.

Recorte 7/Entrevista com a genitora de Jasmine:

E - E quando ela estava chorando, você achava que era **por quê?**

M - Aí eu ia tentar descobrir. Desde novinha era assim. Ela chorou uma vez ou outra, que eu vejo que não é a luz, é o desenho, é uma roupa. Aí tirava a roupa dela, colocava de novo, dava um bando, voltava, dava o peito, voltava. Então, era sempre assim. Eu tentava descobrir. Hoje eu fico mais tranquila, porque eu sei que é a forma dela, para mim, na minha cabeça, é a forma dela falar. Eu choro. Quando ela não fala ainda, quando ela não é verbal ainda, eu acho que quando ela chora, ela quer me dizer alguma coisa. Então, eu já sei, já vejo lá perto, dependendo de onde ela estiver, na sala, no quarto, já sei o que ela precisa.

E - E ela para de chorar?

M - Para.

E - E com relação à necessidade de afeto mesmo, você consegue perceber?

M - Ela não tem afeto, doutora. Quando ela está sentindo? Não.

E - Você acha que ela não tem afeto?

M - **Eu acho que ela não tem afeto.**

E - É? Por quê?

M - Porque ela me empurra, porque ela bate.

E - Com você? Com o pai não é assim?

M - Não muito, não muito, mas comigo, porque eu estava botando ela para dormir. E aí, ela me empurra muito, e ela bate em mim, ela joga o pé em cima de mim, eu empurro ela, eu empaco ela, reclamo, tudinho. Então, assim, quando ela está bem, que ela não está nem aí, ela deita assim e dorme só. É. Com ele, ela abraça, ela fica em cima, entendeu? Eu demonstro, eu abraço, eu beijo. Você está linda, eu falo, sabe? Assim, da forma que uma mãe faz, eu procuro ser uma mãe que transmita amor. Mas, assim, é muito difícil. É. Porque ela não recebe aquilo.

E - Entendi. Porque você não se sente correspondida, é isso? Com relação ao seu afeto, você não sente que ela corresponde?

M - Ela não responde. Mesmo assim, aquele afeto, eu acho que fica preso. Aí você vai ficando meio frustrada. Em mim, fica meio que retraído pra mim. [...] Doutora, foi final de ano, que eu tava precisando de algumas coisas dentro de casa. Eu disse, tudo é culpa sua. Isso eu disse pra ela. Ela tinha o quê? Eu lembro. Ela tinha? Dois anos e... Já tinha dois anos, né? Quase três. Não sei se ela entendeu. Eu disse, a culpa é sua. Porque você é autista e eu perdi meu trabalho por causa de você, pra cuidar de

você. Aí, eu peguei ela assim, com força. Aí, ela ficou com a marca.

Interessante notar o que é afeto para ela. A menina mostra um afeto, mas negativo.

Quando questionada sobre uma possível causa do autismo de sua filha, a mãe de Jasmine apresentou dúvidas:

Recorte 8/Entrevista com a genitora de Jasmine:

A causa, no caso, no caso do autismo. [...] Mas eu não sei o significado do autismo, nem porque... Eu vou dizer, a minha filha tem autismo por causa disso? Não sei. Eu não consigo entender. Na verdade, quando eu recebi, eu cheguei em casa, eu falei, a culpa é sua, pro meu marido. Seus primos têm filho autista. Então, eu cheguei, falei, seus primos têm, né? Muitos, né? Vários primos moram num lugar separado.

E - Adultos, já?

M - São crianças. Mas, são primos, o pai das crianças, são primos do meu marido. Mas, o meu marido, ele não bate bem da bola, não. Eu acho que ele é autista, eu falo pra ele. Ele é uma pessoa que não consegue, ele não consegue conversar.

A fala da mãe de Jasmine revela uma contradição em relação à origem do autismo da filha, ao atribuí-lo a uma suposta herança genética familiar não confirmada, o que indica um mecanismo inconsciente de deslocar a causa do sofrimento para o Outro. Essa dificuldade em assimilar o diagnóstico pode ser compreendida como resistências psíquicas profundas.

Além disso, é possível perceber que as falas das duas genitoras suscitam reflexões sobre a autoridade masculina e o lugar ocupado pela figura paterna, ainda que esse não seja o foco central da pesquisa. Essa crítica ao patriarcado já estava presente em Freud (2007), ao propor o mito do pai primordial e a origem da proibição do incesto. Assim, embora a função materna seja determinante, é na instância do Outro que se estrutura o sujeito e se joga a metáfora paterna como ponto de articulação entre significante e significado.

A complexidade do amor materno aparece nas ambivalências expressas pelas mães de Saulo e de Jasmine, que relatam sentimentos de cansaço, culpa e pressão social, revelando a oscilação entre completude e angústia vivida na experiência da maternidade. Como afirma Bastien (apud Bernadino, Laznik; Araújo, 2011), encontrar “A Mãe” é sempre imprevisível, pois implica viver, simultaneamente, devotamento e dívida, gozo e dor. Freud (2007) relaciona o amor ao narcisismo,

enquanto Lacan (1998) o articula ao desejo e ao gozo, mostrando que o amor materno é atravessado por forças inconscientes que vão além da razão e dos ideais conscientes. Trata-se de um vínculo marcado por desejos e estruturas psíquicas profundas que influenciam a relação entre mãe e filho.

4. *Lócus da pesquisa*

O local escolhido para a obtenção dos dados caracteriza-se por ser uma Instituição sem fins lucrativos – uma Organização Não Governamental (ONG) – que atua diretamente com crianças oriundas de comunidades carentes, oferecendo acompanhamento terapêutico e educativo.

Localizada no município de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, a ONG foi selecionada não apenas pela acessibilidade ao público-alvo da pesquisa, mas, principalmente, pela expressiva demanda de atendimentos a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando-se como um espaço privilegiado para a escuta e observação dos processos clínico-subjetivos em questão.

A escolha da ONG também se justifica por sua inserção em um contexto social que, muitas vezes, carece de políticas públicas efetivas de saúde mental voltadas à infância. Nesse sentido, a instituição cumpre um papel relevante de acolhimento e cuidado e a sua participação na pesquisa se alinha à proposta de produção de conhecimento comprometida com a realidade social dos sujeitos envolvidos. Como afirma Vilela (2009), a atuação de organizações do terceiro setor representa uma importante ponte entre ciência e sociedade, permitindo uma maior aproximação entre os saberes acadêmicos e as necessidades concretas das comunidades. A partir desse entrelaçamento, torna-se possível não apenas captar demandas emergentes de pesquisa, mas também viabilizar a devolutiva dos resultados de forma aplicada e sensível ao território onde se inscrevem os sujeitos da experiência.

Além disso, o ambiente da ONG proporcionou um cenário menos medicalizado e mais relacional para a observação das crianças e suas famílias, permitindo que os encontros ocorressem em uma atmosfera de maior espontaneidade e vínculo. Essa condição favoreceu a escuta dos ecos da linguagem – na fala, no corpo e nos silêncios – em consonância com os referenciais teóricos que embasam esta pesquisa, especialmente os da psicanálise e da teoria da complexidade.

5. Procedimentos de análise dos casos

A pesquisa com ancoragem na psicanálise, apresenta-se como uma modalidade específica de investigação, cuja singularidade reside tanto no objeto quanto no método. Diferentemente dos modelos tradicionais das ciências empíricas, que buscam a replicabilidade e a generalização de resultados, este tipo de pesquisa se fundamenta na experiência clínica e na leitura dos fatos singulares, tomando o inconsciente como objeto central. Nesse sentido, o estudo não pretende universalizar conclusões, mas aprofundar a compreensão de fenômenos subjetivos, extraíndo deles elementos de elaboração teórica (Figueiredo; Minerbo, 2006).

Conforme indicam Figueiredo; Minerbo (2006), a psicanálise se sustenta em uma tríade fundamental: clínica, pesquisa e teoria. Essas três dimensões, longe de se apresentarem separadas, se interpenetram e se alimentam mutuamente, constituindo o dispositivo epistêmico próprio da psicanálise. Assim, uma abordagem psicanalítica não se define por uma aplicação de protocolos experimentais, mas pelo trabalho interpretativo que emerge da escuta clínica e de sua posterior elaboração teórica.

O processo metodológico, nesse contexto, envolve uma leitura atenta e flutuante dos materiais clínicos, que são revisitados em diferentes tempos, permitindo a emergência de novos eixos de interpretação. Esse movimento exige do pesquisador uma disponibilidade de escuta e uma suspensão momentânea de referenciais teóricos diante do sujeito em análise, de modo a preservar a ética da clínica e a abertura ao que irrompe como novo. Trata-se, portanto, de uma investigação que se faz na tensão entre a singularidade do caso e o movimento de articulação conceitual que dele decorre. (Figueiredo; Minerbo, 2006).

A ética constitui, igualmente, uma dimensão incontornável da pesquisa ancorada na psicanálise. A utilização de material clínico implica a preservação rigorosa do anonimato dos sujeitos, a seleção de recortes somente após o processo clínico ter se concluído, e o compromisso com a sustentação de uma técnica reconhecida e validada pela comunidade psicanalítica (Figueiredo; Minerbo, 2006). Além disso, a escrita que resulta desse trabalho não é mera descrição do ocorrido em sessão, mas um espaço de elaboração, no qual a clínica e a teoria se encontram em movimento, convocando também a subjetividade do pesquisador como parte do processo interpretativo.

O primeiro movimento de análise consistiu em uma leitura inicial, repetida e exaustiva dos registros longitudinais, possibilitando uma familiarização profunda com os dados e a apreensão de elementos recorrentes e singulares. Essa etapa não visou uma

classificação prévia, mas a abertura a um contato sensível com o material, de modo a permitir que as nuances da experiência clínica emergissem antes de qualquer categorização.

Em seguida, realizamos a seleção dos trechos das entrevistas em que foi possível apreender, a partir dos relatos maternos, diferentes aspectos da relação mãe-filho: a versão da mãe sobre a criança, a forma como descreve sua relação com ela, o lugar que atribui ao filho na família, bem como as narrativas acerca do período de gestação e nascimento, da organização da rotina após o nascimento, do recebimento do diagnóstico, da presença de outros adultos na vida da criança, do modo como a mãe reconhece as necessidades do filho (fome, sede, sono e afeto) e da forma como a criança as expressa. E, posteriormente, foram selecionados os momentos que apresentavam indícios da *lalíngua*, tomando como referência a proposta lacaniana, segundo a qual *lalíngua* se manifesta por meio dos efeitos sonoros, rítmicos e corporais que antecedem ou escapam ao sentido. Isto é, vocalizações aparentemente desconexas, a fuga do olhar, repetições insistentes, jogos sonoros, entonações singulares e pausas significativas foram privilegiados como marcas de uma imbricação corporeolinguagem, que não se reduz ao significante no campo do discurso estruturado.

Por fim, estabeleceu-se um diálogo entre os achados da pesquisa e a hipótese da *lalíngua* como terceiro incluído, sustentada pela teoria da complexidade. Essa hipótese rompe com a lógica binária tradicional (presença/ausência, sujeito/não-sujeito) ao introduzir uma dimensão de linguagem atravessada pela incompletude e pela resistência ao sentido pleno. Nesse campo relacional, o sujeito se inscreve pelas marcas que o outro imprime em seus gestos, sons e expressões — marcas que reverberam como traços de gozo não simbolizado, manifestos em afetos brutos, vocalizações fragmentárias e ritmos singulares. São fragmentos de *lalíngua* que se mantêm como modos de presença no laço, escapando à lógica representacional da língua e comparecendo antes como ecos corporais de uma alteridade vivida.

Esse exercício permitiu articular diferentes perspectivas, em uma rede de sentidos possíveis, não no sentido de fixar significados, mas de acompanhar como o gozo se inscreve no corpo pela via da *lalíngua*. Assim, a análise se orientou menos pela busca de uma linearidade interpretativa e mais pelo reconhecimento da heterogeneidade e da pluralidade de modos de subjetivação presentes nas manifestações observadas.

Por fim, a escolha desta metodologia contribuiu decisivamente para sustentar uma escuta sensível e articulada à teoria, abrindo espaço para um olhar que respeita a

singularidade de cada sujeito e a complexidade dos processos envolvidos na linguagem, no desejo e na constituição psíquica.

6. Aspectos éticos

A pesquisa seguiu rigorosamente os princípios éticos previstos para estudos com seres humanos, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Após aprovação pelo Comitê de Ética da UNICAP e registro na Plataforma Brasil, os participantes — mães e terapeutas — autorizaram sua participação por meio da assinatura dos termos de consentimento e anuência. Garantiu-se o respeito aos valores sociais, morais e religiosos dos sujeitos, assegurando voluntariedade, anonimato e o uso restrito das imagens apenas pelas pesquisadoras e exclusivamente para fins da pesquisa.

Além disso, a pesquisa respeitou os valores sociais, morais e religiosos dos participantes, garantindo anonimato, participação voluntária e uso restrito das imagens apenas pelas pesquisadoras durante o estudo. Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/16, os participantes tiveram acesso aos resultados da pesquisa por meio de encontros agendados, com explicações claras e documentos explicativos. Foram também devidamente reconhecidos e agradecidos por sua colaboração espontânea no estudo.

1. ACEITANDO INCERTEZAS: POSSÍVEIS VIAS DE ACESSO

Incertezas e imprevisibilidade são partes constitutivas da existência. A teoria da complexidade, formulada por Morim, a partir do ano de 1970, propõe justamente que os sistemas vivos — como o humano — são dinâmicos, não lineares e atravessados por múltiplas interações entre ordem, desordem e organização. Neste estudo, ao aceitarmos e acolhermos incertezas, avistamos uma possível ressonância da teoria da complexidade, na clínica psicanalítica lacaniana.

No trabalho com crianças *com* diagnóstico de autismo, lançar *um olhar complexo* à singularidade do sujeito, leva-nos a buscar possibilidades de entrever indícios de linguagem, através daquilo que se manifesta no corpo, como o olhar ou o *não olhar*, como as repetições e os silêncios. E quando falamos em *vias de acesso*, estamos nos referindo a entender estes indícios e encontrar estratégias, atitudes ou práticas que permitam nos aproximar deste sujeito em sua forma própria de estar no mundo.

Portanto, a análise dos resultados foi conduzida a partir de diferentes perspectivas sobre a relação entre a criança e o Outro, privilegiando a leitura do corpo como expressão de linguagem. A perspectiva psicanalítica lacaniana permitiu abordar o sujeito como atravessado pelo desejo e pela presença do Outro, marcado pela incompletude estrutural. Ao dialogar com o pensamento complexo, que se apoia no teorema da incompletude de Gödel, para questionar explicações totalizantes, reconhecemos que a realidade não pode ser reduzida a modelos lineares ou deterministas. Essa articulação nos impulsiona a sustentar múltiplas vias de leitura, assim como, acolher a singularidade da linguagem que emerge na clínica com crianças com diagnóstico de autismo.

Pode-se supor, então, que ao articular a psicanálise lacaniana com a teoria da complexidade, a criança com diagnóstico de autismo não deva ser compreendida a partir de categorias fechadas ou sintomas isolados, mas como um sujeito atravessado por múltiplas experiências, cuja linguagem pode emergir de formas não convencionais — no corpo, no gesto, no ritmo, no silêncio. Nesse sentido, sustentar uma escuta atenta ao que não se encaixa, ao que escapa às normativas e classificações, abre espaços para que esse sujeito possa, enfim, se fazer ouvir.

1. O desconforto do olhar

*É em vão que tua imagem chega ao meu encontro
 E não me entra onde estou, que mostra-a apenas
 Voltando-se para mim só poderias achar
 Na parede do meu olhar tua sombra sonhada
 Eu sou esse infeliz comparável aos espelhos
 Que podem refletir, mas não podem ver
 Como eles meu olho é vazio e como eles habitado
 Pela ausência de ti que faz sua cegueira.*

(Aragon apud Lacan, 1964, p. 23)

Para a psicanálise, o olhar ocupa um lugar fundamental na constituição do sujeito. Mais do que um canal sensorial, ele é elevado à condição de objeto a — aquilo que fura, escapa, causa desejo e angústia. Lacan (1998) nos lembra que o olhar não é apenas um sentido: é ponto de entrelaçamento entre corpo, linguagem e desejo — um ponto onde o sujeito é atravessado por aquilo que escapa à representação. Quando o olhar do Outro se apresenta como excesso — invasivo, intrusivo, não simbolizado — ele deixa de oferecer sustentação à imagem e passa a operar como ameaça à integridade psíquica.

No percurso de constituição do eu, o estágio do espelho representa um momento fundamental, pois é por meio dele, que a criança se antecipa como totalidade corporal ao se identificar com sua própria imagem. No entanto, essa imagem só adquire valor subjetivante quando é sustentada pelo olhar do Outro e acompanhada da inscrição simbólica — isto é, quando o Outro nomeia, reconhece e inscreve essa imagem no campo da linguagem (Lacan, 1998). Quando tal mediação falha — seja por ausência de significação, seja por um excesso que impede a separação —, o laço¹ especular pode ser comprometido, e o eu pode se constituir de forma precária ou fragmentada, dificultando a simbolização do corpo e a condição de reconhecer-se diferente do Outro (Quinet, 2009).

O *desconforto no olhar*², frequentemente observado em crianças com diagnóstico de autismo, pode ser compreendido, então, não como simples aversão ao contato ocular, mas como uma resposta subjetiva à presença do olhar do Outro. Esse olhar, ao invés de sustentar simbolicamente a imagem do eu (como no estágio do espelho), pode ser vivido como intrusivo, desorganizante ou até ameaçador.

¹Em Lacan, o laço social é sustentado pelo desejo e estruturado por relações simbólicas entre sujeitos. A partir de 1969, com a teoria dos discursos, ele concebe diferentes formas de laço, baseadas em articulações estáveis entre elementos, mesmo sem palavras.

²Dito como “falta de contato visual” por autores de teorias comportamentais.

Vejamos a seguir o recorte da primeira sessão com a criança Saulo:

Episódio 1

Saulo – Sessão 1

S = Saulo T = Terapeuta

S – (Está sentado em uma cadeira, com vários recursos sobre a mesa).

T – Muito beeem! Dia de... brincá livre! Muito beeemmm! (puxa a cadeira e senta-se ao lado da criança).

S – (Continua concentrado nos recursos).

T – Muito beeem! Vamuuuss! Vamos brincaaar!

S – (Ainda não estabeleceu contato visual com a terapeuta e está entretido com um brinquedo musical).

T – (Tenta interagir tocando no brinquedo).

S – (Permanece sem contato visual).

T – (Organiza os brinquedos que estão sobre a mesa).

S – “Ôh-oooh” (olhando para o brinquedo).

T – Ohhhh!

S – (Dá um sorriso e continua brincando com o recurso, sem olhar para a terapeuta).

T – (Apenas observa).

S – Ôh-ô!

T – Ôh-oooh!

S – Éee...! (sorrindo para o brinquedo).

T – Muito bem! Toca, Saulo, muito bem!

S – (Interage apenas com o brinquedo. Ainda sem contato visual com a terapeuta).

Neste primeiro fragmento, observa-se a manutenção da recusa ao contato visual por parte da criança, mesmo diante das tentativas insistentes de aproximação da terapeuta. Essa recusa ao olhar, assim como a permanência em uma relação quase exclusiva com o brinquedo, permite colocar em análise algumas coordenadas do processo de subjetivação, que ainda parecem não estar plenamente operantes neste caso.

O olhar dirigido ao Outro desempenha papel fundamental no processo de constituição subjetiva, marcando o início da formação da imagem especular tal como formulado por Lacan no estágio do espelho. É nesse momento inaugural que o infans, ao se identificar com a imagem refletida e sustentada pelo olhar do semelhante, passa a organizar seu corpo como uma totalidade imaginária. Essa imagem, embora ilusória, é essencial para a emergência de um “eu”. Nesse sentido, a dificuldade da criança em sustentar o olhar com a terapeuta — ou o desconforto que isso provoca — pode ser interpretada como uma recusa em se ver na imagem que o Outro lhe devolve, recusando, assim, a alienação imaginária. Esta alienação consiste na submissão inicial do sujeito ao campo do Outro, por meio da identificação com uma imagem que lhe é externa, condição necessária para que o eu se estruture psiquicamente.

Por outro lado, ainda que o olhar da terapeuta seja evitado, nota-se na vocalização da criança — o “Ôh-oooh”, repetido com pequenas variações e acompanhado de sorriso — uma via possível de leitura para os efeitos da *lalíngua*. Esses balbucios não se configuram como palavras plenas de sentido, mas se mostram como ressonâncias sonoras que carregam um gozo próprio, mais próximo do corpo do que do significado. Como diz Lacan (1998), *lalíngua* é o real da linguagem que invade o corpo antes mesmo da estruturação significante — é o som que marca o corpo, é linguagem em seu estado *bruto*, anterior ao sentido. Assim, esse vocalizar prazeroso pode ser escutado como uma cifra, uma inscrição de gozo que sustenta um tipo de presença do sujeito no mundo.

Quinet (2017, p. 2), diz “o corpo é a tela da pulsão escópica”. Portanto, a pulsão escópica revela-se central para pensar a recusa do olhar por parte da criança. Não se trata apenas de não ver ou não ser vista, mas de evitar um olhar que convoca o sujeito a uma exposição intolerável. O olhar, aqui, opera como ponto de invasão e desconforto. Ao desviar-se do Outro (a terapeuta), a criança parece resguardar-se da captura pelo olhar do Outro, protegendo-se da alienação subjetiva que esse olhar implica. Em outras palavras, ao desviar o olhar, a criança não apenas evita o contato visual — ela recusa o lugar simbólico que lhe é proposto pelo Outro, tentando preservar uma forma própria de estar no mundo, fora da lógica da captura.

Portanto, na cena observada, a interação inicial se dá por meio de sons e gestos, evitando o olhar direto — uma estratégia que preserva o gozo em um circuito mais fechado ao Outro. O corpo da criança aparece como suporte de um gozo ainda não bordejado pelos efeitos da *lalíngua* e pela recusa da imagem especular. Para Lacan (1998), o olhar do Outro pode ser vivido como invasivo ou ameaçador, e evitar o contato pelo olhar, nessa situação, contexto, funciona como defesa frente à subjetivação pelo desejo do Outro. O momento em que Saulo finalmente lança um olhar à terapeuta marca uma inflexão significativa: trata-se de uma abertura subjetiva, ainda que breve, em que o sujeito se arrisca a entrar na cena simbólica e se reconhecer na alteridade³. O olhar, então, deixa de ser apenas um gesto perceptivo e passa a operar como índice de uma possível inscrição do sujeito no laço com o Outro.

Observa-se uma ausência persistente de contato visual por parte da criança ao

³Alteridade, na perspectiva lacaniana, é a dimensão exterior que constitui o sujeito. O “eu” só se firma ao se alienar em imagens e significantes que vêm do Outro — como a linguagem e a cultura. Assim, a identidade do sujeito depende do encontro com essa alteridade que o antecede e o forma.

longo da interação. Apesar da presença da terapeuta e de suas tentativas de estabelecer uma via de acesso por meio da linguagem e da aproximação corporal, a criança permanece imersa em sua relação com o recurso, mantendo-se em uma posição de aparente indiferenciação quanto à presença do Outro.

O sorriso da criança diante do brinquedo musical sugere que há uma satisfação localizada no circuito fechado da relação com o objeto. A terapeuta tenta intervir por meio da repetição sonora "Ôh-oooh!" e do reconhecimento verbal "Muito bem!", mas o significante ainda não parece produzir efeito simbólico que o desloque dessa cena centrada em si mesmo. Em outras palavras, o brinquedo não está atuando como um intermediário que articula a interação com o Outro, mas sim como algo que satisfaz diretamente uma necessidade ou um prazer corporal, quase como uma continuidade do próprio corpo e do desejo. Isso indica que a relação com o Outro e com o simbólico — que estrutura o desejo e o reconhecimento social — está menos presente ou menos mediada pelo objeto.

A esse respeito, remetemo-nos à noção freudiana de defesa diante do desprazer. Freud (2018) aponta que o sujeito não consegue se desligar por completo da percepção sensorial, mas pode adotar recursos para se proteger daquilo que, na cena, se apresenta como excessivo ou invasivo. Nessa perspectiva, o desvio do olhar — ou mesmo a recusa em sustentá-lo — pode ser compreendido como uma forma de defesa frente à captura pelo desejo do Outro, ou seja, diante da possibilidade de inscrição no campo do desejo e da linguagem.

Nesse contexto, o gozo se manifesta como um excesso que escapa à simbolização, invadindo o corpo de forma direta e sem mediação, o que pode produzir efeitos de angústia. Para Lacan (1998), seguindo a concepção freudiana, a angústia não é um sintoma — ou seja, não é algo que possa ser interpretado de imediato como linguagem cifrada —, mas sim um afeto. No entanto, em Lacan, a apreensão da angústia está intrinsecamente ligada à estrutura do significante: ela emerge justamente quando há um “colapso” na rede simbólica, isto é, quando algo do real insiste sem poder ser representado. Dessa forma, ela se manifesta no corpo, denunciando a presença de um gozo que escapa à nomeação, mas que insiste em se fazer sentir.

A recusa ao olhar — especialmente em crianças com diagnóstico de autismo — pode, então, ser compreendida como um modo de defesa frente a essa invasão. Ao evitar o olhar do Outro, a criança pode estar tentando preservar sua integridade psíquica diante de uma alteridade que ainda não foi simbolizada, ou seja, o olhar do Outro, ao

não ser suficientemente simbolizado, pode ser vivido como intrusivo ou mesmo ameaçador, pois implica uma convocação ao campo do desejo e da alienação simbólica — algo que o sujeito ainda não está pronto ou disposto a suportar.

Daremos continuidade a estas formulações, no recorte a seguir, a partir da criança pesquisada, Jasmine.

Episódio 2

Jasmine – Sessão 2

J = Jasmine T = Terapeuta

J – (Está entretida com um brinquedo musical).

T – Eita, oh, toca! (Aperta o botão do brinquedo que emite um som e fecha a porta).

J – (Vira-se rapidamente para a porta e mexe na maçaneta).

T – Oh, Jasmine, nooossaa! (Busca a atenção da criança agachando-se próximo à criança e mostrando o brinquedo).

J – (Jasmine fica confusa entre o brinquedo e a porta. Gira em torno de si mesma, se vira novamente para a porta e emite alguns sons de choro).

T – Olha aqui, olha! (Agachada em frente à criança). Dança, dança! Vem dançar!

Vamo dançar!

J – (Empurra levemente a terapeuta e permanece atordoada e emitindo sons de choro, porém não está chorando).

T- Pera aí, deixa eu buscar (e levanta-se). Oh, qui, oh! O ursinho!

J – (Interessa-se pelo recurso).

T – Isso aí! Vem cá! Senta aqui, oh! Senta pra você ver!

J – (Aproxima-se da mesa, porém não senta. Pega o brinquedo, emitindo um som choroso).

T – Isso, olha! Toma! Põe aqui!

J – (Encaixa o brinquedo e se direciona à porta, começando a chorar).

T – Êeee! Muito bem! Já já, a gente vai!

J – (Puxa a terapeuta pelo braço, chorando e em direção à porta).

T – Oh, o coelho! (mostrando o brinquedo).

J – (Continua puxando o braço da terapeuta, porém olhando com interesse para o brinquedo).

T – Senta aí! Põe aqui, coloca aqui, Jasmine!

J – (Pega a peça e encaixa, porém ainda relutando em participar da interação).

T – Issoo! Muito bem garota! (Toca na barriga da criança como se fizesse cócegas e a mesma se afasta) Æh! Oh, um porco (faz um som tentando imitar um porco). Um porquinho.

Neste recorte, observamos uma dinâmica marcada por intensas expressões corporais e sonoras da criança, que parece encontrar no corpo uma via de manifestação de um desconforto não simbolizado. Jasmine se movimenta de forma inquieta, gira sobre si mesma, emite sons chorosos e alterna entre aproximações e afastamentos da terapeuta, o que evidencia uma oscilação entre o apelo e a recusa ao Outro. Embora

estabeleça um olhar direcionado à terapeuta, tal olhar não configura um gesto de abertura à alteridade, mas parece antes marcar uma tentativa de evasão, quase como um pedido para que o Outro se retire. Não se trata, portanto, de um contato visual que inscreve o sujeito na cena simbólica, mas de uma forma ambígua de presença, entre o desejo de separação e a necessidade de amparo.

Lacan (1998) nos lembra que, na pulsão escópica, o que está em jogo não é simplesmente o ato de ver, mas o se fazer ver — o desejo de ocupar o lugar de objeto no olhar do Outro. No entanto, como observa Maleval (2018), no autismo o sujeito tende a se esquivar desse circuito, evitando inscrever-se como objeto no campo do desejo do Outro. É o que se evidencia em Jasmine: ao desviar o olhar e resistir às tentativas de aproximação, ela encena uma recusa a esse circuito da pulsão escópica. O olhar comparece, mas não como ponto de retorno da pulsão; antes, ele se apresenta como índice de angústia.

Nesse contexto, os movimentos corporais e as vocalizações que Jasmine emite assumem um valor expressivo singular, funcionando como marcas da *lalíngua*. Tais manifestações não se organizam segundo um código comunicativo compartilhado, mas dizem algo do gozo que atravessa o corpo, como traços sonoros que escapam à significação, mas insistem como ecos de um real ainda não metabolizado pela linguagem. A *lalíngua*, tal como definida por Lacan, é essa dimensão do dizer que *está aquém e além do sentido* — é corpo que fala, mesmo sem palavras propriamente ditas.

A interação com os objetos — brinquedos, especialmente os sonoros — revela a busca por uma espécie de estabilização no corpo, por meio da repetição e da manipulação sensório-motora. Ainda que, por momentos, a criança se interesse pelos recursos oferecidos, sua atenção logo se volta novamente para a porta, local que, neste cenário, pode ser lido como significante de um "fora", de um apelo à fuga ou à reintegração de um espaço mais familiar e previsível. O empurrar a terapeuta, o choro insistente e a tentativa de conduzi-la para fora da sala indicam não apenas recusa, mas também uma estratégia de regulação frente a uma presença do Outro que se torna excessiva, talvez intrusiva.

A tentativa da terapeuta de transformar a cena em brincadeira: “vem dançar!”, “olha o porquinho!”, indica uma aposta na transferência lúdica como via de abertura. Porém, a resposta da criança ainda se dá em outro registro — nem plenamente simbólico, nem inteiramente orgânico —, mas em uma zona intermediária, de presença pulsional intensa. Não parece haver ainda um deslocamento que inscreva o sujeito num

lugar de endereçamento claro ao Outro, o que nos permite dizer que o simbólico ainda não opera de forma eficaz na constituição da cena. A seguinte citação de Maleval (2020, p.14), explicita com clareza:

O dom de um olhar sorridente, que expressa a satisfação de uma dependência aceita, demonstra o retorno do circuito da pulsão escópica. Ao contrário, o autista que foge do olhar não sente prazer em se fazer ver. Ele não propõe nada ao desejo do Outro. Ficar sem resposta face ao desejo do Outro constitui, segundo Lacan (2005), o que caracteriza a angústia. Desde então, o autista se dedica à tentativa de controle solitário de suas pulsões e de seu contexto.

Somente no recorte a seguir é possível observar um momento de interação efetiva: a criança olha para a terapeuta e consente em seu acesso, engajando-se na relação mediada pelo brinquedo musical. O som produzido pelo objeto funciona como ponto fixo, na medida em que concentra a atenção da criança e organiza a cena, possibilitando que o laço se estabeleça de forma menos invasiva. Neste contexto, retomamos Wisnik (1989), quando fala que o som é onda, vibração que se propaga na atmosfera, captada pelo ouvido e configurada pelo cérebro em sentidos possíveis. Assim, as ondas musicais do brinquedo não apenas entretêm, mas operam como ressonâncias que tocam o corpo, evocando essa dimensão da língua que escapa ao sentido, mas funda o campo da linguagem.

Episódio 3

Jasmine – Sessão 2

J – (Pega a peça).

T – Você tá olhando? Hum, hum, cadê?

J – (Olha para a terapeuta e encaixa a peça).

T – Aewww! (batendo palmas). Jasmine conseguiu! Chega batendo! (E mostra as mãos para a criança).

J – (Se vira para a porta e começa a chorar, pegando a chave da porta).

T – O ursinho! Esse urso azul!

J – (Volta-se para a terapeuta ainda chorando e tenta pegar a peça de suas mãos).

T – Que cor é esse ursinho?

J – Aaaaaii! Dan, dan, din. (Pega a peça e encaixa, emitindo sons de choro).

T – É o ursinho azul.

J – (Escuta sons do lado de fora da sala e se volta para a porta, começando a ficar chorosa).

T – Vamo colocar de novo, o ursinho? Vamo lá colocar o ursinho no lugar? Devagar, tenta novamente.

J – (Está de costas para a terapeuta e chorando e, por vezes, olha para a mesa, onde está o brinquedo. Se volta para a porta; caminha até a parede, chorando).
 T – A gente já já vai, tá bom?. Vem cá! Oh, coloca aqui o ursinho. Onde é o lugar dele?
 J – (Pega a peça, ainda chorosa e emitindo alguns sons, e encaixa).
 T – Aeww! (Batendo palmas). Laranja...
 J – (Encaixa a peça e pega outra. Depois aperta o botão do brinquedo sonoro que começa a tocar uma música).
 T – (Começa a dançar).
 J – (**Fixa o olhar na terapeuta** e tenta apertar novamente o botão da música).

Neste recorte, observa-se um momento de abertura subjetiva distinto dos anteriores, pois a criança consente em um breve engajamento com a terapeuta e com o brinquedo musical, que opera como ponto de fixação do interesse e mediador da cena. Contudo, essa abertura não se mantém estável: a atenção de Jasmine oscila entre o brinquedo e a porta, indicando um movimento de alternância entre a possibilidade de laço e o recuo diante da presença do Outro encarnado na terapeuta. Nesse vaivém, suas vocalizações — “Aaaaiii, Dan, dan, din...” — emergem como marcas singulares da língua, testemunhando um modo de inscrição do gozo no corpo que escapa ao sentido, mas que se faz ouvir como ritmo e sonoridade. Assim, a cena revela, ao mesmo tempo, a potência de um recurso mediador e o limite imposto pela angústia diante do Outro, que leva Jasmine a oscilar entre a aproximação e a retirada.

Ao fixar o olhar na terapeuta e, em seguida, voltar-se de costas emitindo sons chorosos, a criança evidencia corporalmente a tensão própria da cena escópica. O corpo, nesse gesto, torna-se o lugar onde se inscreve o desconforto provocado pela incidência do olhar do Outro. A presença do olhar — por vezes fixo, por vezes evitativo — revela um jogo que remete à pulsão escópica, própria da constituição subjetiva, mas que pode adquirir formas singulares no autismo. Ao se esquivar desse olhar, Jasmine não se coloca como objeto no campo do desejo do Outro, dificultando o fechamento do circuito pulsional e podendo, assim, ser tomada por angústia.⁴ No entanto, quando Jasmine olha para a terapeuta enquanto manipula o brinquedo e busca o botão da música, vislumbra-se uma tentativa — ainda que frágil — de reinscrição nesse circuito.

⁴Em seu *Seminário 11*, Lacan propõe a mancha (*tache*) como índice do olhar enquanto objeto da pulsão escópica. Mais do que aquilo que se vê, ela marca o ponto de furo no campo da visão — um excesso que escapa à representação e que revela a intrusão do olhar do Outro. Tal como afirma Lacan: “A função da mancha é o índice desse olhar” (Lacan, 1998, p. 86), apontando para uma presença que afeta o sujeito, provocando retração, vergonha ou angústia.

A música, nesse contexto, atua como apelo sensorial que transborda a cena, convocando o corpo por meio da escuta, do movimento e do afeto.

A travessia do impasse do olhar se dá por meio do afeto — entendido como a maneira pela qual o corpo responde à presença encarnada do Outro. É através da fala, do toque e da insistência do Outro que o sujeito pode, pouco a pouco, autorizar-se a olhar e a ser olhado. Mais do que uma superação definitiva, o que se evidencia são brechas: instantes em que as defesas se flexibilizam, permitindo que o corpo se deixe afetar e que algo do laço se inscreva.

Ainda no contexto da pulsão escópica, vejamos o seguinte recorte:

Episódio 4

Saulo – Sessão 2

T – Ói! Vai!

S – (Brinca com o recurso e emite alguns sons que demonstram empolgação).

T – (Observa).

S – (Aperta um botão e fala: “oh-oh”, dessa vez olhando para a terapeuta)

T – Olhaa!

S – (Continua apertando as teclas musicais).

T – Muito bem! Aqui ó!

S – (Olha para onde a terapeuta indicou e aperta a tecla).

T – (Observa).

S – (Permanece interagindo com o recurso, sem olhar para a terapeuta).

T – Como é? Ó! (Aperta a tecla do brinquedo).

S – (Aperta uma das teclas e o brinquedo para de tocar) Oh-oh...
(Emite alguns sons de excitação, e inclina-se sobre a mesa segurando o brinquedo).

T – (Observa a criança).

S – (Continua com os mesmos movimentos: aperta as teclas musicais e balança a cabeça).

T – (Permanece observando).

S – (Aperta uma tecla que muda a música do brinquedo e então olha para a terapeuta com expressão de admiração).

Neste recorte, observamos uma cena em que a criança não apenas interage com o brinquedo musical, mas também evidencia um momento de abertura à alteridade. A entrada do Outro se insinua, não como imposição, mas como efeito de uma admiração partilhada: a criança sorri, vocaliza com entusiasmo, “oh-oh” e, em resposta ao gesto indicativo da terapeuta, dirige o olhar para a tecla que lhe foi apontada. Esse duplo movimento — olhar para o Outro e para onde o Outro aponta — marca a instauração de um campo escópico em que a presença do Outro começa a ser incluída como referência.

O brinquedo, em seu funcionamento sonoro, torna-se o ponto de ancoragem da cena, concentrando sobre si tanto o interesse sensorial da criança quanto o investimento transferencial da terapeuta. Trata-se de uma proeminência que não se reduz à estimulação, mas que participa de uma construção relacional: ao apertar as teclas, a criança emite vocalizações de excitação, balança a cabeça e se inclina sobre o objeto, compondo uma coreografia de corpo-afetado. O corpo, aqui, não responde apenas a estímulos, mas articula uma forma de linguagem que emerge entre o gesto, o som e o olhar.

No episódio observado, a interação entre a criança e a terapeuta revela um momento de abertura subjetiva, ainda que breve, em que o sujeito se permite ser afetado pelo Outro. O olhar, acompanhado de gestos de admiração, vocalizações e respostas ao gesto indicativo da terapeuta, deixa de ser apenas um ato perceptivo e passa a funcionar como índice de uma possível inscrição do sujeito no laço com o Outro. Aqui se dá o encontro entre afeto e significante: segundo Soler (1997), na psicanálise lacaniana, o afeto emerge da articulação entre linguagem, corpo e sujeito, manifestando-se quando o corpo se afeta e responde ao significante, carregando traços de gozo.

Essa perspectiva dialoga com o transitivismo de Bergès; Balbo (2002) que concebem o Outro como sustentador dos atos da criança, oferecendo uma mediação indispensável para que a experiência possa ser simbolicamente registrada. Na prática clínica, essa mediação se manifesta através do olhar, da voz e do gesto da terapeuta, que orientam, acompanham e reconhecem as ações da criança sem impor nem dominar, criando um espaço seguro para a interação. É nesse espaço que a criança pode vivenciar a experiência de forma afetiva, sentir-se reconhecida e, aos poucos, autorizar-se a participar do laço simbólico. Assim, a intervenção do Outro não apenas organiza a cena, mas também propicia o surgimento de inscrições simbólicas, permitindo que o sujeito construa sua relação com o mundo, com os objetos e com a linguagem, ao mesmo tempo em que seu corpo responde ao significante e se afeta pelo gozo.

Combinando essas perspectivas, o afeto lacaniano pode ser compreendido como uma manifestação emergente da dinâmica entre sujeito e Outro, envolvendo múltiplos níveis e atuando tanto como desestabilizador quanto transformador. Na clínica com sujeitos com diagnóstico de autismo, suas formas singulares de afetividade (sonorizações, movimentos, modos de contato) são expressões complexas da relação com o Outro, e, por conseguinte com o Outro, revelando resistências e possibilidades de vínculo e de linguagem.

Articulamos essa perspectiva com a concepção de afetividade de Morim (2005), que se inscreve na multiplicidade do homem, integrando corpo, cognição e ambiente, e organizando ou reorganizando a subjetividade em resposta à interação dinâmica entre o indivíduo e o meio. Assim, a reação da criança ao som do brinquedo não pode ser reduzida a uma mera resposta sensorial ou ao prazer imediato provocado pelo estímulo sonoro.

Pelo contrário, esse momento revela algo mais fundamental: uma abertura para a constituição subjetiva do gozo, que, a partir da entrada na linguagem, se articula com marcas significantes e deixa de se limitar ao corpo biológico. Nesse sentido, a resposta da criança ao som indica uma primeira inflexão subjetiva do gozo e sugere os movimentos iniciais de uma circulação significativa, ainda que incipiente, apontando para a inscrição de experiências que combinam afeto, percepção corporal e linguagem.

Articulamos isso com a reflexão de Miller (2012) sobre o gozo em Lacan, destacando o que Miller chamou de primeiro paradigma: a imaginarização do gozo. Nessa fase, as implicações para o gozo permanecem veladas, pois o foco conceitual recai sobre a função da fala como doadora de sentido, o campo da linguagem que a sustenta e o dinamismo retroativo da história, incluindo subjetivações, ressubjetivações, fatos e acontecimentos. Predomina, assim, uma concepção de comunicação entendida como dialética e intersubjetiva.

Nesse sentido, a cena clínica narrada aponta para uma passagem: do corpo como mero receptor de estímulos ao corpo como lugar de inscrição simbólica, afetado por um olhar e por uma linguagem que operam como mediações. É essa inflexão que inaugura uma tênue, mas possível, abertura ao laço social — algo que será desenvolvido com mais profundidade na sequência do texto.

2. De “ecolalia” à repetição

Certa vez em minha experiência clínica enquanto fonoaudióloga⁵, atendi um garotinho de aproximadamente seis anos de idade, com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Lembro-me de ser aquela criança dita como “hiperativa”, e de ouvir os apelos da avó (do lado de fora da sala), para fazê-lo esperar

⁵Diante do caráter subjetivo da reflexão que se segue, recorro, com a devida licença, à primeira pessoa.

tranquilamente, o seu momento de entrar em setting terapêutico, e não percorrer os outros espaços da clínica.

Ao chegar seu horário da sessão terapêutica, imediatamente, aquela criança que não parava, permaneceu concentrada em um brinquedo escolhido por ele, durante trinta minutos. Esse era meu último horário do expediente, e eu já me encontrava um pouco cansada fisicamente.

Eu observava encantada e atentamente, aquela criança tão... criança! E pensava em quantos poucos momentos ele tinha para brincar, sentindo-se seguro em suas emoções. Ele possuía um vocabulário restrito (no sentido de verbalização), e poucas vezes eu ouvia alguma palavra dita espontaneamente por ele.

Em determinado momento, de forma espontânea, dirigi-me a ele e disse: “Estou tão cansada, João!” E ele, ainda voltado para o brinquedo, repetiu por três vezes: “cansado, cansado, cansado”. E, após uma pausa, disse: “também”. O abracei e disse: “Eu te entendo, João.” Recordei-me, então, que aquele era o momento em que ele retornava da escola, após passar todo o período diurno, e já havíamos entrado no período noturno. E ele tinha pouca convivência com seus pais. Inclusive, só tive a oportunidade de conversar com a mãe, uma única vez.

A fala daquele momento ressoou profundamente, revelando o quanto sentido havia ali — e o quanto ele vinha sendo sistematicamente apagado, como sujeito. Embora já tivesse questionado, em outros momentos, a leitura mecanicista da repetição de fala — como a ecolalia — tão comum nas abordagens comportamentais do autismo, foi essa experiência que, de modo incontornável, reafirmou os caminhos teóricos que desejava trilhar em minha escuta clínica.

Com base nessa reflexão, examinamos o fenômeno da ecolalia em suas diversas manifestações, considerando suas implicações estruturais e funcionais no campo da clínica psicanalítica.

Conforme Pires (2007), dois tipos de ecolalia são descritos, a tardia e a imediata. Em geral, algumas crianças possuem uma capacidade surpreendente em reproduzir palavras e entonações vocais com muita precisão. E para diferentes tipos de especialistas: fonoaudiólogos, neurologistas e psiquiatras, este enunciado repetitivo, “tem como efeito característico fazer pensar que ele não é portador de mensagem alguma. (Laznik, 1997, p. 180).

Na perspectiva psicanalítica, especialmente a partir da orientação lacaniana,

a ecolalia — frequentemente considerada por abordagens comportamentais como um comportamento estereotipado ou disfuncional — é escutada de outro modo. Em vez de ser vista como simples repetição vazia de sentido, ela pode ser entendida como uma tentativa de inscrição do sujeito na linguagem, um esforço para lidar com o excesso do gozo e para instaurar uma borda no campo do Outro.

Segundo Maleval (2018), a ecolalia pode funcionar como um modo de enlaçamento com o Outro, ainda que frágil, permitindo à criança com diagnóstico de autismo uma forma singular de presença no discurso. Para Lacan, o sujeito é efeito da linguagem, e é justamente por meio da repetição — entendida como retorno do significante — que algo do sujeito pode se inscrever (Lacan, 1964). Nesse sentido, a ecolalia pode ser escutada não como falha, mas como tentativa de articulação entre corpo, gozo e significante. Assim, a repetição da fala do Outro pode operar como um primeiro gesto de fala, mesmo que sem apropriação simbólica plena, marcando um início possível da constituição subjetiva.

Nos recortes a seguir, é possível observar que, neste ponto de interação, Saulo já permite a acessibilidade do Outro mantendo o contato visual, que por sua vez, já compreendeu uma possível *via de acesso* a esta interação: a repetição.

Episódio 5

Saulo – Sessão 3

T – (Começa a bater palmas de forma ritmada).

S – (Acompanha as palmas, batendo palmas também no mesmo ritmo e olhando para a terapeuta).

T – Muito bem! Vai “?” (fala algo não compreensível na gravação)/(mantém as palmas ritmadas).

S – (Vira-se novamente para a mesa e se interessa por outro recurso, porém o brinquedo volta a tocar a música, então a criança volta a bater palmas e balançar a cabeça no ritmo da música).

T – (Começa a bater palmas junto com a criança) Vai Saulo! La, la, la, la, la, la... (no tempo da música).

S – (Continua apertando as teclas do brinquedo, que muda de sons e ele então olha para a terapeuta colocando as mãos no rosto, admirado).

T – (Volta a bater palmas).

S – (Imita T).

No recorte analisado, a repetição não se manifesta apenas como automatismo, mas como um espelhamento que funda o laço com o Outro. Ao bater palmas no mesmo ritmo que a terapeuta, a criança não se limita a imitar; ela se deixa afetar pelo ritmo que vem do Outro, permitindo que algo da relação se inscreva no corpo. Essa repetição se

estende a outros movimentos corporais: Saulo balança a cabeça de forma ritmada, articulando esse gesto ao ritmo das palmas, demonstrando que o corpo inteiro participa da resposta. Longe de ser mecânica, essa sincronização indica uma tentativa de entrar na cena como sujeito, ainda que de forma rudimentar, mostrando a emergência de um laço que combina percepção, ação e afetividade.

Em Lacan, a repetição não se reduz a uma simples reprodução; trata-se de uma insistência marcada pelo gozo e atravessada pela lalíngua. O sujeito repete algo de um saber que lhe escapa, mas que persiste como resto. No contexto clínico, gestos que retornam — bater palmas, olhar, imitar — podem ser compreendidos como formas de inscrição corporal do significante. Ao espelhar o gesto da terapeuta, a criança expressa, simultaneamente, um movimento de separação e de constituição de si em relação ao Outro, indicando que a repetição não é apenas mecânica, mas carregada de sentido subjetivo e afetivo.

Nesse sentido, o ato da criança de bater palmas, balançar a cabeça e emitir vocalizações rítmicas diante da música revela uma entrada no ritmo — uma forma de enlçamento com o Outro que se dá por meio da repetição sonora e motora. A terapeuta, ao acompanhar a criança ritmicamente com palmas e vocalizações — “la, la, la” — não apenas sustenta a cena, mas participa dessa rede de afetação, na qual a linguagem se manifesta menos como comunicação convencional e mais como presença corporal compartilhada. Nesse contexto, a vocalização da terapeuta pode ser compreendida como uma extensão da lalíngua, cujo eco ressoa no corpo da criança, favorecendo a inscrição do gozo e do ritmo na experiência subjetiva.

A repetição — seja do gesto, do ritmo ou do som — não se reduz a uma estereotipia vazia, mas pode ser vista como uma forma de o sujeito tentar se conectar com o Outro, buscando lidar com um gozo que se manifesta no corpo. A repetição indica aquilo que não pode ser totalmente simbolizado, ou seja, aquilo que escapa à linguagem. O gesto final — colocar as mãos no rosto e olhar para a terapeuta com admiração — pode ser lido como um momento de afetação. O sujeito se vê tocado, tomado por algo que o ultrapassa, mas que, mediado pelo Outro e por sua presença rítmica e simbólica, encontra uma forma de expressão. Trata-se de uma cena em que lalíngua e repetição operam como vias possíveis de entrada no campo da linguagem e do laço.

No recorte a seguir, evidencia-se mais um ciclo de repetição, agora envolvendo também a dimensão das vocalizações. A terapeuta introduz uma melodia — “la, la, la”

— que a criança prontamente repete, assim como a palavra “acabou”. Forma-se, desse modo, um encadeamento rítmico entre olhar, movimento e vocalização, sustentado por uma cadência que organiza a interação e parece convidar a criança a insistir, retomando gestos e palavras, como se o próprio ritmo instaurasse um desejo de continuidade e participação na cena.

Episódio 6

Saulo – Sessão 4

T – Cadê? Acabo?

S – abo?

T – acabou?

S – acabo? (liga o brinquedo novamente)

T – Acabou?

S – Acabô? (liga o brinquedo novamente).

S/T – (Reiniciam o ciclo da mesma interação: bater palmas no mesmo ritmo da música. Um olhando para o outro).

S – (Emite um breve grito e sorri olhando para o brinquedo).

T – La, la, la... (batendo palmas).

S – La, la... (batendo palmas).

T – Como é Saulo? La, la, la, la!

S – La, la, la, la (batendo palmas, olhando para o brinquedo e para a terapeuta de forma alternada) “aa”.

T – O au-auu?

S – “Catuo?” (movimentando as mãos, com expressão de interrogação).

T – Acabou? (fazendo o mesmo movimento com as mãos).

Neste recorte, a repetição rítmica das palmas, a alternância entre os sons e o olhar trocado entre Saulo e a terapeuta configuram uma cena que vai além do simples ato imitativo, revelando processos mais profundos de subjetivação. Para Lacan (2006), a repetição não se reduz a um retorno mecânico; ela se manifesta como aquilo que resiste à simbolização, algo que escapa à linguagem convencional, tornando visível, no gesto e na interação, a inscrição de significantes que estruturam a experiência subjetiva.

O ritmo estabelecido pela repetição das palmas atua como um suporte corporal e temporal, criando uma cadência que permite a interação com o Outro. Na criança com diagnóstico de autismo, a fala pode ser compreendida como uma produção singular, que não necessariamente se submete às regras do discurso social (Miller, 2005). As variações sonoras produzidas — “la, la, la”, “aa”, “Catuo?” mostram a o efeito de captura de Saulo pelo som, a música convoca e possibilita a aproximação de Saulo com a terapeuta. Essa dimensão da linguagem, segundo Lacan (1971), não se confunde com a língua estruturada, mas diz respeito ao modo como os sons do significante afetam o

corpo antes de adquirirem sentido. Como destaca Soler (1997, p. 70), a língua “não é comunicação, mas gozo: um saber de gozo transmitido por sons que afetam o corpo, mais do que por significados”. Trata-se, portanto, de um modo de expressão que contorna o simbólico e aponta para um saber encarnado, onde a linguagem toca o corpo sem ainda organizar-se como discurso.

Além disso, a alternância do olhar da criança entre o brinquedo e a terapeuta, propõe um laço que se constrói no jogo da repetição e do ritmo. Para Lacan (2006), olhar e corpo são campos privilegiados de inscrição da relação do sujeito com o Outro, incluindo as tensões da pulsão escópica e o circuito do desejo. A resposta afetiva da criança — o grito breve, o sorriso e as tentativas de verbalização — revela um corpo que não se limita a reagir, mas busca reconhecimento, ainda que de forma esboçada, indicando os primeiros traços de um vínculo subjetivo em construção.

Portanto, a repetição e o ritmo não se configuram aqui como estereotípias, mas como modos pelos quais a criança manifesta sua presença subjetiva, revelando indícios da língua — entendida como espaço intermediário entre corpo e simbólico. Essa perspectiva permite compreender as formas singulares de expressão autística não como déficits, mas como tentativas legítimas de inscrição na linguagem.

3. O ritmo de um coração afetado

Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de aticar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a vossa (1) e neste momento é a vossa mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberto da flor, na explosão de uma mão em chamas – então, o que aí se produz é o amor (Lacan, 1992, p. 59).

Neste momento, recorremos à tríade lacaniana — linguagem, corpo e sujeito — que, neste caso, se manifesta por meio do “significante rítmico”: uma marca sonora que atravessa o corpo e contribui para a constituição do sujeito. Como observa Lacan (1996), é na cena escópica que o objeto a se articula à fantasia, sustentando o ponto em que o sujeito se relaciona com o gozo. O ritmo, assim, atua como uma borda sensível desse gozo que insiste no corpo, funcionando como uma via de inscrição subjetiva na linguagem e de aproximação ao campo do Outro.

Vejamos o próximo recorte:

EPISÓDIO 7

Saulo - Sessão 5

S – (volta a apertar os botões e bater palmas, olhando para a terapeuta).

T – Muito bem, vamos cantar (batendo palmas).

S – (aperta um botão e o brinquedo para) oh-oh...

T – Cadê?

S – (emite um grito de surpresa e faz uma expressão com as mãos de admiração) “?” (fala algo incompreensível).

T – Cadê?

T – Acabou?

S – Abô?

T – Acabou?

S – Acabô? (liga o brinquedo novamente).

S/T – (reiniciam o ciclo da mesma interação: bater palmas no mesmo ritmo da música. Um olhando para o outro).

No recorte apresentado, observamos um ciclo de repetições que se estrutura a partir do ritmo musical, da troca de olhares e da vocalização conjunta. A repetição — no gesto, na fala e na afetação — parece produzir em Saulo não apenas satisfação sensorial, mas também abertura à produção de novos enunciados, como “oh-oh”, “abô?” e expressões corporais de surpresa e admiração. Esses elementos, embora não organizados segundo a lógica da língua estruturada, parecem indícios de efeitos de fala que emergem da experiência da lalíngua — esse saber sonoro e corporal que marca o corpo antes mesmo da entrada no simbólico (Lacan, 1992).

Essa repetição, comumente tomada como ecolalia, mais do que uma repetição automática, apresenta-se aqui como via de acesso ao laço. Ela funciona como borda do gozo, permitindo ao sujeito se manter próximo ao Outro, sem ser totalmente capturado por ele. Como propõe Queiroz (2002, p. 859), “no prazer, existe o Outro pondo limite ao usufruto de todo fruir pulsional”, o que sugere que o circuito de interação com o brinquedo e com a terapeuta regula e borda o excesso de estímulo, transformando-o em jogo e trocas possíveis.

Recorremos ao relato de Laznik (2000), a respeito da experiência inaugural de um sujeito ao descobrir que sua palavra regozijava o Outro. A repetição musical, a emissão vocal e o olhar partilhado sustentam a cena de um dizer que afeta e é afetado — uma cena em que o gozo não é apenas solitário, mas compartilhado. A satisfação não é apenas sensorial: ela também decorre do efeito que esse gesto ou essa fala produzem no Outro, possibilitando ao sujeito a vivência de ser causa de prazer no Outro — o que Lacan nomeia de gozo.

Assim, longe de um automatismo vazio, a repetição se mostra como um modo

singular de inscrição subjetiva, enlaçando corpo, ritmo e afeto. Ao analista cabe escutar, nesse movimento que se repete, os traços de uma fala que se inventa a partir da diferença, e não da norma.

No seguinte recorte, os movimentos corporais da criança podem ser entendidos como traços de um circuito pulsional em curso.

EPISÓDIO 8

Jasmine – Sessão 3

T – Vamo dançar! (Aperta o botão que emite a música).

J – (Fica chorosa novamente e volta-se de costas para a terapeuta, como se quisesse que a envolvesse).

T – Para! Estátua! De novo oh, Jasmine., oh! (Chamando a criança para brincar de “estátua”).

J – (Começa a apertar os botões do brinquedo aleatoriamente).

T – (Começa a dançar) De novo J., oh! Dan... oh! Parou!

J – (Continua apertando os botões).

Virar-se para a porta, caminha até a parede, afasta-se da terapeuta, puxá-la pelo braço — articulam-se às sonorizações que acompanham a cena: sons de choro, vocalizações rítmicas e repetitivas. Esses elementos revelam uma dimensão de gozo que ecoa, repete-de e se inscreve de forma própria. No recorte apresentado, as vocalizações da terapeuta — marcadas por repetições, entonações lúdicas e cortes sonoros: “De novo J., oh! Dan... oh! Parou!” — exemplificam o uso da lángua como recurso clínico. Em vez de operar no registro da significação, sua fala se inscreve no corpo da criança como ritmo, afeto e pulsação sonora, convocando-a não pela via do entendimento, mas pela via do gozo da fala. O nome próprio da criança, escandido de forma musical e afetiva, “oh, Jasmine., oh!”, torna-se mais que um chamado: é algo que ressoa como marca da lángua.

Nesse circuito, a terapeuta não se posiciona apenas como representante do Outro simbólico, mas como fonte de um endereçamento sonoro que busca tocar a criança em sua zona de corpo, sustentando um espaço onde o laço se constrói mais pela afetação do som do que pela palavra plena. A repetição sonora, aliada à presença corporal da dança e do jogo, esboça um campo transicional em que a criança pode, a seu modo, começar a habitar a linguagem — não como dever de significar, mas como possibilidade de se deixar afetar e responder.

Retomando Lacan (1997), a constituição do sujeito ocorre por meio da linguagem, que se inscreve no corpo como traço sonoro, como ritmo, como marca.

Como aponta Miller (2005), há palavras que se introduzem no corpo e ali permanecem. No caso de Jasmine, as vocalizações e os sons repetitivos podem ser compreendidos como modos próprios de enodamento entre corpo e linguagem, expressões de uma tentativa de organização que ainda não encontra ancoragem plena no simbólico.

EPISÓDIO 9

Saulo – Sessão 6

S – (pega um recurso, que é uma câmera fotográfica de brinquedo)
 T – (mostra como manusear o recurso) ó!
 S – (manuseia o brinquedo).
 T – Como é? (pega o recurso e mostra para a criança) ó! Aperta o botão!
 S – (começa a sorrir).
 T – (sorri também) força!
 S – (tenta apertar o botão) (deixa cair o objeto).
 T – Fala (cantarolando e ajudando a criança) “vamos trabalhar coordenação motora fina”
 S – (sorri e demonstra empolgação ao ver o brinquedo funcionando)
 T – ó, Saulo! Ó!
 S – (sorri e emite gritos e faz gestos)
 T – Outruu!
 S – (continua sorrindo) eeiee!
 T – Acertoou! Vai, seguro!
 S – (aperta e sorri ao ver que conseguiu)
 T – Muito beeem!
 S – (sorrindo) ie!
 T – Êeee!
 S – (gritos e sorrisos/palmas. Mantém contato visual com a terapeuta).
 T – Que linduu!
 S/T – (mantém a interação).
 T – Devagaa...
 S – (continua manuseando).
 T – Cuidado...
 S – (comemora ter conseguido apertar o botão)
 T – Êee!
 S – Iiii! (bate palmas).
 T – Muito beemm!
 S – Humm, não
 T – Não?
 S – Hum, não! (balança a cabeça e mexe o dedo indicador, reforçando não).
 T – Não?
 S – (tenta novamente) eee!
 T – Acertoou!
 S – Uã?
 T – Nãaaau?
 S – Eeeee!
 T – Êee! Acertoou!
 S – (balbucios)
 T – Parabéennss! Pa-ra-beeenss...
 S – (continua comemorando e apertando o botão).
 T – Parabennnnss! Êeee!

S – Nãa!!! (olha para a terapeuta e faz o gesto de não com bastante ênfase)
 T – Nãuuuuu!
 S – Nãaa!
 T – Nãuu?
 S – (consegue) Siii! Ieee!
 T – Simmm! Iee!
 S – Siiimmmm! (afirmando com a cabeça)
 T – feliz!
 S – Ouuii!
 T – Fe.. não... nãuuu! (não com a cabeça).
 S – Nãaa!
 T – Nãooo...
 S – (tenta novamente).
 T - Pa-ra-bénsssss!
 S – Iahhh! (batendo palmas) (deixa o brinquedo cair no chão).
 T – Caiuuu!
 S – Iuuu (pega novamente o brinquedo) bá-beeiaa!

Neste recorte, observamos uma intensa interação marcada por vocalizações, gestos, alternância de turnos e efeitos de espelhamento sonoro entre terapeuta e criança. A troca entre Saulo e a terapeuta se constrói menos como uma conversação estruturada e mais como uma *coreografia sonora* e corporal sustentada pelo ritmo, elemento fundamental na constituição subjetiva segundo Lacan.

No *Seminário 11 (Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1997)*, Lacan sugere que a repetição pulsional se organiza não pelo conteúdo, mas pela cadência, pelo retorno de uma marca – traço unário - que estrutura o sujeito a partir do que insiste e retorna. Dessa forma, o retorno dos enunciados como “muito bem”, “êêê!”, “não?”, “sim!” e “parabéns!” funcionam como pontos rítmicos que sustentam a interação e permitem que a criança se inscreva no laço, mesmo quando suas produções verbais não são plenamente significativas.

Nesse momento da interação, retomamos a incidência da *lalíngua*, como aquilo da língua que ressoa no corpo, afeta e deixa marcas de gozo. As vocalizações de Saulo — “ieee!”, “ouiii!”, “uã?”, “bá-beeiaa!” — não obedecem à lógica gramatical, mas se inscrevem como traços de uma fala atravessada por ritmo, afeto e repetição. Trata-se de uma linguagem viva, tal como descrita por Soler (1997), na qual o sujeito não emerge apenas pelo que diz, mas pela forma como se deixa afetar e como afeta o Outro ao dizer. São esses ecos corporais da *lalíngua* que sustentam, aqui, uma forma de presença subjetiva.

A repetição rítmica de sons e gestos entre Saulo e a terapeuta delineia uma borda para o gozo — esse real que insiste no corpo e escapa à simbolização. É nesse contorno

que a *lalíngua* se faz presente, não como sentido, mas como ressonância. A sequência “não?”, “sim!”, “parabéns!”, “caiu!” “babeiaa!” e os ecos no corpo da criança exemplificam como o ritmo funciona como operador clínico: é ele quem costura os pedaços da fala, do gesto, do corpo e do gozo, abrindo caminho para a subjetivação. Aqui, a função do terapeuta não é interpretar, mas sustentar o ritmo que permite que *lalíngua* se manifeste.

4. Estilhaços da *lalíngua* no corpo: a ressonância no autismo

Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente
Amo em ti algo mais do que tu - o objeto a minúsculo.
Eu te mutilo. (Lacan, 1964, p.249)

O recorte a seguir nos confronta com o sofrimento de Jasmine diante da separação materna. O choro intenso e as vocalizações repetidas — “Aaaii, Aaaii, Aaaai!” — não apenas expressam dor, mas revelam um corpo tomado por um excesso que não se deixa simbolizar. Em Jasmine, supomos que essa dor se figura como metáfora viva — como um estilhaço da *lalíngua* que ressoa como marca do encontro com o Outro.

Episódio 10

Jasmine – Sessão 4

J – (começa a chorar no momento em que a mãe a deixa na sala).

T – Calma, mamãe já volta. Ela já volta Jasmine.

J – (chora compulsivamente) Aaaii, Aaaii, Aaaai!

T – (se agacha em frente à criança, tocando carinhosamente seus braços) Ow meu Deus que sofrimento!

J – Aaaaaiiii (andando aleatoriamente pela sala e segurando uma boneca).

T – “Ai”, ta doendo!

J – (continua chorando) Aaaaiiii!

T – Não chora...

Para Lacan (1998), a *lalíngua* não é a linguagem comunicacional estruturada, mas o resíduo sonoro e afetivo que gruda no corpo e produz gozo — esse gozo opaco, que resiste ao significante e à interpretação. No caso de Jasmine, não é uma “chuva da *lalíngua*” que encharca o corpo de significantes; são estilhaços — restos de som e afeto que cortam, irrompem, rompem a barreira entre o dentro e o fora, produzindo um corpo

afetado e exposto. A dor expressa pelo “Aaaaaaiii!” não transmite um significado convencional, mas ressoa no corpo — manifestando a língua em sua forma mais primitiva.

A tentativa da terapeuta de tocar e acalmar Jasmine evidencia um desencontro essencial: apesar da empatia e da intenção de conforto, seu afeto não alcança a criança. Ao se agachar diante dela e tocar suavemente seus braços, a terapeuta expressa: “Ow, meu Deus, que sofrimento!”; Jasmine responde com um choro prolongado — “Aaaaaaiii!” — e a terapeuta comenta: “Ai, está doendo!”. Apesar da delicadeza do gesto, a aproximação não encontra passagem, e Jasmine permanece inatingível. Nesse sentido, como observa Naoki Higashida (apud Ferreira; Vorcaro, 2019), sujeitos com diagnóstico de autismo podem perceber o toque de outra pessoa como uma invasão ou uma ameaça à integridade do eu. Assim, o gesto da terapeuta, ainda que carregado de boa intenção, pode ser experienciado pela criança como uma irrupção indesejada do Outro, ressaltando a delicadeza necessária na mediação do contato físico e afetivo.

Lacan (2005) define a angústia como “aquilo que não engana” — um sinal do real que escapa à simbolização. Neste ponto, podemos evocar também o estágio do espelho (Lacan, 1998). A constituição do corpo como imagem coesa depende do olhar do Outro. Contudo, no caso de Jasmine, a ausência de um apoio simbólico consistente pode ter interrompido essa montagem imaginária. Como lembra Machado (2010, p. 107), o corpo, quando não tomado na via da alienação simbólica, pode ser investido por práticas que tentam torná-lo tangível: “maltratá-lo, furá-lo, cortá-lo”.

Nesse sentido, os “estilhaços da língua” que atravessam o corpo de Jasmine nos convocam a pensar a clínica com sujeitos com diagnóstico de autismo não como acolhimento de suas palavras, mas como escuta dos restos, dos sons, dos gestos, dos afetos que insistem e que marcam. Porque ali onde a linguagem falha, algo ainda fala — ainda que com dor.

Relembramos, aqui, a fala da mãe de Jasmine, que reconhece o choro da filha como uma forma de comunicação, apesar de não verbalizar palavras. A mãe sente a ausência de afeto por parte da criança, através de comportamentos agressivos dirigidos a ela, sentindo-se frustrada por não ser correspondida.

Destacamos que a agressividade relatada remete à discussão lacaniana sobre narcisismo e agressividade (Lacan, 2005). Em outras palavras, a formação do sujeito depende do reconhecimento no olhar do Outro, condição para a constituição da

identidade e das relações objetais. A qualidade dessa identificação na infância influencia profundamente a subjetividade e as relações futuras.

Para Lacan (2005), a angústia revela uma falta estrutural que o bebê experimenta ao perder o objeto desejado (a mãe). O sofrimento da criança e a recusa materna às diferenças podem gerar comportamentos agressivos, como relatado pela mãe, que inclusive já machucou a filha fisicamente, evidenciando o conflito entre desejo e frustração narcísica (Lacan, 1995). Na concepção lacaniana, o narcisismo está ligado à imagem corporal, que para a criança representa a restituição do amor materno. A mãe de Jasmine tenta demonstrar amor, mas sente que a filha não recebe ou retribui esse afeto, criando uma tensão entre a idealização materna e a realidade do vínculo.

O discurso materno revela uma frustração marcada por sentimentos ambíguos — recusa e culpa — que impactam a relação mãe-bebê e a construção da subjetividade infantil. A relação mãe-bebê é um espaço complexo, onde pequenos atos de reconhecimento mútuo sustentam a constituição subjetiva. Quando esses reconhecimentos falham, traços autistas podem emergir (Kupfer, 2000). O Outro é lugar da palavra, não é apenas a presença física, mas o suporte simbólico para a constituição do sujeito (Lacan, 1995).

No caso de Jasmine, o relato materno revela que a gravidez não foi planejada e que sua descoberta gerou instabilidade familiar, sobretudo quando houve a recusa paterna. A semelhança da criança com a sogra falecida — figura marcada por conflitos — produziu estranhamento, quase como se a filha encarnasse algo de indesejado. Lacan (2003) nos lembra que o sintoma da criança pode responder ao sintoma do casal parental: o que não é simbolizado pelo Outro, retorna no corpo da criança como marca.

São traços de experiências vividas em falhas ou excessos do laço com o Outro — seja por uma presença invasiva, seja por uma ausência profunda. Quando o corte simbólico não opera, o objeto a não é perdido⁶: gruda-se ao corpo como causa de gozo, dificultando os processos de alienação e separação necessários à constituição subjetiva.

No discurso das mães das crianças analisadas, nota-se um movimento inicial de recusa à maternidade plena, com a delegação dos cuidados a terceiros. Tal dinâmica se altera com o diagnóstico de autismo, levando ambas a assumir integralmente a função

⁶Essa fixação dificulta o sujeito de completar os processos de alienação e separação necessários para sua constituição subjetiva. Em outras palavras, sem o corte simbólico, o sujeito fica preso a um vínculo direto, corporal e imediato com o Outro, sem poder construir sua identidade de forma simbólica, o que dificulta a constituição do desejo e da subjetividade autônoma.

materna. E esse exercício exige mais do que presença física: implica supor no bebê uma subjetividade em formação, investindo-o de desejo. Como aponta Kupfer (2000), é a partir do olhar, do gesto e da palavra da mãe que se traça o mapa libidinal sobre o corpo da criança. Quando essa rede simbólica falha — especialmente nos primeiros meses —, o laço com o Outro se fragiliza, e o sujeito pode não se constituir de modo pleno, abrindo-se a formas de retraimento que marcam o autismo.

O sofrimento de Jasmine parece condensar-se na angústia, que em Lacan (2005) é um afeto que não engana, pois revela um excesso no corpo diante da irrupção do objeto a — aquilo que não se deixa simbolizar. O discurso da mãe de Saulo também evidencia a sobrecarga produzida pelas expectativas externas, especialmente as projeções da sogra. Diante disso, ela adota uma postura de recuo: “Hoje em dia eu ignoro” (sobre os questionamentos em relação aos cuidados com o filho). Esse movimento revela o desgaste subjetivo e a dificuldade de elaborar o lugar que ocupa nesse circuito.

Portanto, o Outro, em Lacan, não é uma presença empírica, mas o lugar da palavra e da escuta. É nesse campo que o sujeito se constitui, pois somente ali sua fala pode ser endereçada, recebida e respondida. (Lacan, 1995).

5. *Aquilo que ressoa do/no Outro: um olhar complexo sobre a lalíngua em Saulo e Jasmine*

A análise dos recortes clínicos com Saulo e com Jasmine tornou possível reconhecer certas manifestações que, embora frequentemente compreendidas como desvios ou limitações no desenvolvimento, revelam-se como formas singulares de expressão subjetiva. O desconforto no olhar, a repetição de sons, o uso do ritmo e as manifestações ressonantes entre criança e terapeuta — que se expressam tanto corporal quanto vocal e afetivamente — apontam para formas singulares de enlaçamento com o Outro, que escapam ao código da comunicação convencional, mas que não se reduzem à ausência de linguagem. Pelo contrário, são testemunhos de uma experiência da lalíngua: uma linguagem do corpo, anterior à estruturação simbólica, que ressoa como resto no laço social.

Nessa perspectiva, o olhar — quando evitado ou brevemente sustentado — pode ser lido como ponto de tensão entre o sujeito e o desejo do Outro, tal como o descreve Lacan ao situá-lo como objeto a escópico. A repetição e o ritmo não são observados aqui como estereotípias sem direção, mas como modos pelos quais o sujeito marca

presença, insistindo em uma forma de endereçamento. A ressonância, então, emerge como efeito e testemunho desse encontro possível: não do Outro que nomeia, mas daquele que afeta. Assim, propomos pensar a *lalíngua* como aquilo que resta do laço e ressoa no corpo, no silêncio, no olhar e na cadência — um modo de existência que, embora opaco à significação, insiste como presença e fala, uma fala que não se traduz, mas afeta.

A hipótese da *lalíngua como terceiro incluído* propõe uma forma de mediação entre sujeito e o Outro que rompe com a lógica binária tradicional (presença/ausência, sujeito/não-sujeito), abrindo espaço para uma dimensão de linguagem marcada pela incompletude e pela resistência ao sentido pleno. Consiste, portanto, em um campo relacional onde a inscrição do sujeito se dá pela marcação simbólica que o Outro opera sobre seus gestos, sons e expressões. Esses traços se inscrevem como marcas pulsantes de um gozo que não foi simbolizado, reverberando no corpo como afetos brutos (ainda não simbolizados), sons fragmentários (vocalizações) e ritmos idiossincráticos⁷. São fragmentos da *lalíngua* que persistem como modos de presença no laço — modos que escapam à lógica da representação e à organização gramatical da língua. Tais marcas corporais e sonoras funcionam como ecos de uma alteridade vivida no corpo, mais do que representada no discurso.

A linguagem pensada como campo de captura nos remete a Lemos (2002), que articula os processos metafóricos e metonímicos a três posições estruturais da fala infantil: na primeira, a fala do Outro domina; na segunda, há o predomínio do funcionamento da língua, dando lugar a “erros” e produções estranhas; e na terceira, a criança começa a se relacionar com sua própria fala, com autocorreções e reformulações.

Neste contexto, a teorização de Lemos (2002) dialoga com a proposta de Bergès; Balbo (2002) ao recusar a naturalização do diálogo e evidenciar que o sujeito se constitui por meio da interpretação do Outro, especialmente no início da vida, quando ainda não há delimitação clara entre o eu e o Outro. Tal concepção dirige-se ao conceito de *transitivismo* (Bergès; Balbo, 2002) que designa um momento psíquico primitivo no

⁷ Na perspectiva psicanalítica lacaniana, pode ser compreendido como uma modalidade singular de temporalidade subjetiva, que se inscreve no corpo do sujeito como resposta à experiência com o Outro. Diferente do ritmo regulado socialmente (como turnos de fala, cadências comunicativas compartilhadas), o ritmo idiossincrático não responde à norma simbólica, mas emerge como tentativa de estabilização frente ao excesso ou falha na relação com o Outro.

qual predomina uma indiferenciação entre sujeito e alteridade, onde o sujeito ainda não se apropriou simbolicamente de sua imagem e de sua posição na linguagem.

Bergès; Balbo (1972) referem-se a uma “zona de contiguidade”, anterior à inscrição do sujeito na cadeia significante, na qual os limites entre o corpo próprio e o corpo do Outro ainda não estão simbolicamente operados. O Outro, nesse contexto, não aparece como campo de diferença, mas como extensão indiferenciada do eu. É nesse entrelaçamento que a *lalíngua* encontra sua primeira materialidade: não enquanto linguagem comunicativa, mas como resto corporal e sonoro das primeiras experiências de afeto, ritmo e presença.

Como desdobramento da hipótese da *lalíngua* como operador de uma função de terceiro incluído, nos remetemos à leitura lacaniana do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe. Segundo Costa (2014) essa leitura nos permite pensar a constituição do sujeito não como efeito de uma relação dual linear e causal, mas como resultado de uma lógica estrutural complexa, onde a emergência do sujeito se dá a partir da posição simbólica que ocupa diante da circulação de um objeto — no caso, a carta.

Lacan propõe três tempos lógicos que estruturam essa constituição: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. Esses tempos não descrevem uma cronologia empírica, mas uma articulação simbólica que mostra como o sujeito é capturado na cadeia significante, não por uma consciência deliberada, mas por uma posição que o antecede e o determina. A carta, ao escapar aos personagens e circular entre eles, desloca suas posições subjetivas e reconfigura as relações no laço social. Ela é menos um conteúdo do que um operador de estrutura: o que importa não é o que ela diz, mas o que ela faz ao passar de mão em mão, instaurando lugares e efeitos de sentido. Nessa lógica, o sujeito emerge como efeito de um objeto que o representa no campo do Outro.

Assim, a articulação entre o conto, a teoria da complexidade e a clínica com o autismo sugere uma escuta que acolhe a singularidade dos traços, dos restos e dos equívocos, compreendendo que o sujeito não emerge de uma síntese, mas de uma série de deslocamentos, cortes e perdas — como a própria carta que, ao circular e escapar, institui lugares, produz efeitos de sentido e reorganiza as posições no laço. Do mesmo modo, na clínica, trata-se de acompanhar os movimentos do sujeito não a partir de uma completude esperada, mas de sua inscrição singular no campo do Outro — onde a *lalíngua* faz operar um terceiro que, sem garantir, possibilita o laço.

A emergência de um sujeito se dá na saída da relação binária para uma estrutura ternária. É para o Outro, e não para o Outro semelhante, que o sujeito se endereça. Assim, rompe-se com a lógica *ou... ou* e se cria um espaço de circulação *comum*. Instaure-se o lugar de um terceiro excluído (do Outro), que vem reconstituir um laço perdido. Por meio dele o *eu* tem sua inscrição social reconhecida. O que vai comandá-lo, então, passa a ser esse elemento terceiro, que se faz através de uma perda, mas que nunca se separa efetivamente. (Costa, 2014, p. 510)

Portanto, podemos pensar que os fragmentos da lálíngua pertencem a um nível não redutível à linguagem estruturada, pois se situam em uma camada onde o sensível, o afetivo e o corporal coexistem em tensão com o simbólico. Trata-se de um plano onde a experiência não é ainda ordenada pelo significante, mas se manifesta como intensidade, ressonância, ritmo e som — como materialidade pulsante da linguagem antes da linguagem.

Como visto anteriormente, para Morim (2005), a realidade é constituída por níveis encadeados, cada um com sua própria lógica e forma de organização. A complexidade surge justamente das interações e entrelaçamentos entre esses níveis. A lálíngua, nesse contexto, pode ser compreendida como uma manifestação que atravessa os níveis biológico, afetivo e simbólico, sem se fixar plenamente em nenhum deles. Trata-se de uma linguagem em estado germinal — manifesta no corpo — antes de se decantar em forma, sentido ou representação.

Nos casos de Saulo e Jasmine, os indícios da lálíngua se evidenciaram no olhar e nas vocalizações, formas de expressão que escapam ao campo da significação, mas que deixam marcas no corpo e no laço com o Outro. Observamos que as vias de acesso à lálíngua se delinearam sobretudo pela repetição e pelo ritmo, elementos que, nas interações com as terapeutas, funcionaram como operadores de inscrição subjetiva.

Em Saulo, os indícios da lálíngua se manifestam sobretudo na repetição sonora e na insistência de gestos e palavras, que funcionam como bordas entre corpo e linguagem, permitindo que a lálíngua se inscreva no ritmo e na cadência de suas produções. Mesmo evitando o olhar da terapeuta, a criança revela, em vocalizações, acompanhadas de pequenas variações e de sorriso, uma via para apreender os efeitos da lálíngua. Esses balbucios não se constituem como palavras, mas como ressonâncias sonoras atravessadas de gozo, mais ligadas ao corpo do que à significação.

No caso de Jasmine, não há muitas vocalizações, mas um choro insistente que pode representar uma vocalização atravessada de gozo, na qual a lálíngua se inscreve como marca pulsional no corpo. Tal manifestação pode ser lida como irrupção da

angústia diante do encontro com o Outro, quando algo da lálíngua retorna em sua dimensão traumática. O que nos lembra o pensamento de Maleval (2018), quando afirma que a retenção da voz no autismo não deve ser entendida como déficit, mas como uma escolha subjetiva de proteção frente à angústia. Os poucos momentos em que a voz enunciativa surge, revelam simultaneamente uma resistência à alienação ao discurso do Outro e uma estratégia de defesa diante do excesso de gozo provocado pelo encontro. Além disso, o olhar em apelo de Jasmine, direcionado à terapeuta, pode indicar uma angústia que configura uma tentativa de laço para além do sentido, convocando o Outro em uma dimensão enigmática⁸, que transcende o pedido. Nas palavras de Maleval (2018, p. 13): “A angústia é um afeto que não é cifrado pelo significante: ela surge do corte, daquilo que faz buraco no Outro.”

Dessa forma, a lálíngua inaugura um espaço de mediação que desafia as estruturas fechadas da linguagem e abre caminho para a singularidade e a complexidade do sujeito, especialmente nas manifestações clínicas do autismo, onde o corpo, a voz e o olhar assumem funções significantes não redutíveis à lógica da fala estruturada.

⁸Conforme Izcovich (2024), a angústia é vivida, mas sua causa permanece enigmática para o sujeito; perguntar-lhe o motivo muitas vezes intensifica ainda mais essa experiência, justamente pela impossibilidade de dizer o que se sente. distingue-se dos afetos por sua certeza: ela não engana, enquanto os afetos podem iludir tanto quem os sente quanto quem os recebe. Ela revela a presença de um real implicado na experiência, emergindo como fenômeno que escapa à simbolização. Os significantes que poderiam nomeá-la estão recalcados, e o afeto “desliza à deriva” (p. 15), desvinculado da linguagem. (Izcovich, 2024).

4. COMO EM UM EFEITO BORBOLETA – AQUILO QUE RESSOOU EM NÓS

Ao iniciar¹ este capítulo de conclusão, minha mente me trouxe a lembrança de mais uma experiência clínica vivenciada que se revelou a mim como uma *amarração* associada às leituras deste estudo e às experiências e questionamentos que sempre permearam meus pensamentos sobre as intervenções com o sujeito dito autista. Compartilho, então, com o leitor, esta vivência:

Encontrava-me em setting terapêutico, em uma sala que possuía um grande espelho. Como em todas as minhas práticas, procuro descansar meu olhar na criança, enquanto ela explora o ambiente; e aguardo o momento em que terei a permissão da – o acesso à criança, para iniciar a interação e a intervenção. Em certo instante, após um período de observação, dirigi-me à criança e disse: “eu estou aqui, quando você quiser brincar comigo, é só me chamar”. E então, aquela criança que, ainda, não havia me dirigido algum olhar, ergueu a cabeça e olhou-me pelo espelho. E eu lhe disse: “eu sei, eu sei que você sabe que estou aqui”.

Ao longo da análise dos resultados, nesta pesquisa, foi possível compreender que a fala não se limita à produção de significantes associados a significados pré-estabelecidos. A fala se reflete em várias ações, e precisamos estar sempre atentos a uma possível via de acesso, à interação com o sujeito, sobretudo em quadros autísticos. Hoje entendo que meu dizer para a criança, “eu estou aqui, no momento em que você quiser brincar comigo, é só me chamar” ressoou nela, e manifestou-se através de seu olhar, direcionado a mim, através do espelho.

Em minha mente, de forma não voluntária, cada evento que perpassa por minha vida, sempre me remete a cores ou imagens. Uma dessas imagens sempre me trouxe a visualização de uma pedra lançada ao lago. Uma pedra lançada ao lago gera várias ondas bidimensionais que se propagam pela superfície da água, criando uma perturbação em forma de círculo que se expande e os padrões geométricos que surgem são resultado da interação entre as ondas.

¹ Peço licença literária ao leitor.

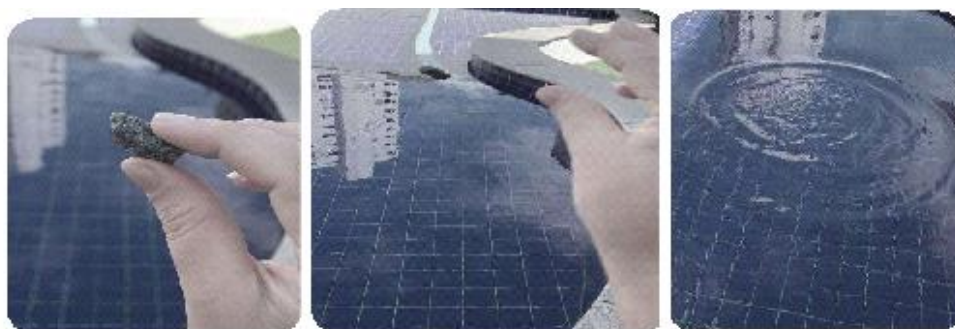


Figura 6 Efeito Borboleta

Anos atrás, conheci o chamado *Efeito Borboleta* e foi, então, que entendi que essa imagem representa, para mim, tal efeito. Numa fração de segundos, a vida muda. Esse é o *Efeito Borboleta*. Essa expressão utilizada na Teoria do Caos (Li; Yorke, 1975) indica a dependência sensível das condições iniciais no comportamento final de um sistema, o que foi exemplificado pelas batidas de asas de borboletas que podem gerar efeitos avassaladores não previstos, como um furacão do outro lado do mundo.

Sensíveis mudanças iniciais podem alterar todo um sistema. Portanto, cada pequena variação pode ter um efeito não linear em um sistema complexo que pode levar a enormes mudanças no futuro. Entendo, então, que tudo que por mim perpassou, agora ressoa em mim – e no Outro – como em um *Efeito Borboleta*.

A experiência de ressonância observada em minha prática despertou o interesse de considerar a teoria da complexidade como uma lente complementar à teoria psicanalítica, especialmente em torno da questão do afeto e da afetação. Apesar de abordagens distintas, ambas as perspectivas compartilham a ênfase na dimensão afetiva como elemento central na constituição da experiência subjetiva. Na teoria da complexidade, Morim (2002) destaca que a interconexão e a interdependência dos elementos de um sistema permitem compreender como emoções e sentimentos atravessam e influenciam os processos de aprendizagem, o desenvolvimento moral e as relações sociais, contribuindo para a construção de significado e sentido nas experiências humanas.

Na psicanálise, o afeto designa a energia psíquica mobilizada pelas experiências emocionais, manifestando-se tanto em descargas físicas quanto psíquicas. Ele expressa qualitativamente a intensidade e as variações da energia pulsional. Originário da terminologia alemã, o conceito descreve estados afetivos, frequentemente penosos ou desagradáveis, que podem se apresentar de forma vaga ou qualificada e, por vezes, como descargas intensas (Laplanche, 1988).

Embora Morim não trate especificamente da função do Outro na marcação do lugar

da falta — condição constitutiva do sujeito na psicanálise —, ele aponta que “o sujeito não está sozinho porque o Outro e o Nós moram nele” (Morim, 2002, p. 81). Esse enunciado nos aproxima do pensamento de Lacan, para quem Outro constitui o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história e orientam sua relação com a linguagem, o desejo e a falta (Quinet, 2012). Dessa forma, embora apresentem concepções teóricas dispersas, o diálogo entre a perspectiva complexa e a psicanálise oferece um olhar mais amplo sobre os processos de constituição subjetiva.

Nessa perspectiva, assim como em um *Efeito Borboleta*, a partir das experiências que marcaram minha história, sobretudo em meu exercício profissional, é que passei a questionar a quantidade de diagnósticos de autismo que passaram a ocorrer na última década. Por este motivo fui em busca, nesta pesquisa, de estabelecer novos olhares, novas hipóteses para aquilo que há de padronização nos quadros sintomáticos de crianças com diagnóstico de autismo.

Neste cenário, a análise dos casos desta pesquisa, evidencia que não seria possível compreender plenamente as manifestações da língua, sem considerar os registros de Saulo e Jasmine em articulação com suas histórias pregressas, por entendermos que ao observarmos suas interações, articuladas aos relatos maternos, torna-se possível apreender como a língua se manifesta de modo singular no corpo, na linguagem e nos silêncios das crianças, revelando nuances da subjetividade que escapam à linguagem convencional.

As considerações finais deste estudo, portanto, emergem das inferências extraídas dessas análises, apontando para a importância do vínculo com o Outro na constituição subjetiva. Nesse sentido, relembremos Freud (1996) ao ressaltar que as primeiras relações objetais e o narcisismo parental configuram o espaço inicial de inscrição do sujeito na cultura e na linguagem, evidenciando que a criança se insere na ordem simbólica a partir do lugar que lhe é destinado pelo desejo dos pais. A atenção às marcas da língua, nesse contexto, permite não apenas compreender essas formas de subjetivação, mas também reconhecer a singularidade de cada trajetória, oferecendo pistas para intervenções que respeitem o desenvolvimento único de cada criança, sem reduzir sua experiência a categorias clínicas predefinidas.

Prosseguindo com as considerações, trazemos o contexto pregresso de Saulo, que segundo a genitora, foi uma criança não planejada, porém recebida de forma desejosa pela família. No entanto, seus primeiros meses de vida foram *confusos*, e a criança passou por várias cuidadoras. Seu pai era pouco presente, o que fez com que a maternidade se tornasse um grande fardo para a mãe, devido à sobrecarga e desgaste com os cuidados com a

criança. Em um dos trechos da entrevista, a mãe relata o ápice de sua exaustão ao ouvir o choro da criança: “eu gritei, balancei o carrinho: “cala a booooca!”

Já o histórico de nascimento de Jasmine revelou algumas intercorrências que, para nós, justifica o quadro característico de sintomas o qual se apresentou durante as gravações das sessões da criança com a terapeuta. Segundo o relato da mãe de Jasmine, sua filha foi fruto de uma gravidez não planejada e não desejada; inclusive, a mãe relata que, antes de Jasmine nascer, já considerava a possibilidade de divorciar-se e que, ao saber da gravidez, o pai sugeriu que fosse realizado o aborto. Além disso, a relação conflituosa com a sogra, que faleceu antes de Jasmine nascer, levou sua mãe a um processo de transferência da sogra para filha, como podemos observar neste trecho da entrevista: “eu guardava uma criança branquinha assim, mas ela nasceu com o rosto já muito igual da avó. Então me assustei.”

Após a realização das entrevistas, demos início à observação e análise das sessões. Inicialmente, um elemento se revelou, tanto em Saulo quanto em Jasmine: o *desconforto no olhar*. No caso de Saulo, a recusa da criança em sustentar o olhar da terapeuta não foi ser interpretada como simples evitação sensorial, mas como defesa frente à captura pelo desejo do Outro. Esse desvio, como afirma Quinet (2017), preserva o sujeito de uma alienação imaginária intolerável, ao mesmo tempo em que mantém sua relação em um circuito fechado com o objeto e com o gozo que dele extrai. As vocalizações e gestos, por sua vez, mostram-se como vias alternativas de presença subjetiva, sustentadas mais pela língua e pelo corpo do que pela inscrição simbólica. Assim, a recusa ao olhar, longe de significar ausência de laço, revela uma forma singular de defesa frente ao excesso de gozo, apontando para os limites e possibilidades do processo de subjetivação.

No caso de Jasmine, foi possível identificar o olhar como mediador da relação do sujeito com o desejo do Outro. Neste ponto, retomamos Maleval (2018) quando afirma que, ao desviar o olhar ou resistir às tentativas de aproximação, a criança demonstra uma recusa ao circuito da pulsão escópica. O olhar, nesse contexto, não se apresenta como simples retorno da pulsão, mas como um índice de angústia: mais do que ver, trata-se de ser visto, assumindo, assim, a dimensão de apelo. Portanto, o olhar convoca o sujeito a se inscrever em um lugar simbólico, colocando-o em relação com a falta e com o desejo que emana do Outro. Esse apelo implica uma abertura: ao sustentar o olhar do Outro, o sujeito é interpelado a responder — não necessariamente em palavras, mas por meio de sua própria posição subjetiva.

Lacan (1998), cita Sartre ao dizer que “o olhar se vê” (p.84); é um olhar que surpreende e me reduz a algum *desconforto*, por ser o sentimento que mais transborda, por

estar mais acentuado. “Um olhar imaginado por mim no campo do Outro. (Sartre, *apud* Lacan, 1998, p. 84). Conforme Miller (2005), a função do olhar, em Lacan, explicita o fato de que, por essa via, somos capazes de responder às solicitações da luz. É através desta iluminação que temos a oportunidade de nos vermos no mundo, por meio do nosso corpo, e pela nossa localização no espaço. Para Lacan: “esse olhar, que estremece com as solicitações da luz, está encaixado no corpo [...] Respondo com o olhar, mas, na verdade, respondo com o corpo todo” (p. 284).

Assim como, as vocalizações que ressoaram nos corpos de Saulo e Jasmine, permitiram concluir que a *lalíngua* comparece como um traço decisivo no processo de constituição subjetiva. O ritmo, a repetição sonora e a musicalidade, longe de se reduzirem a estereotípias, evidenciam o efeito do significante no corpo antes que a linguagem se organize como discurso social. Como lembra Miller (2005), a fala da criança autista pode assumir um estatuto singular, não subordinado às regras do código, mas orientado pela força própria do som. Nesse sentido, as variações vocais — “la, la, la”, “aa”, “Catuo?” — indicam uma captura pelo campo sonoro, cuja cadência convoca o Outro e possibilita a instauração de um laço. Essa dimensão se aproxima da formulação de Lacan (1998), para quem a *lalíngua* diz respeito à incidência do significante no corpo antes da produção de sentido, sendo, portanto, mais gozo do que comunicação. Soler (1997) reforça que a *lalíngua* se transmite por sons que afetam o corpo, sustentando uma experiência de saber encarnado.

Nessa perspectiva, a alternância entre vocalizações, gestos, olhares e movimentos rítmicos pode ser lida como manifestação de uma presença subjetiva em construção, em que o corpo responde não apenas com reações, mas também com endereçamento ao Outro, ainda que em forma embrionária. Assim, ao reconhecermos tais vocalizações e ressonâncias corporais como indícios da *lalíngua*, compreendemos que a linguagem, antes de significar, ressoa no corpo e convoca o sujeito a se inscrever no campo do desejo do Outro. Essa leitura abre a possibilidade de deslocar a clínica do autismo de uma ótica deficitária para uma perspectiva de acolhimento da singularidade, onde a expressão sonora e corporal se apresenta como via de acesso possível de inscrição na linguagem e no laço social.

A partir do que foi exposto, podemos responder à problemática central desta pesquisa: “seria possível reconhecer, em crianças com diagnóstico de autismo, manifestações de *lalíngua* que, embora escapem à lógica comunicativa convencional, evidenciam a relação do sujeito com o inconsciente e com o corpo?” Respondemos que, sim, encontramos indícios da presença da *lalíngua* em Saulo e Jasmine. Com base na literatura deste estudo, foi possível

observar que essa presença se deixou entrever não apenas nas manifestações verbais, mas também no olhar, nas vocalizações e na ressonância corporal, que evidenciam a marca singular da linguagem de cada sujeito, em sua dimensão pulsional. Em ambos os casos, a língua se apresentou como resto que insiste, como traço que retorna, escapando ao domínio do sentido e atualizando-se na experiência com o corpo.

Por outro lado, não se trata apenas de constatar a existência da língua, mas também de compreender seus modos de manifestação. Supõe-se que ela se fez presente sobretudo por meio da repetição e do ritmo instaurados durante as interações com as terapeutas, atuando como formas de ancoragem subjetiva e tentativas de circunscrever o gozo. A cadência repetitiva das vocalizações, os gestos reiterados e os intervalos entre presença e ausência da voz e do olhar revelaram-se operadores fundamentais na relação da criança com o Outro, possibilitando que aspectos da língua emergissem e se fizessem reconhecer.

Assim, ao mesmo tempo em que revelam uma forma de resistência à captura total pelo Outro, essas manifestações também apontam para as possibilidades de laço que se inauguram quando o corpo é afetado pelo ritmo e pela ressonância da língua. Mais do que simples produções sensoriais ou motoras, trata-se de indícios de uma subjetividade em processo que encontra na repetição e no ritmo uma forma singular de inscrição no campo da linguagem.

Conforme vimos em Laznik (2011), gestos, expressões faciais e o olhar constituem formas privilegiadas de comunicar intenções. Quando articulados à comunicação não verbal, como as vocalizações acompanhadas de entonações específicas, esses elementos se apresentam como veículos carregados de sentido. Os sons emitidos por aqueles que encarnam o Outro primordial — seja pela voz materna, seja pela fala dos cuidadores e terapeutas — reverberam no corpo da criança e ali deixam traços que escapam ao campo do sentido. É nesse ponto que a língua se manifesta: como um efeito de ressonância e inscrição corporal que, sustentado pela cadência repetitiva e pelo ritmo, inauguram um modo singular de subjetivação.

Nesse contexto, como lembra Lacan: *“As pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer. Esse dizer, para que ressoe, (...), é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é.”* (Lacan, 2007, p. 18-19). Portanto, entendemos que cadência, marcada pela alternância entre presença e ausência, continuidade e descontinuidade, imprime no corpo algo que vai além do simples encadeamento sonoro: trata-se de uma inscrição significativa que se faz sentir na dimensão rítmica. A melodia, por sua vez, introduz nuances

na escuta e na fala, compondo extensões sonoras que articulam gesto, voz e corpo em uma sincronia particular de cada sujeito.

Miller (1999) amplia essa perspectiva ao sublinhar que, para além da via proeminente da fala, devemos considerar outras dimensões do sensível, tais como a imagem, a presença e o toque. Nesse campo, elementos constitutivos como tonalidade, tempo, ritmo e intensidade não se reduzem ao domínio do significado, mas tocam o sujeito pela via do significante — ou mesmo para além dele —, como efeitos que se inscrevem diretamente no corpo. Assim, não são apenas as ondas sonoras, mas também as sensações transmitidas pelo Outro primordial que afetam e marcam o sujeito.

Como destacam Laznik (2011); Jerusalinsky (1999), o corpo da criança é atravessado por esses ecos da fala do Outro, que deixam marcas duradouras e podem se tornar vias de acesso ao sujeito. Assim, ao analisarmos Saulo e Jasmine, foi justamente por meio das marcas da língua — evidenciadas tanto em seus corpos quanto nos discursos de suas mães — que pudemos formular a hipótese que, talvez, haja modos de subjetivação, para além da linguagem estruturada. Quando essas relações não se estruturam de maneira suficientemente sustentadora, podem surgir padrões de repetição que se manifestam como compulsões — isto é, ações ou comportamentos repetitivos que o sujeito executa de forma automática, muitas vezes alheia à sua vontade, limitando sua experiência subjetiva e afetando suas relações.

Por fim, gostaríamos de dizer que este estudo nos trouxe respostas, mas também outras indagações. São questões acerca do autismo na contemporaneidade e sobre como a sociedade tem lidado com a primeira infância. Acreditamos que todos nós somos responsáveis pela constituição dos processos psíquicos das crianças e devemos estar atentos às nossas ações.

Neste estudo, entendemos a importância determinante dos primeiros anos de vida da criança a partir da presença do Outro. Ainda que reconheçamos o papel estruturante da função materna — por possibilitar que o bebê, com recursos ainda imaturos, possa se desenvolver — seria reducionista atribuir exclusivamente à mãe a responsabilidade por esse processo.

Nossa leitura teórica, apoiada no referencial psicanalítico lacaniano, evidencia que o advento do sujeito depende do desejo do Outro primordial, lugar que pode ser ocupado tanto pelos pais quanto pelo entorno social. A constituição subjetiva da criança tem início antes mesmo do nascimento, ou até da concepção, uma vez que ela já é marcada pela fala dos Outros, convocada como promessa e antecipada no imaginário parental. Ao nascer,

inscreve-se na trama familiar e no universo cultural e social que a antecedem. Como afirma Segal (2002, p. 16), “*a história singular de um sujeito se urde com a história dos Outros que o constituem, mediadores e suportes de uma história coletiva — social e cultural — que deixa as suas marcas.*” Tais marcas primeiras, impressas nos primórdios da vida, se prolongam na forma como o sujeito se posicionará no mundo adulto.

Portanto, para se estruturar como sujeito, a criança necessita da presença de um Outro que ocupe esse lugar de alteridade. É pela via dessa presença que ela se aliena na linguagem. Roza (2009, p. 210) nos lembra: “Ora, o que nos dizem Freud e Lacan é que esse sujeito, até então absoluto, é atropelado por um Outro sujeito que ele desconhece e que lhe impõe uma fala que é vivida pelo sujeito consciente como estranha, lacunar e sem sentido.” Nesse sentido, a linguagem, enquanto dimensão do simbólico, apresenta-se como uma exterioridade em relação ao sujeito, um conjunto estrutural que o antecede e que não depende do indivíduo que fala, mas no qual ele é inevitavelmente convocado a se inscrever (Lacan, 1998).

Assim, os pais (ou qualquer Outro adulto) que conversem com a criança pequena estarão representando os significantes que se encontram no lugar simbólico, que é o Outro. Salientando que a ausência da mediação do Outro deixa o corpo da criança à deriva, sem a passagem do real ao imaginário – com a construção da imagem corporal – e ao simbólico – com as marcas significantes, “como se nunca tivesse existido ou nunca tivesse sido inscrita” (Ferreira; Vorcaro, 2019, p. 73).

No que se refere à busca inicial desta pesquisa, obtivemos respostas a respeito da presença de indícios da língua nos sujeitos investigados, o que validou outros estudos realizados anteriormente. No entanto, nossa originalidade, pode ser reconhecida no momento em que iluminamos um pouco mais estes achados com a perspectiva da teoria da complexidade, a partir da lógica do terceiro incluído, o que nos levou a perceber o sujeito com diagnóstico de autismo pela perspectiva de *um novo nível de realidade*.

Lançar um “olhar complexo” (pela teoria da complexidade) sobre o sujeito com diagnóstico de autismo muda toda perspectiva sobre como estamos lidando com esta condição. A teoria da complexidade nos faz enxergar que a sociedade muda a partir das novas tecnologias que influenciam, diretamente, o comportamento individual e social. Dessa forma, repensar os diagnósticos nos leva a refletir sobre o contexto no qual as crianças estão crescendo atualmente.

A partir da articulação entre as teorias de Lemos (1998); Bergès; Balbo (2002), compreendemos a importância do reconhecimento de um terceiro elemento na constituição

do sujeito. O transitivismo materno, caracterizado pelas hipóteses que a mãe formula acerca das necessidades e gestos do bebê, possibilita que a criança acesse o simbólico, experimentando o mundo de forma mediada pelo Outro. Esse processo não se limita a movimentos corporais ou sons isolados, mas se realiza na interseção entre gesto, fala e afeto, constituindo o que Bergès; Balbo (2002) denominam de “mãe transitiva”.

A *lalíngua*, por sua vez, que, para nós, pode ser entendida como manifestação concreta desse terceiro incluído, opera entre linguagem e corpo, simbólico e real. Ela não se reduz à língua estruturada nem a um som desprovido de significado; é um tecido heterogêneo de traços sonoros, restos pulsionais e efeitos de gozo que ressoam no corpo antes da significação. Dessa forma, a *lalíngua*, enquanto ponto de ressonância entre corpo, linguagem e desejo, constitui o espaço no qual se inscreve a subjetividade, oferecendo novas possibilidades de inscrição no mundo e de constituição do eu.

Para Morim (2012, p. 77-78), “O sujeito é, por natureza, aberto e fechado”. Isto é, o indivíduo carrega, simultaneamente, semelhança e estranheza: é próximo e, ao mesmo tempo, estrangeiro. Tal compreensão se distancia de concepções anteriores que reduziam o indivíduo à condição de dependência e subordinação, perspectiva ainda visível, por exemplo, nas práticas voltadas a crianças diagnosticadas com autismo que, inspiradas em modelos estritamente comportamentais, visam enquadrar o indivíduo em padrões normativos de “funcionalidade” e “comportamento adequado”.

No contraponto, o diálogo entre a psicanálise e o pensamento da complexidade permite vislumbrar um ponto de intersecção entre essas propostas teóricas, pois ambas reconhecem que o indivíduo/sujeito não se constitui a partir de uma lógica de completude, mas de uma abertura que o mantém inacabado. Essa convergência se torna visível, neste estudo, quando articulamos o conceito psicanalítico lacaniano “A Terceira”, com o princípio morimiano da “ternariedade”, que rompe a dicotomia simplista entre indivíduo e sociedade, ou entre sujeito e Outro, ao introduzir um terceiro elemento mediador. Como afirma Morim (2000), “as qualidades do sujeito transcendem as mudanças do ser individual”, o que significa que a vida subjetiva se constrói simultaneamente para si e para o Outro, em uma dinâmica dialógica e aberta ao inesperado.

Assim, ao tomarmos a psicanálise em interlocução com a teoria da complexidade, encontramos um sólido fundamento teórico para pensar os processos psíquicos. No caso específico do autismo, essa articulação nos permite deslocar a leitura do sujeito para além dos quadros lógicos habituais, abrindo espaço para considerar a presença de um terceiro incluído — dimensão que se manifesta, por exemplo, nas inscrições da *lalíngua* e nas

marcas de gozo no corpo. Esse terceiro não é mero intermediário, mas aquilo que rompe a dualidade, introduzindo uma abertura na qual o sujeito pode advir.

Neste contexto, remetemo-nos à citação de Lacan quando diz: "nossa concepção do conceito implica ser este sempre estabelecido numa aproximação que não deixa de ter relação com o que nos impõe, como forma, o cálculo infinitesimal" (1998, p. 25). Então, quando dizemos *desconforto no olhar*, ao invés de “falta de contato visual”; *ciclo de repetições e ritmo*, ao invés de “ecolalia” e fragmentos (*estilhaços*) da lalíngua ao invés de “fala não funcional”, estamos ampliando uma concepção de sujeito que vem sendo reduzido há bastante tempo.

Quando nos permitirmos estabelecer um Outro nível lógico, onde processos inconscientes são permitidos, podemos, como afirma Freud (1976), livrar o sujeito do sintoma em questão. E, no caso deste estudo, encontramos nestas possibilidades, formas de acessar os sujeitos investigados, com alternativas que podem estar sendo descartadas habitualmente. De outro modo, com a possibilidade da existência de uma pluralidade de lógicas na ciência, algo é nítido: encontraremos múltiplas possibilidades de afetação – indícios da lalíngua.

Concluimos, a partir dos resultados obtidos, que os indícios da lalíngua nas interações com crianças com diagnóstico de autismo, demonstram que a atenção cuidadosa a essas manifestações é fundamental para compreender o papel da presença do Outro no período inicial de constituição subjetiva. Observou-se que reconhecer e acolher essas marcas não apenas ilumina o aspecto singular do *infans*, mas também abre possibilidades para intervenções que respeitem o desenvolvimento particular de cada criança. Tais intervenções podem apoiar a organização dos modos de interação, promovendo um acompanhamento que considere o sujeito em sua singularidade, sem reduzi-lo a uma experiência de categorias clínicas rígidas ou pré-determinadas. Além disso, a observação desses efeitos sugere que a lalíngua funciona como um indicativo de como o corpo, a linguagem e o afeto se entrelaçam, oferecendo pistas importantes para práticas terapêuticas sensíveis à subjetividade de cada criança.

Concluimos, com os resultados obtidos, que os indícios da lalíngua evidenciam que, a atenção a essas marcas permite compreender a importância da presença do Outro no período inicial de constituição subjetiva, particularmente em sujeitos com diagnóstico de autismo. Observou-se que reconhecer e acolher essas manifestações possibilita intervenções que respeitem o desenvolvimento singular da criança, oferecendo caminhos para apoiar a organização dos modos de relação e comunicação sem reduzir a experiência do sujeito a um

quadro clínico pré-determinado.

A alienação primeira no Outro da linguagem produz uma separação traumática, uma cessão do objeto do gozo primordial, permitindo localizá-lo fora do corpo. Para que a enunciação se ancore na língua, é preciso que o sujeito tenha aceitado abrir mão do gozo vocal; é a condição de incorporação da voz do Outro, pela qual a identificação primordial opera. (Maleval, 2017, p.106).

Finalizamos com a contribuição de Catão; Vivès (2011), quando destacam que a voz própria se constitui enquanto objeto pulsional no encontro com o Outro, e sua formação depende da escuta, do ensurdecimento e da alienação parcial ao campo do Outro. Porém, a clínica evidencia que, embora o autista indique com clareza o que deseja, o faz de forma imperativa, revelando uma recusa em se engajar na dimensão enunciativa da voz. Em outros termos, o autista fala, mas apagando a dimensão subjetiva de sua fala, reproduzindo enunciados desconectados do seu próprio desejo. (Catão; Vivès, 2011).

Portanto, a relevância de trazer a psicanálise lacaniana, complementada pelo olhar complexo de Morim, intervém como instrumento que permite saídas possíveis para que o sujeito com diagnóstico de autismo *se posicione*, refletiu neste estudo. Tivemos a intenção de “desaprisionar” um sujeito que tem voz, só precisamos escutá-la.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. Onde está a verdadeira verdade de seu discurso? *Revista Línguas*, 2016. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao38/artigo8.pdf>. Acesso em: 28 jun 2025.

BARTH, L. F. B.; SILVEIRA, V. F. O transitivismo como dispositivo clínico-conceitual. *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 7, n. 2, p. 251-263, jul. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000200006>. Acesso em: 28 jun. 2025.

BAUM, L. Frank. *O Mágico de Oz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1939.

BERGÈS, J.; BALBO, G. *Jogo de posições da mãe e da criança: Ensaio sobre o transitivismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CAMPOS, J. P. A. F. Das incursões de Lacan pela lógica. *Revista Lacuna*, n. 17, p. 6–7, fev. 2025. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2025/02/18/n-17-06/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

CARVALHO, G. M. M. de; IANINO, A. M.; SILVA, A. K. Notas sobre a língua no autismo. *Revista do GELNE*, v. 25, n. 3, p. e32231, 2023. DOI: . Disponível em: . Acesso em: 28 ago. 2025.

CASELLI, Francisco Rafael Barbosa. *Inconsciente e linguagem: uma leitura de Freud a Lacan*. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

CATÃO, I. *O Bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica no autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

CATAO, I.; VIVÈS, J.-M.. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 36, p. 83-92, dez. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 ago. 2025.

CATÃO, I. Série - Nem tudo é Autismo - 6º live - Por que nem tudo é autismo ? - Com Inês Catão. Transmitido ao vivo em 25 de out. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIYPXFztrx4&list=PL-ipEkCVP6aQuT4j9TiGnyShBR0yLEaWo&index=5> Acesso em: 28 ago. 2025.

CISCATO, M. Podcast Radar do Analista Cidadão: Pajubá e a língua (A memória dos esquecidos). Transmitido em 22 jun. 2021. Disponível em: Acesso em 28 ago. 2025.

COSTA, A. O. Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan. *Psicologia USP*, v. 19, n. 3, p. 499-511, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i3p499-511>.

CUNHA, M. C. *Fonoaudiologia e Psicanálise: a fronteira como território*. São Paulo: Plexus, 1997.

D'AGORD, M. A negação lógica e a lógica do sujeito. *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 2, p. 241–258, jul./dez. 2006. Disponível em:

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2003.

JAKOBSON, R. Os aspectos linguísticos da tradução. 20. ed. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

JERUSALINSKY, J. Do neonato ao bebê: a estimulação precoce vai à UTI Neonatal. *Revista Estilos da Clínica*, São Paulo, USP-IP, v. 1, n. 1, p. 49-63, 1999.

WISNIK, J. M. O som e o sentido. Uma outra história das músicas. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, 285 pp.

KUPFER, M. C. M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 85–105, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100006>. Acesso em: 28 ago. 2025.

LACAN, J. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Obra original publicada em 1969-1970).

LACAN, J. O saber do psicanalista: seminário. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 1997.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller e Judith Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Obra original publicada em 1957-1958).

LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAZNIK, M. C. Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997.

LAZNIK, M. C. A voz como primeiro objeto da pulsão oral (dossiê). *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 80-93, 2000.

LAZNIK, M. C. Rumo à fala. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

LEITE, N.; SOUZA JR., P. Corpo e língua materna. In: Daniela Teperman, Thais Garrafa, Vera Iaconelli (Organização). *Corpo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

LAPLANCHE, J. A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência. In Laplanche, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (p. 72-83, D. Vasconcellos, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1988.

LEMAIRE, A. Jacques Lacan, Uma introdução. 4. ed., Campus, 1989.

LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio. *Substratum*, n. 1, p. 121-135, 1992.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, Roxane. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 8-18.

LEMOS, M.T. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEMOS, C. T. G. *Da angústia na infância*. Campinas, SP: Escola de Psicanálise de Campinas, 2007. p. 117-125.

LEMOS, C. T. G. *Lalíngua: acontecimento e transmissão*. In: ASSOCIATION DE PSYCHANALYSE ENCORE. *Savoir-faire avec lalangue*. Paris-Campinas, Mercado de letras, 2015.

LI, T. Y.; YORKE, J. A. Period Three Implies Chaos. *The American Mathematical Monthly*, 82(10), 1995, p. 985-992.

LIER-DE VITTO, M.F.; CARVALHO, G.M. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 115-146.

MACHADO, B. F. G. Visão e corporeidade em Merleau-Ponty. *Argumentos – Revista de Filosofia*, Ano 2, n. 3, p. 82-88, 2010.

MACHADO, D. B. Sete elementos do processo de seleção de casos: contribuições para um maior rigor e transparência na pesquisa qualitativa. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 36, 2021, p. 1-32. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbcpol/a/g6rXxyVTPLnfSV3v7fXyNvR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30/11/2025.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MALEVAL, J. *O autista e a sua voz*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MALEVAL, J. *O autista e sua voz*. São Paulo: Blucher, 2017.

MALEVAL, J. Da estrutura autista. In: aSEPHallus, n. 26, 2018, Instituto SEPHORA de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana (ISEPOL). Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_26/pdf/2_conferencia_jean_claude_maleval_portugues.pdf. Acesso em: 29/11/2025.

MALISKA, M. E. De uma voz sem palavras. In: LEITE, N. V. A.; MILÁN-RAMOS, J. G.; MORAES, M. R. S. (Orgs.). *De um discurso sem palavras*. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

MALISKA, M. E. Forçage e violência da linguagem. In: Giros da interpretação: o enigma na literatura e na psicanálise. [Local não informado]: [Editora não informada], 2015.

MANZOLLI, J. Interpretação mediada: pontos de referência, modelos e processos criativos. *Música Hodie*, v. 13, n. 1, p. 48-63, 2013.

MARCOS, C. M. O objeto na anorexia: da falta do objeto ao objeto nada. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, v. 14, p. 987-1004, 2014.

MILLER, J-A. Percurso de Lacan: uma introdução. Tradução de Ari Roitman. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 152 p. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

MILLER, J. A. Jacques Lacan e a voz. *Opção Lacaniana On-line*, nova série, v. 11, p. 1-13, 2013.

MILNER, J. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MINAYO, M.C. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, E.; CARVALHO, G. Repetição em aquisição de linguagem: notas sobre o espelhamento sonoro infantil e a ecolalia no autismo. Dissertação de Mestrado. Recife, 2021.

MORIM, E; LE MOIGNE, J. A Inteligência da Complexidade. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MORIM, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NEVES, E. S. Tudo Que Você Gostaria de Saber Sobre LACAN e Ousou Perguntar a Slavoj Žižek: Psicanálise e Cinema. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 28, p. 27-39, set. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372005000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 ago. 2025.

NICOLESCU, B. O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.

NOVODVORSKI, A. As palavras-chave tiempo/tempo: um estudo empírico-descritivo em corpus literário traduzido. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 32, n. 1, p. 170–193, 2016. DOI: . Disponível em: . Acesso em: 28 ago. 2025.

PAUL, P. Os diferentes níveis de realidade: o paradoxo do nada. São Paulo, Polar Editorial, 2011.

PELEGRINI, T. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. *Revista Urutágua*, v. 8, 2006. [online]. Disponível em: <>. Acesso em: 23 jul. 2017.

PIRES, L. P. C. A marca do desencontro. *Revista Mente e Cérebro*, n. 178, p. 74-79, nov. 2007.

PORGE, E. Voz do eco. Campinas: Mercado da Letras, 2014.

PORGE, E. Sujeito. In: KAUFMANN, P. (ed.). Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 501-502.

POZZATO, V. G.; VORCARO, A. M. R. Aproximações e distinções entre os autismos e as psicoses em crianças: condições da alienação à linguagem. *Analytica*, v. 3, n. 5, p. 137-156, 2014.

PRADO, L. T. do. Trilhas da vida. São Paulo: Loyola, 2003.

QUEIROZ, E. Pesquisa psicanalítica e produção de conhecimento. São Paulo: Escuta, 1999.

QUEIROZ, T. C. N.; CORREA, J. R. A. Algumas considerações sobre a falha epistemo-somática e suas manifestações na criança. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online], v. 5, n. 4, p. 74-84, 2002. ISSN 1415-4714.

QUEIROZ, E. Psicanálise, pesquisa e transmissão. São Paulo: Escuta, 2005.

QUINET, A. As 4+1 condições da análise. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

QUINET, A. A psicanálise na era trans. *Stylus* (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 35, p. 13-22, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 nov. 2025.

RESSONÂNCIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ressonancia/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010.

ROSA, M. D. Psicanálise, política e cultura. São Paulo: Escuta, 2004.

SAAD, A. G. de F.; GOLDFELD, M. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. *Pró-Fono: Revista de Atualização Científica*, v. 21, n. 3, p. 255-260, 2009.

SAFRA, G. O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In: SILVA, M. E. L. (org.). [Dados da obra não informados]. 1993.

SANTOS, A.; SANTOS, A. C. S.; CHIQUIERI, A. M. C. A dialógica de Edgar Morin e o terceiro incluído de Basarab Nicolescu: uma nova maneira de olhar e interagir com o mundo. III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2009. Disponível em: <>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SAUSSURE, F. de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

Segal, A. M. de R. O lugar dos pais na psicanálise de crianças. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

SERPA, A. Quem são os outros na/da avaliação: caminhos possíveis para uma prática dialógica. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA NETO, I. V. E. A teoria das pulsões em Freud e Lacan: pontos de convergência e de divergência. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SOLER, C. O sujeito e o Outro I. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (org.). Para ler o Seminário 11 de Lacan: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 52-57.

TRINDADE, H. (org.) O positivismo: teoria e prática. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

TUCHERMAN, I. Breve história do corpo e de seus monstros. Lisboa: Veja, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VICENZI, E. Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. *Ágora* (Rio J.), v. 12, n. 1, jun. 2009. Disponível em: <>. Acesso em: 28 ago. 2025.

VIEIRA, F. M. A caracterização do sujeito freudiano a partir do conceito de trieb. *Revista AdVerbum*, v. 5, n. 2, p. 90-97, ago.-dez. 2010.

VIVÈS, J.-M. A pulsão invocante e os destinos da voz. *Psicanálise & Barroco*, v. 7, n. 1, p. 186-202, jul. 2009.

VIVÈS, J.-M. Se um discurso pode ser sem fala/palavras, ele pode ser sem voz? In: LEITE, N. V. A.; MILÁN-RAMOS, J. G.; MORAES, M. R. S. (orgs.). *De um discurso sem palavras*. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

VIVÈS, J. A improvisação materna. São Paulo: Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, 2016. Disponível em: <voxinstituto.com.br>.

VORCARO, A. A criança na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

VORCARO, A. Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. In: NETO, F. K. (org.). [Dados da obra]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VORCARO, A.; CATÃO, I. Invocação e endereçamento: sobre a sustentação teórica de uma práxis com o infans. In: MALISKA, M. E. (org.). *A voz na psicanálise: suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura*. Curitiba: Juruá, 2015. p. 47-62.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZANOLA, P. C.; LUSTOZA, R. Z. Alienação e separação no Seminário 11 de Lacan: uma proposta de interpretação. *Tempo Psicanal*, v. 51, n. 2, p. 121-139, 2019.